

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

copyright Hedra
edição brasileira© Hedra 2018
tradução© Adriano Scatolin
título original De coniuratione Catilinæ
edição consultada Ernout-Les Belles Lettres
primeira edição Primeira edição
edição Jorge Sallum
coedição Luis Dolhnikoff
assistência editorial Luan Maitan
corpo editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Oliver Tolle,
Renato Ambrosio,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Silvio Rosa Filho,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

Salústio

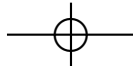
Adriano Scatolin (*organização*)

Adriano Scatolin (*tradução*)

1ª edição

hedra

São Paulo_2018

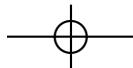


Sumário

Introdução, *por Adriano Scatolin e Marlene L.V. Borges* 7

A CONJURAÇÃO DE CATILINA 11

Posfácio: Salústio e a conjuração 83



Introdução

*Adriano Scatolin e
Marlene L.V. Borges*

A *Conjuração de Catilina* relata o conjunto de eventos que constituíram o malogrado plano de Lúcio Sérgio Catilina (108–62) para se assenhorear do poder em Roma, no ano do consulado de Cícero, 63¹. Catilina, de família patricia romana, provavelmente pretor em 68, governador da província da África no intervalo de 67 a 66, tentara por duas vezes eleger-se cônsul, sem sucesso (64–63)². Candidato ao consulado para o ano de 63, fora derrotado por Cícero e Caio Antônio. Ao final desse ano, apoiado pela facção dos populares, candidata-se novamente ao mesmo cargo para o ano de 62, mas sofre outra derrota, desta vez para Lúcio Licínio Murena e Décimo Júnio Silano.

Nos últimos meses de 63, reunindo adeptos das mais variadas ordens sociais, decide recorrer à revolta armada para tomar o poder. Enquanto permanece em Roma, organizando o golpe, mantém na Etrúria um exército

1. Todas as datas são antes de Cristo, salvo menção em contrário. As abreviações das obras antigas seguem o padrão do *Oxford Latin Dictionary* e do *Greek English Lexicon*, de Liddell & Scott.

2. RAMSEY (2007: 229).

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

comandado por seu partidário Mânlio. A intenção de Catilina, conforme divulgado posteriormente, seria assassinar o cônsul Cícero, incendiar a Cidade e incitar os alóbroges, uma tribo da Gália, a uma revolta contra Roma, para que, na confusão, ficasse mais fácil tomar o poder. A trama chega aos ouvidos de Cícero, que denuncia o teor da conjuração ao Senado e ao povo por meio dos discursos que ficaram conhecidos como *Catilinárias*. No primeiro deles, Cícero desmascara Catilina no Senado e exige que ele se retire de Roma. Provém desse discurso a célebre frase que Cícero dirige ao conspirador: *Quo usque tandem abutere, Catilina, patientia nostra?* (“Afinal, até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência?”). Depois desse discurso, Catilina, acuado, foge de Roma e vai juntar-se ao exército de Mânlio na Etrúria. Enquanto isso, Cícero flagra os passos seguintes dos conjurados que Catilina deixara em Roma (Lêntulo, Cetego e outros), passando a ter, a partir de então, provas materiais e testemunhais da conjura. Colocado a par da situação, o Senado determina que se executem cinco dos conjurados que haviam sido capturados em Roma. Um exército comandado pelo outro cônsul, Caio Antônio, é enviado para enfrentar Catilina. Em fevereiro de 62, em Pistoia, Catilina e suas tropas são aniquilados pelas forças republicanas.

A revolta de Catilina era um tema perfeitamente adequado para Salústio redigir sua monografia histórica. Isto porque fora contemporâneo do episódio e conhecera pessoalmente os principais agentes da política naquele tempo. Acresce-se a isso o fato de que podia dispor de documentação abundante por tratar-se de

INTRODUÇÃO

fato recente, ocorrido aproximadamente 20 anos antes da escrita da obra. O tema da conjuração era também conveniente a Salústio por apresentar a oportunidade de examinar a degeneração moral que acreditava envolver a política e os costumes ao final da República romana. No que tange a esse aspecto, Salústio mostra, por meio do esboço que realiza do caráter de Catilina, que este era a figura ideal para personificar essa degeneração (IV, 1–8).

Salústio, ao compor a *Conjuração de Catilina*, estrutura a narrativa de modo complexo, rompendo várias vezes a ordem cronológica, intercalando digressões, discursos e retratos ao longo de todo o relato. O esquema que se apresenta a seguir é uma das possibilidades de interpretação do percurso narrativo que o autor realiza³:

Parte I — Antes do relato da conjuração

a) 1–4: prólogo, em que justifica seu abandono da política para escrever história. b) 5, 1–5, 8: esboço do caráter de Catilina. c) 5, 9–13, 4: digressão sobre o declínio da moralidade pública que teria seguido a vitória sobre Cartago.

Parte II — A conjuração

a) 14–16, 3: descrição do caráter dos adeptos de Catilina e ações deste quando jovem; b) 16, 4–16, 5: con-

3. Baseamo-nos, aqui, na divisão de SYME (1964). Embora, na numeração da tradução, adotemos a convenção do texto de base de ERNOUT (1996), com capítulos em números romanos e seções ou parágrafos em arábicos, usamos apenas estes no esquema a seguir, nas notas à tradução e no posfácio, para maior comodidade visual.

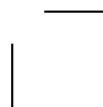
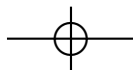
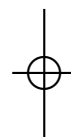
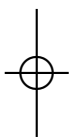
A CONJURAÇÃO DE CATILINA

cepção do plano da conjuração. c) 17: reunião de Catilina com seus sequazes em junho de 64 para dar início aos preparativos da conjuração. d) 18–19: retorno cronológico para narrar uma conjuração anterior contra a República, da qual Catilina teria participado. e) 20–31: relato da formação da conjuração, com intercalação, no capítulo 20, do discurso de Catilina a seus adeptos, e no capítulo 25, do retrato de Semprônia. e) 32: fuga de Catilina para a Etrúria. f) 33–36, 3: preparativos da conjuração/Catilina e Mânlio decretados inimigos públicos pelo Senado. g) 36, 4–39, 5: digressão sobre as condições políticas em Roma e possíveis causas da conjuração.

Parte III – Descoberta da conjuração

a) 39, 6–50, 5: as ações da conspiração em Roma, a traição dos alóbroges, a descoberta da conjuração. b) 51 – discurso de César no Senado. c) 52 – discurso de Catão no Senado. d) 53–54: retrato comparativo (síncrise) de César e Catão. e) 55 – execução dos conspiradores em Roma. f) 56–58: Catilina exorta suas tropas à luta, por meio de um discurso, depois de tomar conhecimento da execução dos companheiros em Roma. g) 59–61: relato da batalha final e da morte de Catilina.

A Conjuração de Catilina



I. 1. A TODOS OS HOMENS QUE anseiam superar os restantes animais, cumpre empenharem-se com o máximo afínco para que não atravessem a vida no silêncio¹, tal como o gado, que a natureza criou curvado e obediente ao ventre. 2. Ora, todo o nosso poder reside na mente² e no corpo: da mente, valemo-nos mais para comandar, do corpo, para servir; compartilhamos uma com os deuses, o outro, com as feras. 3. Daí parecer-me mais correto buscar a glória pelos recursos da inteligência³ do que pelos da força e, uma vez que a própria vida que gozamos é breve, tornar o mais duradoura possível a recordação de nós mesmos. 4. De fato, a glória do dinheiro

1. “No silêncio”, como tradução de *silentio*, em vez de simplesmente “em silêncio”, para tentar passar o duplo sentido do original: “em silêncio”, sim, porque não se manifesta, mas também “em meio ao silêncio”, porque ninguém fala a seu respeito (ideia explicitada em II, 8). Cf. Woodman (1973) e Baker (1982).

2. *Animus* é termo polissêmico: pode traduzir $\psi\upsilon\chi\acute{\eta}$, tendo então o significado de “alma”, mas também pode significar “ânimo”, “espírito” e “mente”. Adotamos esta última opção por dois motivos: para diferenciar de *anima*, que Salústio também usa para traduzir $\psi\upsilon\chi\acute{\eta}$ (*Catilina*, I, 8 e *Jugurta*, II, 1: “De fato, tal como a raça humana é composta de corpo e alma (*anima*), assim também todas as nossas atividades e aspirações seguem, umas, a natureza do corpo, outras, a da mente (*animus*)”); e o contexto do prefácio da *Conjuração* parece concernir sobretudo ao aspecto do pensamento e da inteligência.

3. *Ingenium*, além de “inteligência”, pode significar ainda “engenho”, “talento”, noções que também parecem presentes no contexto.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

e da beleza é fugaz e frágil, a virtude⁴ é uma posse brilhante e eterna. 5. Ora, largo tempo disputou-se com ardor entre os mortais⁵ se a arte militar teria melhor êxito pela força do corpo ou pelo valor da mente. De fato, é preciso, antes de passar à ação, deliberar e, deliberado, logo agir. Desse modo, ambos, insuficientes por si só, carecem um do auxílio do outro.

II. 1. Então de início os reis — pois tal foi, no mundo, o primeiro nome do poder —, opostos, parte exercitava a inteligência, outros, o corpo; até então a vida dos homens transcorria sem cobiça, a cada um bastava o que era seu⁶. 2. Porém, só depois que Ciro⁷, na Ásia, os lacedemônios e os atenienses, na Grécia, passaram a subjugar urbes e gentes, a ter, como pretexto de guerra, o desejo de domínio, a depositar a maior glória na maior potência, é que se notou, pela experiência e pela prática, que, na guerra, sobretudo a inteligência tem poder. 3. É que se o vigor da mente de reis e comandantes tivesse tanta força na paz como na guerra, seriam mais uniformes e constantes as humanas coisas, nem se veria cada

4. *Virtus* é a qualidade do *vir*, “varão”, podendo significar, além de “virtude”, “bravura”, “coragem” e, tal como o grego ἀρετή, “excelência”. Nossa opção por “virtude” deve-se ao caráter moralizante do prefácio.

5. Ao longo da *Conjuração*, Salústio utiliza poeticamente a forma *mortalis*, “mortal”, para falar dos humanos e do que é humano.

6. Do ponto de vista moderno, este retrato idealizado do passado nada tem de histórico. Na economia da obra, entretanto, ele é coerente com a visão de decadência dos costumes que fundamenta o entendimento e a apresentação dos fatos e dos agentes históricos na *Conjuração*.

7. Fundador do Império Persa, que governou de c. 559–530.

SALÚSTIO

uma arrastada para um lado, nem tudo a se mudar e confundir. 4. Pois fácil se mantém um domínio pelos dotes com que foi de início conquistado. 5. Porém, quando acometem, em lugar do labor, a indolência, em lugar da temperança e da equidade, o desejo e a soberba, muda-se com os costumes a fortuna. 6. Assim, o poder sempre passa do menos bom a alguém melhor. 7. O que aos homens vem do arar, navegar, edificar obedece inteiramente à virtude. 8. Mas muitos mortais, entregues ao ventre e ao sono, indoutos e incultos, atravessam a vida tal como viajores. Para eles, em clara oposição à natureza, o corpo é fonte de prazer, a alma, um fardo. Deles eu julgo vida e morte próximas, pois que de ambas se cala. 9. Parece-me viver e desfrutar da vida apenas quem, ocupado com alguma atividade, busca a glória de feito ilustre ou de bom dote⁸.

III. 1. Porém, na imensa soma dos acontecimentos, a cada um a natureza mostra o seu caminho. É belo agir bem pela República, mas não destoa o dizer bem. Na paz como na guerra é possível tornar-se ilustre; os que realizaram, os que escreveram as realizações alheias, em grande número se louvam⁹. 2. E a mim, pelo menos, embora seja absolutamente diversa a gló-

8. A glória que Salústio busca advirá do bom uso de seu engenho, convertido na escrita da *Conjuração*.

9. “Os que realizaram”, como os comandantes de guerra; “os que escreveram”, como os historiadores que abordaram os feitos de tais comandantes. Exemplos célebres, na época de Salústio, eram os historiadores de Alexandre, o Grande, e Teófanos de Mítilene, historiador de Pompeu Magno. Eles são mencionados conjuntamente por Cícero na *Defesa de Árquias*, 24.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

ria que acompanha o escritor e o realizador dos feitos, parece-me sobremaneira árduo escrever as gestas: primeiro, porque se devem igualar feitos e ditos¹⁰; em seguida, porque a maioria considera os delitos que se censuram fruto de malevolência e inveja; quando se rememoram o grande valor e a glória dos homens de bem, cada qual recebe com indiferença o que julga fácil fazer, o que lhe está acima, toma por falso, como forjado¹¹. 3. Mas eu, ainda bem jovem, de início, tal como a maioria, lancei-me com ardor à vida pública, e enfrentaram-me aí muitas adversidades. Pois imperavam, em lugar do pudor, da integridade, da virtude, a audácia, a largueza, a avidez. 4. Embora meu ânimo, desfeito das más condutas, as desprezasse, em meio a tamanhos vícios minha idade vacilante¹² mantinha-se corrompida pela ambição; 5. e a mim, divergindo embora dos maus costumes dos demais, atormentava-me, pela fama e pela inveja, o mesmo desejo de honra que aos restantes.

IV. 1. Então, quando meu ânimo teve descanso das muitas misérias e perigos e decidi manter o restante de

10. Entenda-se: para feitos ou fatos grandiosos será preciso encontrar palavras adequadas. Salústio tem em mente o *modus scribendi* do historiador, a elocução decorosa e apta que deverá empregar para fazer jus à grandiosidade do tema.

11. Salústio refere-se aos dois aspectos complementares da história escrita com viés moral: a crítica dos vícios e o louvor das virtudes.

12. Também nos processos judiciais a defesa de um réu, ou, pelo menos, a atenuação de uma admissão de culpa, baseavam-se muitas vezes na pouca idade do acusado. É o que acontece, por exemplo, na defesa que Cícero fez de seu pupilo Marco Célio, em 56 a.C. Cf. *Cael.* 11, 75 e 77.

SALÚSTIO

minha vida longe da vida pública, não quis exaurir meu bom ócio na apatia e na indolência, ou mesmo passar a vida voltado ao cultivo do campo ou à caça, tarefas de escravos¹³; 2. mas, tornando àquele mesmo projeto e estudo de que me apartara a má ambição, decidi minuciar os feitos do povo romano por partes, conforme cada um parecesse digno de recordação¹⁴; tanto mais que meu ânimo estava livre das expectativas, receios, facções da política¹⁵. 3. Assim, concisamente¹⁶, descreverei a conjuração de Catilina¹⁷ da maneira mais verídica possível¹⁸, 4. pois considero tal feito sobremaneira memorável pela novidade do crime e do perigo¹⁹. 5. É preciso que fale umas poucas palavras acerca do caráter

13. Ou seja, não querendo ou não podendo mais servir à República pela participação ativa na política, Salústio será útil a ela por meio da escrita da história.

14. “Por partes” indica a adoção da forma da monografia histórica; “cada um” parece apontar para um projeto historiográfico em várias monografias (Salústio comporia apenas mais uma, a *Guerra de Jugurta*); “digno de recordação” é o critério de escolha do tema histórico.

15. Trata-se da tópica da imparcialidade do historiador.

16. “Concisamente” refere-se tanto à adoção da monografia histórica como à elocução do autor, ou seja, sua maneira de escrever.

17. Enunciação do tema e do recorte da monografia, passagem de que os estudiosos também derivam o título da obra.

18. A busca da verdade também era uma tópica tradicional, quase protocolar, nos prefácios dos historiadores. Ela está intimamente relacionada à imparcialidade do historiador, permitindo-lhe não distorcer os fatos por simpatia ou antipatia pelos agentes históricos.

19. Outra tópica, preceituada nos manuais de retórica para os exórdios dos discursos em geral e adotadas em particular no gênero histórico, é a da grandiosidade do tema. A finalidade é tornar o leitor atento ao assunto. Cf. *Rhet. Her.* 1, 7; Cícero, *Inv.* 1, 23.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

desse homem antes que dê início à narração²⁰.

V. 1. Lúcio Catilina, oriundo de linhagem nobre²¹, tinha grande vigor intelectual e físico, mas uma índole perversa e depravada²². 2. Desde a adolescência eram-lhe caras as guerras internas, as matanças, as pilhagens, a discórdia civil²³, e nisso ocupou sua juventude²⁴. 3. Seu corpo suportava, mais do que se pode crer, a fome, o frio, o sono²⁵. 4. Seu ânimo era ousado, astuto, versátil, simulador e dissimulador do que quer que fosse; desejoso do alheio, dissipador do que era seu, ardente nas paixões; grande era sua eloquência²⁶; sua sabedoria, parca. 5. Seu ânimo insaciável sempre desejava o des-

20. Dado o viés moral da obra, torna-se essencial um retrato do protagonista da trama. O retrato explica e antecipa características de Catilina ao longo da *Conjuração*, como apontaremos em nota.

21. A linhagem da *gens Sergia*, de antiquíssima tradição em Roma.

22. É exatamente assim que Salústio representará Catilina na descrição da batalha final, em LX, 4.

23. Alusão à participação de Catilina na guerra civil dos anos 80, na facção sulana, e de seu envolvimento nas proscrições que se seguiram.

24. Ocorre aqui um contraste implícito: enquanto Salústio abandonara as práticas corrompidas, restringindo-as à juventude, para depois buscar a glória na escrita da história, Catilina mantém, quando adulto, a índole que já demonstrara em seus anos mais jovens.

25. Cf. Cícero, *Catil.* 1, 26: “Tens aí onde possas ostentar essa tua famosa capacidade em suportar a fome, o frio, a carência de tudo; e em breve perceberás que foi isso que deu cabo de ti”; e 3, 16: “podia suportar o frio, a sede e a fome” (referências em Ramsey (2007) *ad locum*; tradução de Pinho (1974)).

26. Como será exemplificado no discurso de Catilina às tropas, antes da batalha final contra as forças do lugar-tenente Marco Petreio (LVIII, 1–21).

SALÚSTIO

medido, o inacreditável, o inatingível. 6. Depois da tirania de Lúcio Sula, assaltara-o um enorme desejo de tomar a República, não medindo os meios para consegui-lo, contanto que obtivesse a monarquia. 7. Agitava-se mais e mais, com os dias, seu ânimo bravio em virtude do esgotamento do patrimônio familiar e do remorso dos crimes, alimentados, um e outro, pelas qualidades a que fiz menção anteriormente. 8. Incitavam-no, de resto, os costumes corrompidos da cidade, que eram movidos por males terríveis e opostos, o luxo e a avidez. 9. Já que a ocasião nos lembrou os costumes da cidade, o próprio tema parece exigir que remontemos ao passado²⁷ e, breves²⁸, discutamos as instituições de nossos antepassados na paz e na guerra, de que modo governaram a República e com que extensão a legaram, como, mudando aos poucos, de bela e grandiosa que era, tornou-se extremamente perversa e dissoluta.

VI. 1. A cidade de Roma, segundo a tradição, fundaram e habitaram de início os troianos, que, fugitivos, sob o comando de Eneias, erravam sem morada certa, e, com eles, os aborígenes, raça agreste, sem leis, sem governo, livre e desregrada. 2. Depois que se reuniram dentro de uma única muralha, incrível é mencionar a facilidade com que, malgrado a diversidade de raças, a diferença entre as línguas, vivendo cada qual segundo seu costume, acabaram por se fundir: <assim, breve, uma

27. Salústio busca evidenciar que a digressão sobre o passado de Roma que fará em seguida está íntima e adequadamente ligada ao tema em questão, não se tratando de desvio ornamental do assunto.

28. Novamente acena, a um só tempo, para a extensão da digressão e para o seu modo conciso de escrita.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

multidão diversa e errante tornou-se numa cidade²⁹.>

3. Mas depois que sua cidade cresceu em virtude de seus cidadãos, seus costumes, suas terras, e parecia já bastante próspera, bastante poderosa, tal como se dá na maior parte do que é mortal, da opulência nasceu a inveja. 4. Então os reis e os povos vizinhos os põem à prova com a guerra, poucos, dentre os aliados, vêm-lhes em auxílio, pois os demais, abatidos pelo medo, mantinham-se apartados dos perigos. 5. Porém, os romanos, atentos na paz como na guerra, de pronto agem, preparam-se, encorajam-se uns aos outros, avançam contra os inimigos, defendem a liberdade, a pátria e os pais com suas armas. Depois, quando haviam afastado já os perigos com seu valor, levavam auxílio aos aliados e amigos e forjavam alianças antes concedendo que recebendo benefícios. 6. Tinham um governo legítimo, como nome do governo, a monarquia. Os escolhidos, que tinham o corpo debilitado já pelos anos, o entendimento saudável pela sabedoria, velavam pela república; esses, fosse pela idade, fosse pela semelhança do encargo, eram denominados “pais”. 7. Depois, quando o governo monárquico, que de início servira para preservar a liberdade e ampliar a república, converteu-se

29. Sêrvio Honorato, comentando *Eneida*, 1, 6, aponta a filiação de Salústio às *Origens* de Catão no que concerne ao papel dos aborígenes na história de Roma: “[...] Catão, nas *Origens*, cuja autoridade Salústio segue na *Guerra de Catilina*, afirma o seguinte: ‘Originalmente, habitavam a Itália certos homens que eram denominados aborígenes. Posteriormente, com a chegada de Eneias, eles se misturaram aos frígios e foram denominados latinos’” (referência em Ramsey (2007) *ad locum*.)

SALÚSTIO

em soberba e tirania³⁰, mudaram a tradição³¹, estabelecendo governos anuais e dois governantes³²: desse modo, julgavam mínimas as possibilidades de o espírito humano assoberbar-se pelo poder³³.

VII. 1. Ora, naquele tempo, eles passaram, cada qual, a distinguir-se e a pôr mais à mostra seu engenho. 2. De fato, para os reis, os homens de bem são mais suspeitos do que os maus, e o valor dos outros lhes é sempre temível. 3. Mas a Urbe, incrível é mencionar com que rapidez cresceu depois de conseguir a liberdade³⁴, tamanho desejo de glória a tomara. 4. Agora, por primeiro, a juventude, tão logo se tornava apta a suportar a guerra, aprendia a arte militar na prática, com as operações nos acampamentos, e encontravam³⁵ maior prazer em luzentes armas e cavalos de guerra do que em rameiras e banquetes. 5. Então, para tais homens nenhuma fadiga era estranha, nenhum lugar era difícil ou inacessível, nenhum inimigo armado, temível: a bravura superara todos os obstáculos. 6. Ora, havia, entre eles,

30. Alusão a Tarquínio, o Soberbo, o último rei de Roma.

31. Com a derrubada da Monarquia, em 510 a.C., por obra de Lúcio Júnio Bruto.

32. O governo anual era o consulado. A cada ano, dois novos cônsules assumiam o cargo. A contagem dos anos passou a ser por isso feita com base no nome dos cônsules de cada ano.

33. Em teoria, o fato de sempre haver dois cônsules dividindo o poder em pé de igualdade serviria como garantia de que um não se projetaria sozinho acima dos demais cidadãos, por uma espécie de equilíbrio de forças.

34. Com o fim da Monarquia e o estabelecimento da República.

35. Atente-se à construção *ad sensum*: como “juventude” pressupõe uma ideia de coletivo, equivalendo aqui a “jovens”, Salústio alterna o tempo verbal do singular para o plural.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

uma enorme disputa pela glória: cada qual esforçava-se por golpear o inimigo, escalar muralhas, ser visto ao fazer tal façanha. Julgavam essas as riquezas, essa a boa reputação e a grande nobreza. Eram ávidos de louvor, pródigos de dinheiro; desejavam glória enorme, riqueza honrosa. 7. Enumeraria em que ocasiões o povo romano dispersou vastas tropas de inimigos com um pequeno contingente, que cidades naturalmente protegidas tomou em combate, se isso não me afastasse de minha empresa.

VIII. 1. Ora, claramente, a Fortuna em tudo é soberana: ela, antes por capricho que justiça, a tudo torna célebre ou obscuro. 2. As façanhas dos atenienses, segundo julgo, foram bastante grandiosas e magníficas, mas não tão importantes, todavia, quanto afirma a tradição. 3. Porém, por haverem florescido ali grandiosos engenhos de escritores, os feitos dos atenienses são celebrados como os mais importantes pelo mundo. 4. Assim, o valor dos que os realizaram é considerado tanto maior quanto os engenhos ilustres os puderam exaltar com palavras. 5. Mas o povo romano nunca teve tal oportunidade³⁶, porque os mais sagazes eram os mais ocupados: ninguém exercitava a inteligência sem o corpo, os melhores preferiam agir a falar, que outros louvassem suas grandes empresas a eles próprios narrarem as alheias.

IX. 1. Assim, na paz como na guerra cultivavam-se os bons costumes; suma era a concórdia, a avidez,

36. Salústio pretende preencher a alegada lacuna com a escrita de sua obra.

SALÚSTIO

quase nenhuma. Entre eles, a justiça e a retidão não vigoravam mais pelas leis do que pela natureza³⁷. 2. Entregavam-se às rixas, às discórdias, às rivalidades com os inimigos, cidadãos disputavam com cidadãos pelo mérito³⁸. Nas oferendas aos deuses eram magníficos, em casa, comedidos, aos amigos, fiéis. 3. Com estas duas qualidades, a audácia na guerra, quando a paz chegara, a equidade, cuidavam de si e da República. 4. Tenho, como as maiores provas disso³⁹, os seguintes fatos: o de, na guerra, terem-se punido com maior frequência os que enfrentaram os inimigos desobedecendo às ordens e os que, com ordens de se retirar do combate, tardaram a deixá-lo, que os que ousaram abandonar os estandartes ou, expulsos de sua posição, bater em retirada; 5. já na paz, o fato de exercerem o poder antes por benefícios que pelo medo, e preferirem perdoar as ofensas recebidas a procurar vingança.

X. 1. Porém, quando a República cresceu com o labor e a justiça, grandes reis foram domados pela guerra,

37. Entenda-se: os antigos eram justos e corretos por sua própria natureza, sem terem de se ver coagidos a tais virtudes pela lei e, como está implícito, pelos castigos impostos por esta.

38. Observação que deveria repercutir fortemente entre os leitores contemporâneos de Salústio, já que a escrita da obra deu-se em época de turbulência e de guerras civis: a lembrança da guerra entre César e Pompeu ainda era recente e, dependendo da data de escrita — certamente depois dos Idos de Março, embora não se saiba ao certo quando —, já se aproximavam ou já estavam em andamento novos conflitos. Cf. Ramsey (2007: 6–7).

39. Com a enumeração das provas de sua afirmação, Salústio busca consolidar sua autoridade de historiador e a credibilidade de seu relato.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

gentes feras e povos poderosos foram submetidos à força, Cartago, rival do poderio romano, foi aniquilada pela raiz, todos os mares e terras estavam abertos, a Fortuna passou a se enfurecer e a pôr tudo em desordem⁴⁰. 2. Os que haviam facilmente suportado as fadigas, os perigos, as situações incertas e difíceis, a eles o ócio e a riqueza, desejáveis em outras circunstâncias, foram fardo e miséria. 3. Então, primeiro cresceu o desejo de dinheiro, depois, o de poder: estes foram como que a substância de todos os males. 4. De fato, a avidez fez cair por terra a lealdade, a integridade e os demais bons dotes; em lugar deles, ensinou a soberba, a crueldade, a descuidar os deuses, a tudo ter na conta de venal. 5. A ambição constrangeu muitos mortais a se tornarem falsos, a ter uma coisa encerrada no peito, outra à mostra nos lábios, a julgar amizades e inimizades não por si mesmas, mas por conveniência, e a ter antes a fisionomia que a índole boa. 6. Tais males, de início, crescem aos poucos, por vezes se punem. Depois, quando a infecção se espalhou como uma peste, a cidade mudou, o governo, de mui justo e bom que era, tornou-se cruel e intolerável.

XI. 1. Ora, de início a ambição, mais do que a avidez, inquietava os ânimos dos homens, embora tal vício estivesse bem próximo à virtude. 2. É que tanto o honesto como o indolente buscam para si a glória, a honra, o poder, mas aquele avança pelo reto caminho; por faltarem a este bons dotes, luta por meio de enga-

40. Salústio estabelece, com esta observação, o fim da Terceira Guerra Púnica, em 146, como o momento crucial, na história de Roma, em que os costumes da Cidade começaram a corromper-se.

SALÚSTIO

nos e mentiras. 3. A avidez contém em si o desejo de dinheiro, o que sábio nenhum anseia; ela, como que impregnada de drogas maléficas, efemina o corpo e o ânimo viris, é sempre infinita, insaciável, não diminui com a riqueza ou a pobreza. 4. Ora, depois que Lúcio Sula tomou o poder pelas armas e fez que a bons inícios se seguissem maus resultados, todos roubam, saqueiam, este deseja uma casa, terras, aquele; vencedores, não têm moderação ou medida, cometem crimes terríveis e cruéis contra os cidadãos⁴¹. 5. Somava-se a isso o fato de Lúcio Sula, contra os costumes ancestrais, manter o exército que comandara na Ásia em meio ao luxo e à excessiva libertinagem, a fim de garantir sua lealdade. Paragens amenas, aprazíveis haviam facilmente debilitado, na paz, os bravos ânimos dos soldados. 6. Ali, pela primeira vez, o exército do povo romano acostumou-se a fornicar, beber, admirar estátuas, pinturas, vasos entalhados, saqueá-los privada e publicamente, espoliar os santuários, macular tudo o que é sacro ou profano. 7. Tais soldados, então, depois de alcançar a vitória, nada deixaram aos vencidos. Se a prosperidade atormenta os ânimos dos sábios, tampouco eles, com seus costumes corrompidos, poriam limite à vitória.

XII. 1. Depois que as riquezas passaram a ser fonte de honra e a elas seguiam a glória, o poder, a influência, começou a enfraquecer-se a virtude, a posse de pouco, a ser tida em desprezo, a honestidade, a passar por ma-

41. Salústio refere-se à guerra civil de 83–82, à ditadura de Sula que se seguiu e às proscrições e abusos que decorreram de seu mando.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

levolência. 2. Então, pelas riquezas, o luxo e a avidez, mais a soberba, assaltaram a juventude: saqueiam, gastam, pouco apreciam o que é seu, desejam o alheio, consideram indiferentes o recato, o pudor, o divino e o humano, não têm qualquer escrúpulo ou moderação. 3. Vale a pena, ao conhecer as casas e as vilas construídas à maneira de cidades, visitar os templos dos deuses, que nossos antepassados, mortais profundamente religiosos, construíram. 4. Estes, porém, ornavam os santuários dos deuses com sua devoção, suas casas, com sua glória, e não tomavam aos vencidos senão a possibilidade de ofensa. 5. Já aqueles, em contrapartida, homens por demais indolentes, tomam aos aliados, no maior dos crimes, tudo o que os vencedores, bravíssimos varões, deixaram — como se empregar o poder consistisse precisamente em cometer ofensas. XIII. 1. De fato, por que mencionar aquilo em que não podem crer senão os que o viram: montanhas postas abaixo, mares aterrados por diversos cidadãos?⁴² 2. A eles, parece-me, as riquezas eram motivo de escárnio, uma vez que se apressavam, pela torpeza, em abusar das que lhes era concedido ter honestamente. 3. Ora, espalhara-se um desejo não menor de adultério, orgias e demais

42. Ernout (1996: 67, n. 2) e Chassignet (1999: 23, n. 40) apontam Luculo como possível referência desta alusão. De fato, a acreditar no relato do historiador Veleio Patérculo (2, 33), Luculo recebera de Pompeu Magno, por conta justamente desse tipo de prática de construção que avançava sobre o mar e de nivelamento de terras montanhosas, a alcunha de “Xerxes de toga”. Evidentemente, não está descartado que outros aristocratas também fossem visados pelo moralista.

SALÚSTIO

dissipações: os homens comportam-se como mulheres, estas põem à venda a castidade; tudo examinam em terra e mar em busca de diferentes iguarias; dormem antes de ter sono; não aguardam fome ou sede, nem frio ou cansaço, mas antecipam-nos todos pelo excesso. 4. Tais coisas incitavam a juventude aos crimes, quando os bens familiares faltavam: não era fácil, a um ânimo impregnado de vícios, privar-se dos prazeres; por isso entregara-se por todos os meios aos ganhos e aos gastos, sem qualquer moderação.

XIV. 1. Numa cidade tão grande e tão corrompida, Catilina mantinha a seu redor, como guardas — o que era extremamente fácil de fazer —, bandos de escândalos e delitos de toda espécie⁴³. 2. De fato, todo aquele que, devasso, adúltero, glutão, dilacerara os bens paternos com os dados, o ventre, o pênis⁴⁴, bem como os que contraíram enormes dívidas para obter a absolvição de um escândalo ou delito; 3. demais, os assassinos todos de toda parte, sacrílegos, condenados em julgamento ou no temor deste por seus atos; além disso, aqueles a quem a mão e a língua alimentavam com perjúrio ou sangue civil, todos, por fim, a quem atormentavam a desonra, a pobreza, a culpa — esses eram íntimos e familiares de Catilina⁴⁵. 4. É que mesmo alguém isento de culpa, se incorria em sua amizade, fácil tornava-se

43. Uma imagem forte: escândalos e delitos são personificados, para compor a guarda de Catilina!

44. Outra imagem bastante forte, direta e concreta, como referência ao jogo, à gula e à fornicção.

45. Assim como Catilina, seus cúmplices de conspiração são pintados com as grossas tintas da invectiva.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

igual e semelhante aos demais em virtude do hábito e dos atrativos cotidianos. 5. Porém, ele buscava sobretudo a intimidade dos jovens: seus ânimos, maleáveis ainda e vacilantes [pela idade], eram capturados sem dificuldade por seus enganos. 6. De fato, conforme ardia o desejo de cada um, por conta da idade, a uns fornece prostitutas, a outros, compra cães e cavalos; por fim, não poupava dinheiro ou dignidade, contanto que os tornasse submissos e leais a si. 7. Sei que houve quem julgasse que a juventude frequentadora da casa de Catilina tinha o pudor em pouca conta⁴⁶; mas tal rumor tinha força antes por motivos outros⁴⁷ que por alguém o ter efetivamente descoberto.

XV. 1. Já de início o jovem Catilina cometera diversos adultérios abomináveis: com uma virgem nobre, com uma sacerdotisa de Vesta, outros do gênero contra a lei humana e divina. 2. Por fim, tomado de amor por Aurélia Orestila, de quem um homem honesto jamais louvou senão a beleza, passa por certo que, como ela hesitava em desposá-lo, temendo um enteado em idade adulta, Catilina matou seu filho e esvaziou sua casa para

46. Conforme apontam os comentadores, temos aqui uma alusão a Cícero, que retrata a depravação dos conspiradores em várias passagens de seu *corpus* oratório: *Catil.* 2, 8; 2, 23–24; *Red. Sen.* 10; *Dom.* 62 (referências em Ernout (1996: 69, n. 1) e Ramsey (2007: 99), em nota a *nonnullos qui*).

47. “Motivos outros” seriam o interesse de Cícero em denigrir seu adversário, tática retórica que o orador adota, em seus discursos, para tratar de todos os seus grandes inimigos: além de Catilina, Verres, Clódio, Vatínio, Pisão, Gabínio e Marco Antônio. Salústio, em contrapartida, busca uma apresentação mais isenta, em conformidade com seu ofício de historiador.

SALÚSTIO

as núpcias criminosas. 3. Parece-me que esse foi o principal motivo de apressar o crime. 4. De fato, seu ânimo impuro, infesto a deuses e homens, não conseguia ter descanso, fosse na vigília, fosse no sono, de tal modo o remorso devastava sua mente aterrorizada. 5. Então sua cor era pálida, turvos, seus olhos; seu passo, rápido por vezes, por vezes, lento: em suma, a insânia estava em sua face e em seu rosto.

XVI. 1. Ora, à juventude, que, como dissemos acima, seduzira, ele ensinava, por muitos meios, crimes terríveis. 2. Dentre eles⁴⁸ fornece testemunhas e signatários falsos; ordenava que tivessem em pouca conta a lealdade, as fortunas, os processos⁴⁹; depois, quando esmagara sua reputação e pudor, outros delitos ainda mais graves. 3. Se faltava momentaneamente um pretexto para o erro, mesmo assim os fazia cercar, matar os inculpáveis como culpados. Sem dúvida, para que as mãos ou o ânimo não enfraquecessem pela ociosidade, era de preferência perverso e cruel gratuitamente. 4. Fiando-se em tais amigos e aliados, a um tempo porque eram enormes as dívidas por toda a parte e porque a maioria dos soldados de Sula, depois de dissipar o que era seu, lembrada das rapinas e da antiga vitória, desejava a guerra civil, concebeu o plano de aniquilar a República. 5. Na Itália não havia nenhum exército, Gneu Pompeu promovia a guerra nos confins do mundo⁵⁰; ele tinha

48. Ou seja, os jovens, ideia que se depreende de “juventude”. Nova *constructio ad sensum*.

49. Repare-se na alternância de tempos verbais (“fornece” — “ordenava”).

50. Pompeu detinha então um comando militar para enfrentar o

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

grande esperança em sua candidatura ao consulado⁵¹, o Senado estava absolutamente desatento: tudo estava seguro e tranquilo, mas isso era de todo propício a Catilina.

XVII. 1. Então, por volta das calendas de junho, no consulado de Lúcio César e Caio Figulo⁵², de início convoca-os todos, exorta a uns, a outros, sonda, informa-os de seus recursos, do despreparo da República, das grandes recompensas da conjuração. 2. Depois de assegurar o que pretendia, convoca a um único lugar todos os que tinham enorme necessidade e audácia inda maior. 3. Ali reuniram-se, da ordem senatorial, Públio Lêntulo Sura, Públio Autrônio, Lúcio Cássio Longino, Caio Cetego, Públio e Sérvio Sula, filhos de Sérvio, Lúcio Vargunteio, Quinto Ânio, Marco Pórcio Leca, Lúcio Béstia, Quinto Cúrio; 4. demais, da ordem equestre, Marco Fúlvio Nobílior, Lúcio Estatílio, Públio Gabínio Cápite, Caio Cornélio; além disso, muitos nobres locais das colônias e municípios. 5. Havia, de resto, diversos nobres participando desse plano de maneira mais velada, encorajados mais pela esperança de tirania do que por pobreza ou alguma precisão⁵³. 6. Além disso, a maior parte da juventude — embora sobretudo da nobreza — era favorável aos desígnios de Catilina: pudera embora viver no ócio, já na suntuosidade, já na lascívia,

rei Mitridades do Ponto, no oriente.

51. Entenda-se: Catilina.

52. Ou seja, cerca de 1º de junho de 64.

53. Salústio deixa à imaginação do leitor a identidade de tais membros da nobreza: tratar-se-ia de Marco Crasso? De Júlio César?

SALÚSTIO

preferiam⁵⁴ o incerto ao certo, a guerra à paz. 7. Houve também, naquela época, quem cresse que Marco Licínio Crasso não desconhecia seu plano: que, pelo fato de Gneu Pompeu, a quem odiava, comandar um grande exército, desejava que os recursos de quem quer que fosse crescessem contra a influência deste, ao mesmo tempo convicto de que, se a conjuração ganhasse força, facilmente se tornaria o líder entre eles⁵⁵.

XVIII. 1. Ora, do mesmo modo, anteriormente, uns poucos conjuraram contra a República, dentre os quais estava Catilina. Dela⁵⁶ falarei da maneira mais verídica possível⁵⁷. 2. No consulado de Lúcio Tulo e Mânio Lépido⁵⁸, Públio Autrônio e Públio Sula, designados cônsules⁵⁹, foram acusados de acordo com as leis de corrupção eleitoral e condenados. 3. Pouco tempo depois, Catilina, acusado de concussão, fora impedido de disputar o consulado porque não conseguira apresentar sua candidatura dentro do prazo legal. 4. Havia, na mesma época, Gneu Pisão, um jovem nobre de extrema audácia, pobre, sedicioso, a quem a penúria e o mau caráter

54. Construção *ad sensum* (“pudera” — “preferiam”), uma vez mais com a palavra “juventude”.

55. Outra construção *ad sensum*: o termo “eles”, referente aos conjurados, é sugerido pelo substantivo “conjuração”.

56. Nova construção *ad sensum*, desta vez em sentido inverso da que se encontra em XVII, 7: o verbo “conjuraram” sugere a ideia de “conjuração”, a que se refere o termo “dela”.

57. Retoma a tópica, já explorada no prefácio (IV, 3), da busca da verdade, decorrente da imparcialidade do historiador.

58. Isto é, em 66.

59. Salústio inverte a formulação tradicional, “cônsules designados”.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

estimulavam à perturbação da ordem pública. 5. Com ele, Catilina e Autrônio, por volta das nonas de dezembro⁶⁰, depois de informarem seu plano, preparavam-se para assassinar os cônsules Lúcio Cota e Lúcio Torquato no Capitólio, nas calendas de janeiro⁶¹, tomar eles próprios os fasces⁶² e enviar Pisão com um exército para ocupar as duas Hispânias. 6. Conhecida a trama, adiaram novamente o plano do assassinato para as nonas de fevereiro⁶³. 7. Já então maquinavam a ruína não apenas dos cônsules, mas da maior parte dos senadores. 8. É que se Catilina não se tivesse precipitado em dar o sinal a seus cúmplices diante da Cúria⁶⁴, naquele dia teria sido perpetrado o mais terrível crime desde a fundação da cidade de Roma. Por não se terem reunido homens armados em número suficiente, tal fato frustrou o plano. XIX. 1. Posteriormente, Pisão foi enviado à Hispânia citerior como questor propretor por influência de Crasso, porque o sabia inimigo infesto a Gneu Pompeu. 2. O Senado, contudo, não lhe concedera a província de mau grado, já que desejava longe da República esse homem abominável; ao mesmo tempo, muitos dos bons cidadãos julgavam que ele representava segurança, e já

60. Ou seja, por volta de 5 de dezembro.

61. Isto é, em 1º de janeiro.

62. Os fasces eram feixes de varas presos por tiras vermelhas que eram usados como insígnias do poder dos magistrados.

63. Isto é, para 5 de fevereiro.

64. A Cúria, localizada no fórum, era a sede do senado e lugar de boa parte de suas sessões (o senado também podia se reunir em lugares consagrados, como templos, por exemplo. É o que acontece na sessão do senado convocada por Cícero para enfrentar a crise, realizada no Templo da Concórdia. Cf. XLVI, 5.).

SALÚSTIO

então era temível o poderio de Gneu Pompeu. 3. Mas esse Pisão foi morto na província pelos cavaleiros hispanos que comandava no exército, durante uma marcha. 4. Há quem diga que os bárbaros não puderam suportar suas ordens injustas, arrogantes, cruéis; outros, por sua vez, que esses cavaleiros, clientes antigos e fiéis de Gneu Pompeu, atacaram Pisão com o consentimento daquele; que os hispanos, além disso, nunca cometeram um crime tal, mas toleraram muitos governos duros anteriormente. Quanto a nós, deixemos tal questão em suspenso⁶⁵. 5. Da primeira conjuração já se falou o bastante⁶⁶. XX. 1. Catilina, quando vê reunidos os que há pouco mencionei, embora houvesse não raro tratado de diversos pormenores com cada um deles, julgando que seria útil falar e exortar a todos juntamente, retirase para uma parte oculta de sua casa e ali, distante de qualquer testemunha, proferiu um discurso do seguinte teor:

2. “Se não houvesse eu mesmo comprovado vosso valor e lealdade, inutilmente se mostrara oportuna a ocasião; vã fora a grande esperança, a tirania já em nossas mãos, e eu não tomara, em virtude da covardia ou das falsas naturezas, por certo o que era incerto. 3. Porém, porque vos reconheci fortes e fiéis a mim em muitas e graves crises, meu ânimo ousou conceber

65. Coerentemente com o protocolo de imparcialidade do historiador, Salústio pesa as possibilidades e, na falta de evidências conclusivas, suspende seu julgamento.

66. Há quem considere fictícia a existência da primeira conjuração de Catilina. Leiam-se, a respeito, as palavras de Ramsey (2007: 237–239).

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

o maior e mais belo dos feitos, ao mesmo tempo por perceber serem, para vós, os bens e os males os mesmos que para mim: 4. de fato, querer e não querer o mesmo, eis, precisamente, o que é uma sólida amizade. 5. Mas todos vós já ouvistes anteriormente, em diversas ocasiões, o que tenho revolido em minha mente. 6. Além disso, meu ânimo inflama-se mais a cada dia, quando considero qual há de ser nossa condição de vida se nós mesmos não nos libertarmos. 7. De fato, depois que a República cedeu à lei e ao domínio de uns poucos poderosos, sempre os reis, os tetrarcas são-lhes tributários, os povos, as gentes pagam-lhes impostos; todos os demais, ativos, honestos, nobres e não nobres, formamos o vulgo, sem crédito, sem autoridade, submissos àqueles a quem, fizera a República jus ao nome, causaríamos terror. 8. E assim, todo crédito, influência, honraria, riqueza estão entre eles ou onde pretendem que estejam; a nós deixaram as derrotas, os perigos, os processos, a pobreza. 9. Até quando, então, o suportareis, bravíssimos varões?⁶⁷ Não é preferível morrer com valor a perder, com infâmia, uma vida miserável e desonrosa, em que se foi motivo de escárnio da soberba alheia? 10. Mas, a bem da verdade, pela fé de deuses e homens, a vitória está em nossas mãos, é valerosa a idade, o ânimo, forte; em contrapartida, tudo o que têm envelheceu com os anos e as riquezas. É preciso apenas o primeiro passo, o resto virá por si.

67. Paródia do célebre começo da primeira *Catilinária* (1,1): *quousque tandem, Catilina, abutere patientia nostra?* [“Afinal, até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência?”]

SALÚSTIO

11. E, de fato, quem, dentre os mortais de natureza viril, pode sofrer que lhes abundem as riquezas, para dilapidarem-nas construindo sobre o mar e aplainando as montanhas⁶⁸, que a nós falte o patrimônio familiar mesmo para o necessário? Que conjugem duas ou mais casas, enquanto em parte alguma temos um lar familiar? Enquanto comprem quadros, estátuas, vasos, derubam construções novas, constroem outras, em suma, por todos os meios pilham, devastam, não conseguem, todavia, apesar de seu imenso desejo, dar-lhes fim. 13. Nós, porém, temos a penúria em privado, as dívidas em público, uma realidade terrível, uma perspectiva muito mais dura: enfim, que nos resta senão um miserável sopro de vida? 14. Por que, então, não despertais? Eis que aquela liberdade, aquela que sempre desejastes, de resto, as riquezas, a honra, a glória encontram-se diante de vossos olhos; a Fortuna colocou-as todas como prêmios aos vencedores. 15. A situação, a ocasião, os riscos, a pobreza, os magníficos espólios de guerra vos servem de maior encorajamento do que meu discurso. 16. Servi-vos de mim, seja como comandante, seja como soldado⁶⁹: nem meu ânimo nem meu corpo se apartarão de vós. 17. Farei tais coisas junto convosco, segundo espero, como cônsul, a não ser que me engane, e estejais prontos antes a servir que a comandar”.

XXI. 1. Depois de ouvirem tais palavras, embora aqueles homens, sobre quem pesava todo tipo de des-

68. As palavras de Catilina ecoam as de Salústio, em sua digressão sobre a derrocada dos costumes de Roma (XIII, 1).

69. Catilina cumprirá sua promessa, conforme o relato de Salústio em LX, 4.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

graça, mas não possuíam nenhum recurso ou boa perspectiva, considerassem um grande ganho perturbar a ordem, exigiram, em sua maior parte, que explicitasse quais eram os termos da guerra, que prêmios pretendiam pelas armas, que recursos ou perspectivas tinham em cada lugar. 2. Então Catilina promete o perdão das dívidas, a proscrição dos ricos, magistraturas, sacerdotícios, pilhagens, tudo mais que trazem a guerra e o desejo dos vencedores⁷⁰. 3. De resto, Pisão encontra-se na Hispânia citerior, Públio Sítio, de Nucéria, na Mauritânia com seu exército, cúmplices de seu plano; disputa o consulado Caio Antônio, a quem espera ter como colega, homem não apenas seu amigo, mas também cercado de toda espécie de necessidades; cônsul, com ele dará início à empresa⁷¹. 4. Além disso, atacava a todos os bons cidadãos com impropérios, elogia cada um dos seus chamando-os pelo nome; relembra, a um, sua falta de recursos, a outro, sua cobiça, a diversos, o perigo ou a ignomínia, a muitos, a vitória de Sula, que lhes propiciara espólios⁷². 5. Depois que vê os ânimos ansiosos de todos, exortou-os a cuidar de sua candidatura e encerrou a reunião.

XXII. 1. Houve, naquele tempo, quem dissesse que Catilina, depois de seu discurso, ao ligar os cúmplices de seu crime por juramento, teria servido, em páteras, sangue de um corpo humano misturado com vinho; 2.

70. As promessas de Catilina ecoam os eventos que Salústio expôs sobre a ditadura de Sula (XI, 4).

71. Cf. LIX, 4 e nota *ad locum*.

72. Atente-se à alternância das formas verbais: “atacava” — “elogia” — “relembra”.

SALÚSTIO

daí, depois de todos jurarem e o provarem, como é uso nos sacrifícios solenes, teria revelado seu plano, assim agindo a fim de que fossem mais leais uns aos outros, como cúmplices de tão grave feito. 3. Alguns julgavam que essa e, de resto, muitas outras alegações haviam sido forjadas por aqueles que acreditavam poder abrandar o ódio que nascera posteriormente contra Cícero, em virtude da atrocidade das execuções⁷³. 4. A nós, tal fato, em virtude de sua magnitude, não tem comprovação suficiente⁷⁴. XXIII. 1. Ora, nessa conjuração estava Quinto Cúrio, oriundo de estrato não obscuro, coberto de escândalos e delitos, a quem os censores haviam expulsado do Senado por improbidade. 2. A frivolidade desse homem não era menor do que sua audácia: não ponderava calar o que ouvia, nem ocultar seus próprios crimes, nem, enfim, o que dizia ou fazia. 3. Tinha com Fúlvia, mulher nobre, uma antiga relação de adultério; como já não lhe agradasse, uma vez que não podia presentear-la pela falta de recursos, repentinamente, vangloriando-se, pôs-se a prometer mares e montes e, por vezes, a ameaçá-la de morte, caso não se submetesse a ele; por fim, passou a agir de maneira mais feroz do que de costume. 4. Porém, Fúlvia, ao tomar conhecimento da causa da arrogância de Cúrio, não manteve tal perigo oculto à República, mas, omitindo sua fonte, contou a diversas pessoas o que ouvira, e de

73. Cícero acabaria sendo exilado por cerca de 18 meses, em 58–57, por conta da execução sem julgamento dos 5 conspiradores capturados.

74. Novo aceno à imparcialidade do autor, à busca da verdade e à ponderação das evidências.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

que modo, acerca da conjuração de Catilina. 5. Sobre- tudo tal fato inflamou nos homens o desejo de conferir o consulado a Marco Túlio Cícero. 6. De fato, antes disso a maior parte da nobreza ardia de inveja, e acredi- tavam que o consulado seria como que maculado se um homem novo⁷⁵, ainda que egrégio, o obtivesse. Porém, quando se aproximou o perigo, a inveja e a soberba fi- caram em segundo plano.

XXIV. 1. Então, realizadas as eleições⁷⁶, são procla- mados cônsules Marco Túlio e Caio Antônio; esse fora o primeiro fato a abater os cúmplices da conjuração. 2. No entanto, não diminuía a loucura de Catilina, mas a cada dia maquina mais planos, apresta os exércitos pela Itália em posições estratégicas, leva a Fésulas dinheiro tomado de empréstimo em seu nome, ou no dos amigos, a certo Mânlio, que foi depois o primeiro a promover a guerra. 3. Conta-se que, naquela época, aliciara inúmeros homens de toda estirpe, mesmo algumas mulheres que, de início, haviam suportado enormes gastos pela venda do corpo, depois, quando a idade pusera medida aos ganhos, mas não ao luxo, haviam contraído grandes dívidas. 4. Por meio delas, Catilina acreditava poder sublevar a escravaria urbana, incendiar a Urbe, aliciar seus maridos ou matá-los.

XXV. 1. Ora, entre elas estava Semprônia⁷⁷, que não

75. “Homem novo”, entre os romanos, designava o primeiro re- presentante de uma família a adentrar o Senado, como era o caso de Cícero.

76. Em 64, para o mandato de 63.

77. Discute-se a relevância do retrato de Semprônia na economia da *Conjuração de Catilina*. É de notar que o próprio Salústio, tão

SALÚSTIO

raro cometera diversos crimes de uma audácia varonil. 2. Essa mulher era bastante afortunada por sua estirpe e beleza, além disso, por seu marido e filhos; versada nas letras gregas e latinas, na cítara, na dança com mais graça do que o necessário a uma mulher honesta, em muitos outros dons que são instrumentos da luxúria. 3. Mas qualquer coisa sempre lhe foi mais cara do que a honra e o pudor; não seria fácil discernir se poupava menos dinheiro ou reputação; sua libido era de tal modo inflamada que mais vezes procurava os homens do que estes a procuravam. 4. Ora, ela não raro traía, anteriormente, a confiança recebida, negara um empréstimo sob juramento, fora cúmplice de assassinato, derrocara pela luxúria e privação⁷⁸. 5. Sua inteligência, contudo, não era vulgar: capaz de compor versos, provocar o riso, empregar uma linguagem ora moderada, ora insinuante, ora obscena — em suma, havia nela muitos encantos e muita graça.

XXVI. 1. Mesmo com tais preparativos, Catilina disputava o consulado do ano seguinte⁷⁹, na esperança, caso fosse eleito, de manipular Antônio facilmente, à sua vontade. E não se aquietara nesse ínterim, mas por todos os meios tramava contra Cícero. 2. Não faltavam

ansioso por demonstrar a adequação do retrato de Catilina e da digressão sobre o passado de Roma, nada diz aqui nesse sentido. Cf. IV, 5; V, 9; VII, 7.

78. O latim *luxuria atque inopia praeceps abierat*” também pode ser traduzido por “derrocara pelo luxo e pela penúria”. Neste caso, os gastos provocados pelo primeiro é que teriam acarretado o segundo.

79. Em 63, para o mandato de 62.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

a este, porém, habilidade e astúcia para precaver-se. 3. De fato, desde o começo de seu consulado, com muitas promessas conseguira, por meio de Fúlvia, que Quinto Cúrio, que há pouco mencionei, revelasse os desígnios de Catilina. 4. Além disso, impelira seu colega Antônio, com um acordo sobre as províncias⁸⁰, a não se posicionar contra a República; mantinha a seu redor, veladamente, escoltas de amigos e clientes. 5. Depois que chegou o dia das eleições e nem a candidatura, nem os atentados que fizera contra os cônsules no Campo de Marte tiveram êxito, Catilina decidiu promover a guerra e experimentar todos os extremos, já que o que maquinara em segredo tivera consequências desfavoráveis e vergonhosas.

XXVII. 1. Então enviou Caio Mânlio a Fésulas e àquela região da Etrúria, certo Septímio de Camerino, ao campo do Piceno, Caio Júlio, à Apúlia; além disso, os demais, a lugares diversos — quem e onde, segundo acreditava, lhe seria oportuno. 2. Enquanto isso, em Roma, maquina diversos planos a um tempo, almeja atentados contra os cônsules, apresta incêndios, ocupa posições estratégicas com homens armados, ele mesmo arma-se, ordena aos mais o mesmo, exorta-os a estarem sempre atentos e prontos, dia e noite lida, vela, não cede

80. Ao deixar suas magistraturas, os cônsules partiam para governar as províncias que lhes eram designadas por sorteio. No sorteio deste ano, coubera a Cícero a Macedônia, e a Gália a Antônio. A manobra de Cícero consistiu em trocar de província com Antônio, ao mesmo tempo em que abdicava do governo da Gália Cisalpina. A Macedônia seria mais interessante para Antônio porque mais lucrativa.

SALÚSTIO

à vigília ou ao labor. 3. Por fim, quando nenhuma de suas diversas ações surtiu efeito, alta noite convoca novamente, na casa de Marco Pórcio Leca, os líderes da conjuração, e lá, depois de muito queixar-se de sua apatia, informa que enviou já Mânlio à multidão que apressara para pegar em armas, bem como cada um dos demais a uma posição estratégica para que dessem início à guerra, e que deseja partir para o exército caso consiga, antes, eliminar Cícero — que é um grande obstáculo a seus planos.

XXVIII. 1. Então, enquanto os mais se aterram e hesitam, Caio Cornélio, cavaleiro romano, prometeu sua colaboração e decidiu, juntamente com Lúcio Vargunteio, senador, que naquela noite, dali a pouco, adentrariam a casa de Cícero com homens armados a pretexto de o saudar⁸¹ e súbito o apunhalariam, despreparado em sua própria casa. 2. Cúrio, quando nota quanto grande perigo pende sobre o cônsul, rapidamente informa Cícero, por meio de Fúlvia, da cilada que se prepara. 3. Assim, impedidos de entrar, empreenderam tamanho crime em vão. 4. Enquanto isso, Mânlio, na Etrúria, alicia a plebe, sedenta de revolução pela miséria e pelo ressentimento da injustiça sofrida (pois perdera as terras e todos os bens com a tirania de Sula), além de bandidos de toda espécie, de que havia grande quan-

81. Salústio refere-se ao costume romano da *salutatio*, segundo o qual os homens mais importantes de Roma eram saudados, no período da manhã, por seus clientes. A prática conferia prestígio ao patrono visitado. De acordo com o plano de Catilina, Cornélio e Vargunteio se misturariam aos clientes de Cícero, sob pretexto de o saudar, para assassiná-lo de surpresa.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

tidade naquela região, e alguns dos colonos de Sula, a quem o desejo e o luxo nada haviam deixado das grandes pilhagens.

XXIX. 1. Quando a nova chega a Cícero, ele, perturbado por um duplo mal, porque nem podia, por iniciativa própria, defender mais tempo a cidade das insídias, nem tinha bem claros a dimensão ou os desígnios do exército de Mânlio, submete ao Senado a questão, já antes discutida em virtude dos rumores públicos. 2. Assim, como é uso na maioria das situações de perigo, o senado decretou que os cônsules lidassem para que a República não sofresse detrimento⁸². 3. Esse é o maior poder conferido a um magistrado pelo Senado segundo a tradição romana — aprestar um exército, promover a guerra, por todos os meios coagir aliados e cidadãos, ter máxima autoridade e arbítrio na paz como na guerra. De outro modo, sem o mando do povo, o cônsul não tem direito a nenhum desses poderes.

XXX. 1. Poucos dias depois, o senador Lúcio Sênio leu no Senado uma carta que afirmava haver recebido em Fésulas, na qual estava escrito que Caio Mânlio pegara em armas com uma grande multidão no sexto dia antes das calendas de novembro⁸³. 2. A um tempo, como é uso em tal situação, alguns anunciavam portentos e prodígios, outros, que acontecia uma reunião, portavam-se armas, movia-se um levante de escravos em Cápua e na Apúlia.

82. Trata-se do “senátus-consulto último”, explicado em seguida por Salústio.

83. Isto é, em 27 de outubro.

SALÚSTIO

3. Então, por decisão do Senado, Quinto Márcio Rex foi enviado a Fésulas, Quinto Metelo Crético, à Apúlia e cercanias — 4. os dois encontravam-se às portas da Urbe como comandantes, impedidos de realizar um triunfo⁸⁴ pela oposição de uma minoria afeita a vender tudo o que é honroso ou desonroso —, 5. mas os pretores foram enviados, Quinto Pompeu Rufo a Cápua, Quinto Metelo Céler, ao território do Piceno, e foi-lhes dado o encargo de aprestar um exército de acordo com a situação e o perigo. 6. Além disso, a todo aquele que delatasse ações concernentes à conjuração realizada contra a República, a recompensa seria, para um escravo, a liberdade e cem mil sestércios, para um homem livre, impunidade por seu ato e duzentos mil sestércios; 7. e decidiram, igualmente, que as companhias de gladiadores fossem distribuídas por Cápua e pelos demais municípios de acordo com os recursos de cada; em Roma, que houvesse guardas por toda a cidade e que fossem comandadas pelos magistrados menores⁸⁵.

XXXI. 1. Tais eventos turbaram a cidade e mudaram a face de Roma. De um estado de alegria e divertimento extremos, que o longo período de paz gerara⁸⁶, súbito a tristeza tomou a todos de assalto: 2. agitam-se, tremem, não confiam o bastante em lugar ou homem algum, não fazem guerra nem têm paz, cada um mede os perigos pelo medo. 3. Além disso, as mulheres, tomadas de um temor inusitado da guerra, dada a gran-

84. Se adentrassem a cidade, os comandantes automaticamente abdicariam de seus poderes militares e dos triunfos que pediam.

85. Particularmente pelos triúnviros capitais.

86. Desde a guerra civil dos anos 80.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

deza da República, carpem-se, erguem as mãos súplices aos céus, comiseram-se de seus filhos pequenos, oram, tudo temem, abandonam a soberba e os prazeres e desconfiam de si e da pátria. 4. No entanto, era bem isso o que o ânimo cruel de Catilina provocava, embora se aprestassem guarnições e ele próprio houvesse sido acusado por Lúcio Paulo de acordo com a lei Pláucia⁸⁷. 5. Por fim, por dissimulação ou para se justificar, como se fora convocado por calúnia, foi ao Senado. 6. Então o cônsul Marco Túlio, fosse por temer sua presença, fosse movido pela ira, proferiu um discurso esplêndido e útil à República, que depois publicou em versão escrita⁸⁸. 7. Mas, quando se sentou, Catilina, preparado que estava para todo tipo de dissimulação, com o rosto baixo, com a voz suplicante, começou a pedir aos senadores que não acreditassem cegamente em nada a seu respeito; era oriundo de família tal, de tal modo conduzira sua vida desde a juventude, que ansiava tudo quanto fosse honesto; que não julgassem que ele, um patrício, de quem, tal como de seus antepassados, provieram inúmeros benefícios à plebe romana, carecia da ruína da República, enquanto esta era salva por um Marco Túlio, cidadão inquilino da cidade de Roma⁸⁹. 8. Quando somava a essa outras afrontas, todos protestam, chamam-no de inimigo público e parricida. 9. Diz ele então,

87. A lei Pláucia concernia a crimes por uso de violência.

88. Salústio refere-se, com parcimônia, à primeira *Catilinária* de Cícero.

89. O ultraje de Catilina diz respeito às origens de Cícero, que não era romano, como se sabe, mas de Arpino, cidade a cerca de 110 km a sudeste de Roma.

SALÚSTIO

enfurecido: — Uma vez que, cercado de inimigos, sou lançado ao precipício, apagarei o incêndio provocado contra mim com ruínas!

XXXII. 1. Em seguida precipitou-se da Cúria a sua casa. Ali, muitovolvendo em seu íntimo, porque não tinham sucesso as insídias contra o cônsul e sabia que a cidade estava protegida do incêndio pelas guardas, crendo que o melhor a fazer era ampliar o exército e, antes que se recrutassem as legiões, antecipar muito do que seria útil na guerra, alta noite partiu com uns poucos para o acampamento de Mânlio. 2. Mas ordena a Cetego, Lêntulo e os mais cuja audácia manifesta conhecia, que fortaleçam os recursos da facção com os meios possíveis, apressem as insídias contra o cônsul, apressem a matança, os incêndios e os mais crimes de guerra: muito em breve chegaria à cidade com um grande exército. 3. Enquanto isso ocorre em Roma, Caio Mânlio envia, de seu contingente, uma delegação a Márcio Rex com instruções do seguinte teor:

XXXIII. 1. “Invocamos os deuses e os homens por testemunha, comandante, de que não pegamos em armas contra a pátria ou para colocar os outros em perigo, mas para que nossos corpos se salvassem da injustiça, nós que, miseráveis, empobrecidos pela violência e crueldade dos usurários, estamos na maior parte privados de nossa morada ancestral, todos, de nossa reputação e fortuna; nem foi permitido a qualquer de nós fazer uso da lei segundo a tradição ancestral, nem, perdido nosso patrimônio, manter o corpo em liberdade, tamanha foi a crueldade dos usurários e do pretor. 2. Não raro vossos antepassados, compadecidos da plebe ro-

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

mana, socorreram-na, em sua pobreza, por seus decretos; e mais recentemente, em nosso tempo, em virtude da grandeza das dívidas, a prata foi saldada com bronze por consenso de todos os bons cidadãos. 3. Não raro a própria plebe, fosse movida pelo desejo de dominação, fosse pela arrogância dos magistrados, separou-se em armas dos patrícios. 4. Nós, porém, não buscamos poder ou riquezas, em virtude dos quais ocorrem todas as guerras e combates entre os mortais, mas liberdade, que homem honesto algum perdeu senão com a vida. 5. Rogamos a ti e ao Senado, velai pelos cidadãos miseráveis, restitui o amparo da lei, que a iniquidade do pretor arrebatou, para não nos impor a necessidade de buscar um modo de morrer depois de vingar plenamente o nosso sangue.”

XXXIV. 1. A ela Quinto Márcio respondeu que, se desejavam solicitar algo ao Senado, depusessem as armas, partissem súplices para Roma; que o Senado do Povo Romano sempre mostrara brandura e misericórdia tais, que ninguém jamais lhe pedira auxílio em vão. 2. Porém, de seu trajeto, Catilina envia cartas à maioria dos consulares, sobretudo a todos os bons cidadãos, em que afirma estar cercado de falsas acusações e que, por não ter conseguido resistir à facção dos inimigos, cedia à fortuna, partia para o exílio em Massília⁹⁰, não por ser cúmplice de crime tamanho, mas para que a República tivesse paz e que de sua resistência não nascesse uma sedição. 3. Quinto Cátulo leu no Senado uma carta bas-

90. Massília, hoje Marselha, na França, era cidade que com frequência recebia os exilados de Roma.

SALÚSTIO

tante diferente desta, que afirmava haver recebido da parte de Catilina. Uma cópia dela é transcrita abaixo.

XXXV. 1. “Lúcio Catilina a Quinto Cátulo. Tua notável lealdade, reconhecida quando posta à prova, cara a mim em meio a meus graves perigos, trouxe confiança a esta minha recomendação. 2. Por isso, decidi não preparar uma defesa neste meu novo plano: determinei, por não ter nenhuma cumplicidade neste crime, apresentar uma justificativa, a qual, valha-me o deus da boa-fé, talvez possas reconhecer como verdadeira. 3. Movido por injustiças e ultrajes, uma vez que, privado do fruto de meu trabalho e indústria, não alcançava preservar a posição de minha dignidade, assumi a causa pública dos miseráveis, segundo meu costume; não que não pudesse saldar as dívidas em meu nome com minhas posses — e também aquelas em nome de outros seriam totalmente saldadas pela liberalidade de Orestila, por meio de seus bens e dos de sua filha —, mas por perceber homens indignos sendo honrados com honrarias⁹¹ e sentir que fora abandonado em virtude de uma falsa suspeita. 4. Em nome disso, segui a esperança bastante honesta, dada a minha condição, de preservar o restante de minha dignidade. 5. Embora deseje escrever mais, anunciam-me que se prepara o uso da força contra mim. 6. Agora recomendo-te Orestila e a confio a tua lealdade; imploro, por teus filhos, que a defendas de injustiças. Adeus.”

XXXVI. 1. Ora, enquanto o próprio Catilina, depois de demorar-se uns poucos dias na casa de Caio Flami-

91. Trata-se da chamada *figura etymologica*.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

nio, no território de Arécio, fornece armas à vizinhança que já antes incitara, dirige-se ao acampamento de Mânlio com os fasces e outras insígnias de poder. 2. Quando se sabe disso em Roma, o Senado julga Catilina e Mânlio inimigos públicos, estabelece, para a restante multidão, um prazo dentro do qual seria possível depor as armas impunemente, à exceção dos condenados à morte. 3. Demais, decide que os cônsules recrutem tropas, Antônio se apresse a perseguir Catilina com um exército, Cícero defenda a cidade. 4. Naquele tempo, o império do povo romano pareceu-me num estado absolutamente deplorável. Embora todas as terras domadas pelas armas lhe obedecessem do nascer ao pôr do sol, em Roma afluíssem a paz e as riquezas, que os mortais consideram o bem supremo, houve cidadãos que buscavam arruinar a si próprios e à República com obstinação. 5. De fato, apesar de dois decretos do Senado, ninguém, de tamanha multidão, revelara a conjuração movido pela recompensa, nem um único sequer de todos eles⁹² abandonara o acampamento de Catilina: tão grandes eram a força da doença e, por assim dizer, a peste⁹³ que haviam assolado a maioria dos ânimos dos cidadãos.

XXXVII. 1. E não eram apenas os que haviam sido cúmplices da conjuração que tinham a mente perturbada, mas a plebe toda, de maneira geral, aprovava os desígnios de Catilina pelo desejo de revolução. 2. De resto, parecia fazê-lo segundo sua tradição, 3. pois sem-

92. Construção *ad sensum*: a expressão “ todos eles”, os conjurados, é sugerida pelo termo “conjuração”.

93. Retomada da ideia de peste e doença, que Salústio apresentara na digressão moral sobre o passado de Roma (em X, 6).

SALÚSTIO

pre, numa cidade, os que não têm recurso algum invejam os bons, exaltam os maus; odeiam o antigo, anseiam o novo; por odiarem sua própria condição, desejam mudar tudo; alimentam-se, irrefletidamente, de desordem e sedições, uma vez que a pobreza é uma posse que se conserva facilmente, sem dano. 4. Ora, a plebe urbana, ela, sim, precipitava-se sobre muitas causas. 5. Antes de tudo, aqueles que em toda parte se sobressaíam principalmente pela desonestidade e petulância, outros, do mesmo modo, que haviam perdido o patrimônio em situações desonrosas, por fim, todos os que o escândalo e o crime haviam levado ao exílio haviam afluído a Roma como a um caverna⁹⁴. 6. De resto, muitos, lembrados da vitória de Sula, por perceberem que alguns dos soldados rasos eram senadores, outros eram tão ricos que passavam a vida em fausto e padrão de reis, cada um deles tinha a esperança, caso pegasse em armas, de obter, com a vitória, coisas tais para si. 7. Além disso, a juventude, que suportara a falta de recursos nos campos com os ganhos das próprias mãos, preferira, movida pelas distribuições privadas e públicas, o ócio urbano a um trabalho ingrato. Eles e os mais todos alimentavam-se do mal público. 8. Daí não ser muito de admirar que homens pobres, de mau caráter, enorme esperança, cuidassem da República e de si mesmos igualmente. 9. Demais, aqueles que, com a vitória de Sula, tiveram seus parentes proscritos, seus bens

94. Vale dizer, como a um esgoto. A *sentina*, traduzida aqui por “caverna”, era o porão do navio e, por metonímia, designava os dejetos e imundícies ali acumulados.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

confiscados, seu direito de liberdade diminuído, aguardavam o resultado da guerra com ânimo nada diferente.

10. Além disso, todos aqueles que eram de facções diferentes da do Senado preferiam a agitação da República a ter menor poder. 11. Foi assim que esse mal voltou-se contra a cidade pós tantos anos.

XXXVIII. 1. De fato, depois que se restituiu o poder dos tribunos, no consulado de Gneu Pompeu e Marco Crasso⁹⁵, homens jovens, obtendo enorme poder quando a idade e o ânimo eram inda impetuosos, passaram a agitar a plebe com acusações contra o Senado, depois, a incendiá-los ainda mais com distribuições e promessas, tornando-se eles próprios, assim, ilustres e poderosos. 2. Contra eles empenhava-se com máximo afino a maior parte dos senadores em defesa da própria grandeza, na aparência, a do Senado. 3. De fato, para dizer a verdade em poucas, quantos, a partir dali, perturbaram a República sob pretextos honrosos, uns, como a defender os direitos do povo, parte, para que a autoridade do Senado fosse a maior possível, lutavam, individualmente, por seu próprio poder, simulando fazê-lo pelo bem público. 4. Não tinham moderação ou medida em seus esforços; ambos exerciam a vitória com crueldade.

XXXIX. 1. No entanto, depois que Gneu Pompeu foi enviado à guerra nos mares⁹⁶ e contra Mitridates⁹⁷, diminuíram os recursos da plebe, cresceu o poder de

95. Em 70. Os tribunos haviam perdido boa parte de seu poder com a legislação de Sula, em 81.

96. Para combater os piratas do Mediterrâneo, em 67.

97. Na já mencionada guerra contra o rei Mitridates do Ponto, em 66 (cf. XVI, 5).

SALÚSTIO

uns poucos. 2. Eles detêm as magistraturas, as províncias e tudo mais; seguros, no ápice do poder, passam a vida sem medo e aterram com processos os demais, a fim de manter bem calma a plebe em sua magistratura. 3. Porém, naquela situação incerta, tão logo se lhes ofereceu uma esperança de revolução, a antiga rixa deu-lhes coragem. 4. É que, se no primeiro combate Catilina tivesse saído vencedor ou em igualdade, sem dúvida grande ruína e calamidade se teriam abatido sobre a República, e não teria sido possível aos vencedores gozar a vitória por muito tempo sem que alguém, que pudesse mais que os débeis e fracos, tomasse o poder e a liberdade. 5. Houve, no entanto, conjuração à parte, diversos homens que de início debandaram para o lado de Catilina. Entre eles estava Fúlvio, filho de um senador, a quem seu pai mandara matar depois de o interceptar em seu trajeto. 6. Na mesma época, em Roma, Lêntulo, tal como Catilina ordenara, incitava, fosse por si mesmo, fosse por meio de outros, a todos aqueles que, por caráter ou fortuna, cria aptos à revolução — e não apenas cidadãos, mas qualquer tipo de homens, contanto que fossem úteis na guerra⁹⁸.

XL. 1. Então encarrega certo Públio Umbreno de procurar os embaixadores dos alóbroges⁹⁹ e, se possível, convencê-los a uma aliança na guerra, julgando que estavam esmagados por dívidas em âmbito público e privado e, demais, por ser o povo gaulês guerreiro por na-

98. Ou seja, Lêntulo pretendia fazer uso mesmo de escravos em seu contingente. A postura de Catilina será diferente, como se lê em LVI, 5.

99. Tribo celta da Gália Narbonense.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

tureza, que fácil os poderia persuadir a tal desígnio. 2. Umbreno, por já haver feito negócios na Gália, era conhecido entre os principais chefes de suas cidades e os conhecia. Assim, sem demora, tão logo notou os embaixadores no fórum, fez umas breves perguntas acerca da situação da cidade e, como que se doendo de sua desventura, começou a inquirir-lhes que solução esperavam para tamanhos males. 3. Depois de vê-los a queixar-se da ganância dos magistrados, a acusar o Senado de não lhes oferecer auxílio algum, a esperar a morte como remédio de seus males, diz-lhes: — Ora, eu vos mostrarei, contanto que desejeis ser homens de verdade, um meio de escapar desses terríveis males. 4. Assim que o disse, os alóbroges, induzidos a grande esperança, rogam a Umbreno que se compadeça deles: não havia nada tão árduo ou difícil que não fariam com toda a vontade, contanto que isso libertasse sua cidade das dívidas. 5. Ele os leva à casa de Décimo Bruto, porque era próxima ao fórum e estava a par do plano em virtude de Semprônia¹⁰⁰, pois Bruto encontrava-se, então, fora de Roma. 6. Além disso, manda chamar Gabínio para conferir maior autoridade à conversa; em sua presença, revela a conjuração, menciona os aliados, diversos deles inocentes, ademais, de qualquer crime, para que os enviados tivessem maior coragem; em seguida, depois de prometerem cooperar, encerra a reunião.

XLI. 1. Mas longo tempo os alóbroges não soube-

100. O sujeito implícito de “estava a par” continua sendo “a casa de Décimo Bruto”, referindo-se, metonimicamente, à família que a habitava.

SALÚSTIO

ram ao certo que decisão tomar. 2. De um lado havia as dívidas, o gosto pela guerra, uma grande recompensa na esperança de vitória; de outro, porém, maiores recursos, decisões seguras, prêmios certos em lugar de uma esperança incerta. 3. Enquanto revolviam tais questões, venceu, por fim, a fortuna da República. 4. Assim, tal como o ouviram, revelam todo o caso a Quinto Fábio Sanga¹⁰¹, de cuja proteção a cidade mais fazia uso. Cícero, conhecendo o plano por Sanga, recomenda aos embaixadores que simulem um forte interesse pela conjuração, frequentem os demais, façam muitas promessas, esforcem-se por mantê-los o mais à vista possível.

XLII. 1. Quase na mesma época, havia insurreições na Gália citerior e na ulterior, bem como no território do Piceno, no de Brútio, na Apúlia. 2. O fato é que aqueles que Catilina enviara de antemão faziam tudo a um tempo, irrefletidamente e como que por demência: haviam, com suas reuniões noturnas, transportes de armas e lanças, com sua pressa e completa agitação, provocado mais temor do que real perigo. 3. O pretor Quinto Metelo Céler, apoiado num decreto do Senado emitido depois de uma audiência formal, prendera diversos desse número, assim como fizera Caio Murena na Gália ulterior, que governava como lugar-tenente.

XLIII. 1. Já em Roma, Lêntulo, com os demais líderes da conjuração, preparados, ao que tudo indicava, com grandes tropas, decidira que, quando Catilina che-

101. Patrono da tribo, que fora subjugada em 121 a.C. por um antepassado de Sanga, Quinto Fábio Máximo, por isso mesmo cognominado Alobrógico.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

gasse ao território de Fésulas com seu exército, o tribuno da plebe Lúcio Béstia convocaria uma assembleia popular, faria queixas acerca das medidas de Cícero e atribuiria ao excelente cônsul a odiosidade de uma guerra gravíssima; a esse sinal, na noite seguinte a restante multidão executaria as tarefas atribuídas a cada um. 2. Ora, dizia-se que elas haviam sido assim divididas: Estatílio e Gabínio, com um grande contingente, incendiariam doze lugares estratégicos da cidade, a fim de tornar mais fácil, pelo tumulto, o acesso ao cônsul e aos demais contra quem tramavam; Cetego bloquearia a entrada da casa de Cícero e o atacaria; cada um o faria a uma pessoa diferente, mas os filhos das famílias, a maior parte dos quais pertencia à nobreza, matariam seus pais; a um tempo, mortos todos com a carnificina e o incêndio, irromperiam em direção a Catilina. 3. Em meio a tais preparativos e deliberações, Cetego queixava-se a todo momento da apatia dos aliados: eles teriam, hesitando e adiando, grandes oportunidades desperdiçado; era preciso agir, não deliberar, em meio a perigo tal e, se uns poucos o ajudassem, mesmo que os demais nada fizessem, atacaria a Cúria. 4. De natureza feroz, ardente, de coragem manifesta, via na rapidez o maior bem.

XLIV. 1. Ora, os alóbroges, seguindo as recomendações de Cícero, reúnem os demais na casa de Gabínio. Exigem de Lêntulo, Cetego, Estatílio, bem como de Cássio, um juramento para levarem, selado, a seus concidadãos: de outro modo, não será fácil conseguir persuadi-los a tamanha empresa. 2. Os demais, nada suspeitando, o concedem; Cássio promete em breve ir para lá e deixa a cidade pouco antes dos embaixadores.

SALÚSTIO

3. Lêntulo envia com eles certo Tito Voltúrcio, de Crotona, a fim de que os alóbroges, antes de chegar a sua terra, confirmassem sua aliança com Catilina com oferecimento mútuo de lealdade. 4. Ele próprio entrega a Voltúrcio uma carta para Catilina, cuja cópia é transcrita abaixo: 5. “Ficarás sabendo quem sou por aquele que enviei a ti. Pensa em que calamidade te encontras e lembra-te de que és um homem. Considera o que teus interesses demandam; pede auxílio a todos, mesmo dos mais insignificantes.” 6. Além disso, dá ordens oralmente: uma vez considerado inimigo público pelo Senado, qual será o sentido de rejeitar a escravidão? Na cidade, está pronto o que ordenara; que não tarde a se aproximar.

XLV. 1. Tomadas tais medidas e decidida a noite em que partiriam, Cícero, informado de tudo pelos embaixadores, ordena aos pretores Lúcio Valério Flaco e Caio Pontino que prendam a comitiva dos alóbroges com uma emboscada na ponte Múlvia. Revela inteiramente o motivo de estarem sendo enviados; permite que tomem as demais medidas segundo a necessidade. 2. Eles, homens com experiência no exército, dispoem as guardas sem alvoroço, bloqueiam a ponte secretamente, tal como ordenado. 3. Depois que os embaixadores chegaram àquele local com Voltúrcio e a um tempo fez-se um clamor de ambas as partes, os gauleses, logo conhecendo o plano, entregam-se aos pretores sem demora. 4. Voltúrcio, de início, exorta os demais e defende-se da multidão com o gládio; em seguida, quando foi abandonado pelos embaixadores, fazendo a Pontino várias súplicas por sua salvação, porque era

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

seu conhecido, por fim, temeroso e desesperando de sua vida, rende-se aos pretores como a inimigos.

XLVI. 1. Isso feito, tudo é rapidamente relatado ao cônsul por meio de mensageiros. Porém, grande aflição e alegria o tomaram a um tempo. De fato, alegrava-se ao perceber que, revelada a conjuração, a cidade estava livre de perigo; mas, por outro lado, estava inquieto, ponderando o que deveriam fazer a cidadãos tão importantes, presos por um crime tão terrível; acreditava que era seu dever puni-los, que a impunidade causaria a ruína da República. 3. Então, recobrando a confiança, ordena que se chamem a sua presença Lêntulo, Cetego, Estatílio, Gabínio, bem como Cepário de Terracina, que se preparava para partir para a Apúlia a fim de inflamar a escravaria. 4. Os demais chegam sem demora; Cepário, que partira de casa pouco antes, fugira da cidade ao tomar conhecimento da denúncia. O cônsul em pessoa conduziu Lêntulo ao Senado segurando-o pela mão, por tratar-se de um pretor; ordena aos restantes que acompanhem os guardas até o Templo da Concórdia. 5. Convoca o Senado para lá e, com uma grande afluência dessa ordem, apresenta Voltúrcio juntamente com os embaixadores; ordena ao pretor Flaco que leve para o mesmo local a caixa com a carta que recebera dos embaixadores.

XLVII. 1. Voltúrcio, interrogado sobre sua viagem, sua carta, por fim, quais eram seus planos ou motivações, de início inventa fatos outros, dissimula a respeito da conjuração; depois, quando se ordenou que falasse com garantia pública de imunidade, revela como tudo havia sido feito, apontando que, cooptado havia poucos

SALÚSTIO

dias por Gabínio e Cepário, nada sabia mais do que os embaixadores, apenas ouvira de Gabínio mais de uma vez que Públio Autrônio, Sérvio Sula, Lúcio Vargunteio, além de muitos outros, estavam naquela conjuração. 2. Os gauleses admitem o mesmo e acusam Lêntulo, que dissimulava, pela carta e pelas conversas que costumava ter: segundo os Livros Sibilinos¹⁰², estaria previsto o reinado de Roma a três Cornélios; Cina e Sula antes¹⁰³, ele seria o terceiro a quem estava destinado apoderar-se da cidade; de resto, aquele era o vigésimo ano desde o incêndio do Capitólio, o qual, vaticinavam os adivinhos de acordo com os prodígios, seria um ano sangrento em virtude da guerra civil. 3. Então, lida sua carta, depois de todos reconhecerem seu selo, o Senado decide que Lêntulo abdique de sua magistratura e que, do mesmo modo, os demais sejam mantidos sob livre custódia. 4. Assim, Lêntulo é confiado a Públio Lêntulo Espínter, que então era edil, Cetego, a Quinto Cornifício, Estátílio, a Caio César, Gabínio, a Marco Crasso, Cepário — pois este fora capturado pouco antes, enquanto fugia —, ao senador Gneu Terêncio.

XLVIII. 1. Enquanto isso, revelada a conjuração, a plebe, que, sedenta de revolução num primeiro momento, era totalmente favorável à guerra, muda de opinião, execra os planos de Catilina, exalta Cícero aos céus: como se livre da escravidão, era tomada de con-

102. Livros de teor profético atribuídos à Sibila, de uso em rituais expiatórios por parte dos *quindecimviri sacris faciundis*, “quindecínviro encarregados dos rituais sagrados”.

103. Lúcio Cornélio Cina, que exercera o consulado de 87 a 84, e Lúcio Cornélio Sula, que fora ditador de 82 a 79.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

tentamento e alegria. 2. De fato, julgava que os demais crimes de guerra lhe trariam mais proveito do que prejuízo, mas considerava que o incêndio seria cruel, desmedido e extremamente calamitoso a si mesma, visto que todos os seus recursos diziam respeito às necessidades cotidianas e aos cuidados do corpo. 3. No dia seguinte, fora levado ao Senado certo Lúcio Tarquínio, que, diziam, teria sido capturado em viagem, quando partia em direção a Catilina. 4. Ele, prometendo fazer revelações acerca da conjuração se lhe fosse concedida a garantia pública de imunidade, recebe do cônsul a ordem de dizer o que sabe e informa o Senado praticamente do mesmo que Voltúrcio acerca dos incêndios que se aprestavam, do massacre dos bons cidadãos, da marcha dos inimigos; além disso, que fora enviado por Marco Crasso para anunciar a Catilina que não o atemorizasse a captura de Lêntulo, Cetego e os demais da conjuração, mas que, por isso mesmo, se apressasse ainda mais por chegar à cidade, a fim de elevar novamente o moral dos demais e mais fácil tirar os primeiros de perigo. 5. Porém, quando Tarquínio mencionou Crasso, um homem nobre, de enormes riquezas, extrema influência, alguns consideraram o caso indigno de crédito, parte, embora o julgasse verdadeiro, por lhe parecer que em tais circunstâncias cumpria antes abrandar que provocar o enorme poder daquele homem, a maioria, devedora a Crasso por negócios particulares, conclamam que a denúncia é falsa e solicitam que se submeta o caso a deliberação. 6. Assim, consultado por Cícero, o Senado em peso decide que a denúncia de Tarquínio era julgada falsa, que ele deveria ser mantido

SALÚSTIO

sob custódia, não tendo mais a possibilidade de fazê-la, a não ser que delatasse aquele que o mandara inventar um fato tão grave. 7. Houve, naquela época, quem julgasse que aquilo fora maquinado por Públio Autrônio para que, no caso de se acusar Crasso, ficasse mais fácil, com sua influência, proteger os demais com sua cumplicidade. 8. Outros afirmavam que Tarquínio fora instigado por Cícero, a fim de que Crasso não perturbasse a ordem pública ao assumir, como era seu costume, a defesa de homens desonestos. 9. Eu ouvi o próprio Crasso afirmar em público, posteriormente, que aquela terrível injúria fora-lhe imputada por Cícero.

XLIX. 1. Ora, na mesma época, Quinto Cátulo e Caio Pisão não conseguiram persuadir Cícero, fosse por pedidos, favor ou dinheiro, a que se implicasse Caio César injustamente por meio dos alóbroges ou de outro delator. 2. De fato, ambos nutriam por ele uma forte inimizade: Pisão, atacado, durante um processo de extorsão, pela execução ilegal de um transpadano, Cátulo, abrasado de ódio por sua candidatura ao pontificado, porque, apesar de sua idade avançada, de suas grandes honrarias, saíra derrotado pelo jovem César. 3. A situação parecia oportuna porque este, em virtude de sua célebre prodigalidade no âmbito privado, de seus enormes encargos no público, devia uma grande soma de dinheiro. 4. Porém, quando não conseguem persuadir o cônsul a crime tão grave, cerceando pessoa por pessoa e inventando o que afirmavam ter ouvido de Voltúrcio e dos alóbroges, suscitam grande ódio contra ele, a tal ponto que alguns cavaleiros romanos, que por segurança estavam armados ao redor do Templo da Con-

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

córdia, impelidos pela grandeza do perigo ou pela volubilidade de seu caráter, ameaçaram César com o gládio quando deixava o Senado, a fim de que ficasse mais evidente o seu zelo pela República.

L. 1. Enquanto isso se passa no Senado e se decidem as recompensas para os embaixadores dos alóbroges e Tito Voltúrcio, uma vez que se comprovara sua denúncia, os libertos e alguns dos clientes de Lêntulo, por ruas diversas, aliciavam, nos vários bairros da cidade, os artesãos e a escravaria a fim de o libertarem; outra parte procurava os chefes dos bandos, que costumavam agitar a ordem pública mediante pagamento. 2. Já Cetege, por mensageiros, instava à audácia seus escravos e libertos seletos e experientes, para que, agrupados e com armas, forçassem caminho até ele. 3. Quando conhece tais preparativos, o cônsul dispõe guarnições tal como a ocasião e as circunstâncias pediam, convoca o Senado e submete a deliberação as medidas que cabia tomar em relação aos que haviam sido postos sob custódia. Mas pouco antes o Senado em peso julgara que eles haviam agido contra a República. 4. Então Décimo Silano, o primeiro a quem se solicitou o parecer, por ser na época cônsul designado, propusera a pena capital para os que eram mantidos sob custódia e, além disso, para Lúcio Cássio, Públio Fúrio, Públio Umbreno, Quinto Ânio, caso fossem capturados; depois, influenciado pelo discurso de Caio César, afirmara que votaria pela proposta de Tibério Nero, que julgara que se devia aumentar o número de guarnições antes que o caso fosse submetido a deliberação. 5. Ora, César, quando chegou sua vez e o cônsul solicitou seu parecer, falou

SALÚSTIO

palavras do seguinte teor:

LI. 1. — A todos os homens, senhores senadores, que deliberam acerca de questões incertas, cumpre estarem isentos de ódio, amizade, de ira ou misericórdia. 2. Não é fácil à mente discernir a verdade quando tais emoções a impedem, nem pessoa alguma obedece, a um tempo, à paixão e à utilidade. 3. Quando se emprega a inteligência, ela tem força; se a paixão toma conta, passa a comandar — não tem a mente força alguma¹⁰⁴. 4. Poderia facilmente rememorar, senhores senadores, as decisões errôneas que reis e povos tomaram movidos por ira ou misericórdia; prefiro, porém, mencionar o que nossos antepassados fizeram correta e ordenadamente, contra a paixão que sentiam. 5. Durante a guerra da Macedônia, que travamos contra o rei Perses¹⁰⁵, a cidade de Rodes, grandiosa e magnífica, que crescera com a ajuda do povo romano, mostrou-se desleal e hostil a nós. Depois da guerra, porém, quando se deliberou acerca dos rodienses, nossos antepassados, para que não se dissesse que a guerra começara antes por riquezas que por injúria, deixaram-nos partir impunes. 6. Do mesmo modo, durante todas as guerras púnicas, embora não raro os cartagineses, tanto na paz como durante as tréguas, cometessem inúmeros crimes abomináveis, nunca nossos antepassados cometeram tais atos, ainda que houvesse ocasião: buscavam antes o que era digno de si próprios que possíveis ações legí-

104. As palavras de César ecoam as do prefácio de Salústio, tanto pelo vocabulário como pela ênfase no uso da razão.

105. De 171 a 168.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

timas contra aqueles. 7. Do mesmo modo, senhores senadores, cumpre a vós cuidar para que o crime de Públio Lêntulo e dos demais não tenha, junto a vós, mais valor do que vosso prestígio, e para que não leveis em conta antes a ira que a reputação. 8. De fato, se encontramos uma pena digna, de acordo com suas ações, aprovo esta proposta excepcional¹⁰⁶; porém, se a magnitude do crime supera toda imaginação, considero que se deve fazer uso das penas que são previstas pelas leis. 9. A maior parte dos que deram seu parecer antes de mim compadeceu-se da desgraça da República de maneira elaborada e magnífica. Enumeraram qual seria a crueldade da guerra, o que aconteceria aos vencidos: virgens, meninos raptados, filhos arrancados do abraço dos pais, mães de família sofrendo o que aprouvesse aos vencedores; templos e casas espoliados; massacres, incêndios; por fim, tudo ficaria repleto de armas, cadáveres, de sangue e dor¹⁰⁷. 10. Mas, pelos deuses imortais, a que visava tal discurso? Tornar-vos hostis à conjuração? É claro que quem não foi movido por fato tamanho e tão atroz será incendiado por esse discurso!¹⁰⁸ 11. Não é o caso, nem, a qualquer dos mortais, as injúrias sofridas parecem pequenas: muitos as recebem

106. Excepcional porque ilegal, já que, tecnicamente, apenas o povo tinha o direito de decidir pela pena capital de cidadãos romanos. Cf. Ramsey (2007) *ad locum* para contextualização e referências.

107. Depreende-se que se trataria de discursos de forte apelo às paixões.

108. César procura desfazer o efeito emocional causado pelos discursos dos senadores que o antecederam.

SALÚSTIO

de modo mais grave do que é justo. 12. Mas a cada um cabe uma licença diferente, senhores senadores. Se homens de baixa condição, que passam a vida na obscuridade, cometem algum delito em virtude da cólera, poucos ficam sabendo: igualam-se em reputação e fortuna. Aqueles que, dotados de grande poder, passam a vida numa posição elevada, todos os mortais conhecem seus atos. 13. Assim, na maior fortuna há a menor licença: cumpre não favorecer ou odiar, muito menos irar-se. 14. O que entre os outros chama-se cólera, no poder é denominado soberba e crueldade. 15. De minha parte, senhores senadores, considero que qualquer suplício é menor do que seus atos. Mas a maioria dos mortais lembra-se do que vem por último e, tratando-se embora de homens ímpios, esquecida de seu crime, questiona o castigo, se um pouco mais severo. 16. Sei bem que Décimo Silano, bravo e corajoso varão, disse o que acaba de dizer por amor à República, e que, numa crise tão grave, não dá vazão a favores ou inimizades: conheço o caráter e a moderação desse homem. 17. Sua proposta, contudo, não me parece cruel — pois o que pode acontecer de cruel a tais homens? —, mas contrária aos interesses de nossa República. 18. Pois foi claramente o medo ou a injúria que fizeram que tu, Silano, cônsul designado, propusesses um tipo de castigo excepcional. 19. Do temor é desnecessário tratar, sobretudo quando, pela diligência do nosso ilustríssimo cônsul¹⁰⁹, tão grandes são as nossas defesas em armas.

109. César refere-se a Cícero, que ficara em Roma para aprestar as defesas da cidade (cf. XXXVI, 3).

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

20. Quanto ao castigo, posso de minha parte dizer o que se passa na realidade: na dor e nas misérias, a morte é um descanso dos sofrimentos, não um suplício; ela cura todos os males dos mortais; do outro lado não há lugar para inquietude ou alegria¹¹⁰. 21. Ora, pelos deuses imortais, por que razão não acrescentaste a tua proposta que primeiro sofressem castigos corporais? 22. Será porque a lei Pórcia¹¹¹ o proíbe? Mas as outras leis, igualmente, ordenam que não se tire a vida de cidadãos condenados, mas que se lhes conceda o exílio. 23. Será porque é mais grave ser açoitado do que morto? Mas o que é cruel ou grave demais contra homens condenados por tamanho crime? 24. Porém, se é por ser muito brando, de que modo convém temer a lei numa questão de pouca monta, quando a desprezamos numa de maior importância? 25. “Mas quem criticará que se tenha tomado uma decisão contra os parricidas da República?”¹¹² O tempo, os dias, a fortuna, cujo capricho governa os povos. Receberão merecidamente o que quer que lhes aconteça; 26. no entanto, considerai o que vós, senhores senadores, haveis de decidir contra os outros. 27. Todos os maus precedentes nasceram de situações favoráveis. Ora, quando o poder chega a homens ignorantes ou não tão honestos, aquele precedente inu-

110. O argumento de César é de teor epicurista. Ernout (1996: 105, n. 2), aponta sua semelhança com o pensamento de Lucrécio, 3, 830 ss.

111. Lei que protegia os cidadãos de castigos corporais infligidos por magistrados. Cf. a excelente nota de Ramsey (2007) *ad locum* para contextualização e referências.

112. César antecipa e refuta um contra-argumento.

SALÚSTIO

sitado passa de homens dignos e idôneos a indignos e não idôneos. 28. Os lacedemônios, depois de vencer os atenienses, impuseram-lhes trinta homens para governar sua república¹¹³. 29. De início eles começaram a matar sem julgamento os mais perversos e odiados por todos — o povo se alegra com isso e afirma ter acontecido merecidamente. 30. Depois, conforme a licença foi aos poucos crescendo, assassinam igualmente os bons e os maus por capricho, aterrorizam os demais pelo medo. 31. Assim, a cidade, esmagada pela escravidão, sofreu graves castigos por sua estúpida alegria. 32. Em nossa época, quando Sula, vencedor, mandou degolar Damasipo¹¹⁴ e outros da mesma estirpe que haviam prosperado com a desgraça da República, quem havia que não louvasse seu ato? Afirmavam que homens criminosos e violentos, que haviam perturbado a ordem pública com sedições, haviam sido mortos merecidamente. 33. Porém, esse fato foi o início de um grande massacre. Com efeito, tão logo se desejava uma casa ou vila, enfim, o vaso ou a veste de alguém, esforçava-se para que tal pessoa fosse incluída entre os proscritos¹¹⁵. 34. Assim, aqueles a quem a morte de Damasipo fora fonte de alegria eram, pouco tempo depois, eles mesmos arrastados,

113. Os chamados “Trinta Tiranos”.

114. Pretor em 82, marianista, assassino de diversos simpatizantes de Sula, foi executado por este depois de ser capturado na batalha de Porta Colina, em novembro daquele ano.

115. Esse é o pano de fundo da *Defesa de Sexto Róscio de Améria*, realizada por Cícero por volta de 81, em que o Arpinate atribui a certo Crisógono, um liberto de Sula, a atitude descrita aqui por César: a inserção criminosa do pai de Sexto Róscio na lista de proscritos, com vistas à apropriação indébita de seus bens.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

e a degola só teve fim depois que Sula cobriu todos os seus de riquezas. 35. E, contudo, não temo tais coisas da parte de Cícero ou nesta época; mas, numa grande cidade, muitas e variadas são as índoles. 36. É possível que em outra ocasião, sob outro cônsul, que tenha, do mesmo modo, um exército sob seu poder, algo falso seja tomado por verdade. Quando, com este precedente, um cônsul desembainhar o gládio por decisão do Senado, quem lhe estabelecerá um fim ou quem lhe porá medida?¹¹⁶ 37. Nossos antepassados, senhores senadores, jamais careceram de determinação ou audácia, nem a soberba impedia que imitassem as instituições alheias, contanto que fossem honestas. 38. Tomaram as armas de defesa e ataque aos samnitas, as insígnias dos magistrados, em sua maioria, aos etruscos; enfim, aquilo que em qualquer parte, entre aliados ou inimigos, consideravam idôneo, seguiam-no com extremo ardor em Roma; preferiam imitar a odiar os bons. 39. Porém, na mesma época, imitando o costume da Grécia, infligiam castigos corporais a cidadãos, aplicavam o sumo suplício aos condenados. 40. Depois que a República se desenvolveu e, em virtude do grande número de cidadãos, reinavam as facções, passaram a oprimir os inocentes, a

116. Ramsey (2007) *ad locum* vê nesta observação uma alusão de Salústio à tomada de poder de Otaviano, em agosto de 43. Se tal é o caso, o efeito de ironia é duplo, por se tratar do filho adotivo de César — nascido em 63, junto com o precedente do Senado! — e pelo fato de o próprio César ter ele mesmo desembainhado o gládio, embora não com o aval do Senado, mas justamente contra o Senado. Em ambos os casos ninguém foi capaz de lhes estabelecer um fim ou pôr medida.

SALÚSTIO

acontecer outras coisas tais. Então se prepararam a lei Pórcia e outras leis, leis¹¹⁷ pelas quais foi concedido o exílio aos condenados. 41. Considero sobretudo este um grande motivo, senhores senadores, para não tomarmos uma decisão excepcional. 42. É evidente que tinham maior valor e sabedoria aqueles que com poucos recursos criaram um domínio tão grande, do que nós, que mal conseguimos sustentar tão belas conquistas. 43. Decidiremos, então, libertá-los e aumentar o exército de Catilina? De forma alguma. Mas sou do seguinte parecer: seu dinheiro deve ser confiscado, eles próprios devem ser mantidos sob custódia pelos municípios de maiores recursos, para que ninguém, posteriormente, consulte o Senado ou debata com o povo a seu respeito; aquele que agir diferentemente, o Senado julga que agirá contra a República e a segurança geral.

LII. 1. Depois que César terminou seu discurso, os demais puseram-se a concordar verbalmente com um ou outro, de maneira diversa. Porém, Marco Catão, consultado acerca de sua proposta, proferiu um discurso do seguinte teor:

2. — Meu pensamento é bastante diferente, senhores senadores, quando considero a situação e os nossos riscos e quando examino em meu íntimo as propostas de alguns. 3. Parecem-me ter feito uma exposição acerca do castigo dos que prepararam guerra contra a pátria, os pais, os altares e os Lares; a situação, porém, sugere antes que nos acautelemos deles que deliberemos sobre o que decidir contra eles. 4. De fato, po-

117. A repetição enfática é do original.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

demos nos vingar dos demais crimes no momento em que os cometem; quanto a este, se não impedirmos que ocorra, quando acontecer, em vão imploraremos por julgamentos: tomada a cidade, nada resta aos vencidos. 5. Ora, pelos deuses imortais, eu me dirijo a vós, que sempre tivestes muito mais apreço por vossas casas, vilas, estátuas, quadros do que pela República¹¹⁸. Se desejais manter essas coisas que abraçais, seja qual for sua natureza, se pretendeis dedicar o ócio a vossos prazeres, acordai de uma vez e apoderai-vos da República! 6. Não se trata de impostos ou de injúrias cometidas por aliados: a liberdade e nossa vida estão em jogo¹¹⁹. 7. Inúmeras vezes, senhores senadores, fiz longos discursos nesta Ordem¹²⁰; não raro me queixei do luxo e da ganância de nossos cidadãos, e por isso tenho muitos mortais como inimigos. 8. Jamais tendo concedido a complacência de qualquer delito a mim e a meu ânimo, não perdoava facilmente as faltas à paixão de um outro¹²¹. 9. Ora, embora tivésseis tais fatos em pouca consideração, a República estava segura: a opulência suportava a negligência. 10. Agora, porém, o que está em questão não é se vivemos segundo bons ou maus costumes, nem o tamanho ou a grandiosidade do domí-

118. Tal como acontece no discurso de César, as palavras de Catão também ecoam as de Salústio, na digressão moral de VI–XIII.

119. Se o discurso de César primou pelo aspecto racional, o de Catão primará pelo apelo às paixões.

120. Ou seja, a Ordem senatorial.

121. Catão busca conferir credibilidade a seu discurso fazendo uso de sua autoridade, assentada na postura moral que tem caracterizado sua vida e sua carreira.

SALÚSTIO

nio do povo romano, mas se estes, como quer que nos pareçam, caberão a nós ou a nossos inimigos junto conosco¹²². 11. Aqui alguém me vem falar de brandura e misericórdia?¹²³ Já há muito, sem dúvida, perdemos os vocábulos adequados às coisas: é por se chamar a dilapidação dos bens alheios de generosidade, a ousadia em más ações, de bravura, que a República está à beira do abismo. 12. Sejam, concedo, uma vez que é essa a tradição, generosos com as fortunas dos aliados; tenham misericórdia dos ladrões do erário; mas que eles não prodigalizem nosso sangue e, enquanto poupam uns poucos criminosos, venham arruinar a todos os homens honestos. 13. Caio César, há pouco, discursou bem e com arte, nesta Ordem, acerca da vida e da morte, julgando falso, creio eu, o que se conta das regiões infernais: que os maus, seguindo caminho diverso dos bons, deparam com lugares hediondos, repugnantes, terríveis e temíveis. 14. Assim, considerou que o dinheiro deles deve ser confiscado, que eles devem ser mantidos sob custódia pelos municípios, sem dúvida por temor de que, estando em Roma, sejam libertados à força pelo cumpri-

122. A principal paixão que Catão tenta incutir em seus colegas senadores é o medo. Para tal, procura passar a ideia de premência da resolução imediata da situação. César, em contrapartida, argumentara racionalmente que não precisava sequer mencionar a questão do medo, dadas as providências tomadas por Cícero (LI, 19).

123. A ironia desta observação não terá escapado aos leitores contemporâneos de Salústio: César, após a vitória na guerra civil, adotara a política de misericórdia para com os vencidos. Catão, porém, recusara-se a sujeitar-se ao ditador, preferindo o suicídio. Aqui temos um caso análogo: a recusa de Catão em aceitar a política de misericórdia de César.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

ces da conjuração ou pela multidão reunida: 15. como se, na verdade, existissem homens desonestos e criminosos apenas na Urbe e não por toda a Itália, ou se a audácia não tivesse mais poder quando os recursos para defesa são menores. 16. Por isso, não há dúvida de que este conselho é vão se teme algum perigo da parte deles; se, em meio a tamanho temor generalizado, apenas ele não tem medo, tanto mais é importante que eu tema por mim e por vós¹²⁴. 17. Por isso, ao decidirdes a respeito de Públio Lêntulo e dos demais, tende certeza de que ao mesmo tempo estais tomando uma decisão a respeito de Catilina e de todos os conjurados. 18. Quanto mais atentamente o fizerdes, mais debilitada ficará sua coragem; se virem que fraquejais apenas um pouco, atacarão já, todos, com ferocidade. 19. Não julgueis ter sido pela armas que nossos antepassados tornaram grande a República, de pequena que era. 20. Se assim fosse, nós a teríamos muito mais bela, uma vez que possuímos maior abundância de aliados e cidadãos, bem como de armas e cavalos, do que eles. 21. Mas outras foram as razões que os tornaram grandes, que em absoluto não temos: internamente a indústria, no exterior um justo domínio, ânimo livre para deliberar, não sujeito a delito ou paixão. 22. Em lugar disso temos o luxo e a ganância, no âmbito público, a pobreza, no privado, a opulência; louvamos as riquezas, buscamos a inação; não há diferença alguma entre honestos e desonestos; a ambição tomou posse de todos os prêmios que cabiam à

124. Catão parece sugerir que a falta de medo de César seria um indício de seu envolvimento na conjuração.

SALÚSTIO

virtude¹²⁵. 23. E não é de admirar: quando cada um de vós assume uma conduta separadamente, quando em casa sois escravos dos prazeres, aqui, do dinheiro e dos favores, por isso acontece que se ataque uma República vazia. Mas deixo isso de lado. 24. Mui nobres cidadãos conjuraram incendiar a pátria; convocam à guerra o povo gaulês, inimicíssimo do nome romano; o chefe dos inimigos avança sobre nossas cabeças com seu exército: 25. vós estais ainda agora indecisos e não sabeis o que fazer a cidadãos capturados dentro da cidade? 26. Tende compaixão, eis o que penso¹²⁶: homens bastante jovens cometeram um delito por ambição; e libertai-os armados, inda por cima; 27. que essa vossa brandura e misericórdia não se transforme em miséria, se pegarem em armas. 28. Evidentemente a questão em si é espinhosa, mas vós não a temeis. Espinhosa demais, na verdade; mas, por inércia e fraqueza, hesitais, um esperando o outro, certamente fiados nos deuses imortais, que não raro salvaram esta República em meio a seus maiores perigos. 29. Não é com votos ou súplicas mulheris que se granjeia a ajuda dos deuses: pela vigília, pela ação, pela boa deliberação é que tudo tem bom êxito. Quando nos entregamos à indolência e à apatia, em vão imploramos aos deuses — eles estão irados e hostis. 30. Entre nossos antepassados, Aulo Mânlio Torquato, durante a guerra da Gália, mandou matar seu filho porque lutara contra o inimigo desobedecendo a uma ordem, 31. e aquele ilustre jovem de desmedida

125. Novo eco das ideias morais do prefácio e da digressão moral.

126. Catão distorce e ironiza a posição de César.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

bravura foi punido com a morte¹²⁷; 32. vós não sabeis o que decidir a respeito de parricidas cruéis ao extremo? 33. Sem dúvida suas vidas pregressas vão contra este crime. Na verdade, poupai o prestígio de Lêntulo, se ele mesmo alguma vez poupou o pudor, se poupou sua reputação, se poupou os deuses ou qualquer homem; perdoai a juventude de Cetego, caso não tenha feito guerra contra a pátria uma segunda vez. 34. O que direi de Gábínio, Estatílio, Cepário? Se tivessem tido alguma consideração, não teriam tomado tais decisões a respeito da República. 35. Por fim, senhores senadores, se, por Hércules, houvesse lugar para erro, facilmente sofreria que fôsseis corrigidos pelos fatos, uma vez que desprezais as palavras. Mas estamos cercados por todos os lados; Catilina ameaça nossas gargantas com seu exército; há outros inimigos dentro das muralhas e no seio da cidade, não é possível fazer quaisquer preparativos ou deliberações secretamente: um motivo a mais para ter pressa. 36. Por isso, meu parecer é o seguinte: uma vez que a República foi posta em enorme perigo pelo desígnio abominável de cidadãos criminosos e eles foram condenados por denúncia de Tito Voltúrcio e dos embaixadores alóbroges, confessando haver preparado massacres, incêndios e outros crimes terríveis e cruéis contra os cidadãos e a pátria, como se pegos em flagrante delito de crime capital, deve-se aplicar, segundo a tradição ancestral, a pena de morte.

127. Leia-se, a respeito, o relato de Tito Lívio, 8, 7, 1. O *praenomen* de Torquato seria Tito, não Aulo. Ernout (1996: 113, n. 1) bem observa que o episódio mencionado por Salústio não aconteceu na guerra contra os gauleses, mas contra os latinos.

SALÚSTIO

LIII. 1. Depois que Catão se sentou, todos os consulares e, do mesmo modo, grande parte do Senado, elogiam sua proposta, exaltam aos céus o valor de seu ânimo, censuram uns aos outros de covardes. Catão é considerado ilustre e grandioso; aprova-se o decreto do Senado tal como julgara. 2. Ora, quanto a mim, que muito li, muito ouvi sobre as façanhas que o povo romano realizou na paz como na guerra¹²⁸, em mar e em terra, calhei de achar por bem observar que fatores sobretudo contribuíram para que se sustentassem tamanhas empresas. 3. Sabia que inúmeras vezes lutara com um pequeno contingente contra grandes legiões de inimigos; tomara conhecimento de que guerras haviam sido travadas com pequenas tropas contra reis opulentos; que, além disso, não raro suportara a violência da fortuna; que pela eloquência os gregos estavam à frente dos romanos, pela glória de guerra, os gauleses. 4. E para mim, que muito refletia, era evidente que o egrégio valor de uns poucos cidadãos levava tudo a cabo, e por isso acontecera que a pobreza superasse as riquezas, que um pequeno número vencesse uma multidão. 5. Porém, depois que a Urbe foi corrompida pelo luxo e pela indolência, a República, retrocedendo, passou a sustentar os vícios de comandantes e magistrados com sua grandeza e, como se estivesse esgotada pelo parto, em muitas ocasiões não houve uma única pessoa sequer, em Roma, de grande virtude. 6. Ora, segundo me lembro, houve dois homens de enorme virtude, de caráter

128. Ao apontar o seu amplo uso de fontes orais e escritas, Salústio reforça sua autoridade de historiador.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

diverso, Marco Catão e Caio César. Uma vez que o tema os apresentara, decidi não deixar que passassem em silêncio¹²⁹, revelando, na medida de meu engenho, a natureza e o caráter de um e outro¹³⁰.

LIV. 1. Então, eram de estirpe¹³¹, idade¹³², eloquência¹³³ quase iguais; semelhante era a magnanimidade, igualmente a glória, mas em cada um de um tipo diferente. 2. César era considerado grandioso pelos benefícios e pela generosidade; pela integridade de sua vida, Catão. Aquele tornou-se célebre pela brandura e misericórdia, a este a severidade conferira dignidade. 3. César conquistou a glória distribuindo, ajudando, perdando, Catão, nada prodigalizando. Num havia o refúgio dos miseráveis, no outro, a ruína dos maus. Louvavam-se a afabilidade daquele, a constância deste. 4. Por fim, César decidira-se pelo labor, pela vigília, pela atenção aos negócios dos amigos em negligência dos seus, pela não recusa do que merecesse ser concedido; buscava um grande comando, um exército, uma nova guerra onde seu valor pudesse brilhar. 5. Catão, por outro lado, ti-

129. Baker (1982), pp. 801–802, chama a atenção para o mesmo uso ambivalente, ativo e passivo, de *silentio* que observamos no prefácio (I, 1): neste caso, é passivo no que concerne a César e Catão, ativo no que concerne a Salústio.

130. Na síncrise do capítulo seguinte.

131. César pertencia à *gens Iulia*, família patricia que remetia seus ancestrais a Iulo, filho de Eneias, e, em última instância, a Vênus, mãe deste; Catão pertencia à *gens Porcia*, família plebeia.

132. César nascera em 100, Catão, em 95.

133. Conforme demonstram os discursos que acabam de ser reportados (embora se trate de reconstruções verossímeis, é claro, escritas segundo o *modus scribendi* de Salústio.)

SALÚSTIO

nha um grande desejo de moderação, de glória, mas, sobretudo, de severidade. 6. Não disputava em riquezas com o rico, nem em violência com o violento, mas em valor com o bravo, em pudor com o modesto, em desinteresse com o inocente. Preferia ser a parecer bom; assim, quanto menos buscava a glória, tanto mais ela o seguia.

LV. 1. Depois que, como disse, o Senado acatou a proposta de Catão, o cônsul, considerando que o melhor a fazer era aproveitar a noite que avançava para que não ocorresse alguma mudança naquele intervalo, manda preparar os triúnviros que a pena exigia¹³⁴; 2. ele em pessoa, depois de dispor as guardas, conduz Lêntulo ao cárcere; os pretores fazem o mesmo com os demais. 3. Há um lugar no cárcere, quando se sobe à esquerda, que é chamado Tuliano¹³⁵, rebaixado cerca de doze pés no solo. 4. Protegem-no paredes de todos os lados e, por cima, uma abóbada ligada por arcos de pedra; mas seu aspecto é repugnante e terrível em virtude do desmazelo, da escuridão, do odor. 5. Depois que Lêntulo foi enviado a esse local, os algozes dos crimes capitais, conforme lhes fora ordenado, estrangularam-no. 6. Dessa forma, aquele patrício da ilustríssima família dos Cornélios, que detivera o poder consular em Roma¹³⁶,

134. Trata-se dos *tresviri capitales*, “triúnviros capitais”, responsáveis pela segurança de Roma e pela execução das penas capitais, como sugere seu próprio título.

135. Localizado originalmente no Fórum Romano, hoje o Tuliano encontra-se embaixo da Igreja de San Giuseppe dei Falegnami, construída no século XVI.

136. Lêntulo fora cônsul menos de uma década antes da conjura-

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

encontrou, para sua vida, uma ruína digna de seu caráter e seus feitos. A Cetego, Estatílio, Gabínio, Cepário, aplicou-se igualmente o castigo.

LVI. 1. Enquanto isso ocorre em Roma, Catilina forma duas legiões com o contingente que levara em pessoa e que Mânlio obtivera; preenche as coortes de acordo com o número de soldados¹³⁷. 2. Em seguida, conforme cada um, voluntário ou do número dos aliados, chegara ao acampamento, distribuíra-os uniformemente e logo preencheria as legiões com o número de homens, embora de início não tivesse mais que dois mil. 3. Ora, de todo o contingente, cerca da quarta parte estava preparada com armas regulares do exército; os demais, segundo o acaso armara cada um, portavam venábulo ou lanças, outros, dardos pontiagudos. 4. Mas depois que Antônio começou a se aproximar com seu exército, Catilina marcha pelas montanhas; desloca seu acampamento ora na direção da Urbe, ora na da Gália; não concede aos inimigos a oportunidade de lutarem: tinha a esperança de logo dispor de grandes tropas, se em Roma os aliados levassem os planos a cabo. 5. Entretanto, repudiava a escravaria (da qual grandes multidões, de início, acorriam a ele), confiante nos recursos da conjuração, julgando, ao mesmo tempo, que parecia estranho a seus interesses misturar a causa de cidadãos a escravos fugitivos¹³⁸.

ção, em 71, juntamente com Gneu Aufidio Orestes.

137. No final da República, cada legião era composta de 4800 homens, divididos em 10 coortes, compostas, cada uma, de 6 centúrias de 80 homens.

138. Ou seja, fazer uso de escravos fugitivos tiraria de Catilina a

SALÚSTIO

LVII. 1. Mas depois que um mensageiro chegou ao acampamento anunciando que em Roma a conjuração fora descoberta, que a pena de morte fora aplicada a Lêntulo, Cetego e os demais que citei acima, a maior parte, que havia sido atraída para a guerra pela esperança de pilhagens ou pelo desejo de revolução, dispersa-se; Catilina conduz os demais para o território de Pistorio¹³⁹ em grandes marchas por montanhas escarpadas, com a finalidade de fugir secretamente, por atalhos, para a Gália Transalpina. 2. Mas Quinto Metelo Céler defendia o território do Piceno com três legiões, por julgar que, dada a dificuldade da situação, Catilina faria exatamente aquilo que mencionamos acima. 3. Então, quando soube de sua marcha por desertores, levantou rapidamente acampamento e tomou posição nos próprios sopés das montanhas, por onde Catilina descia apressadamente para a Gália. 4. E, contudo, Antônio, desobstruído, dada a planura do terreno, não estava muito distante, visto que o seguia, durante sua fuga, com um grande exército. 5. Ora, Catilina, tão logo percebe estar cercado pelas montanhas e pelas tropas de inimigos, a situação desfavorável em Roma, nenhuma esperança de fuga ou defesa, considerando que o melhor a fazer em tal situação era tentar a fortuna na guerra, decidiu combater com Antônio o quanto antes. 6. Assim, convocando uma assembleia, proferiu um discurso do seguinte teor:

pretensa legitimidade de sua causa, revelando suas intenções tirânicas.

¹³⁹. Atual Pistoia.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

LVIII. 1. — Estou convencido, soldados, de que palavras não aumentam a bravura, e de que o discurso de um comandante não faz um exército passar de indolente a incansável, ou de covarde a corajoso. 2. Quanta audácia há no ânimo de cada um por natureza e caráter costuma ficar evidente na guerra. Aquele a quem nem a glória, nem os riscos inflamam, em vão se exortaria; o temor em seu ânimo obstrui seus ouvidos. 3. Mas eu vos convoquei para vos advertir brevemente e, ao mesmo tempo, revelar a motivação de meus desígnios. 4. Sem dúvida sabeis, soldados, quanta ruína a apatia e a falta de coragem de Lêntulo trouxeram a ele próprio e a nós, e de que modo, enquanto aguardo defesas da cidade, não pude partir para a Gália. 5. Agora, na verdade, todos sabeis, junto comigo, em que pé está a nossa situação. 6. Dois exércitos de inimigos, um da cidade, outro da Gália, nos bloqueiam. A carência de grãos e demais suprimentos nos impede de ficar mais tempo neste local, por mais que nosso ânimo o suporte¹⁴⁰. 7. Para onde quer que se decida ir, o caminho terá de ser aberto a ferro. 8. Por isso vos aconselho que sejais bravos e dispostos e, ao entrar em combate, que vos lembreis que portais as riquezas, a honra, a glória, bem como a liberdade e a pátria, em vossas destros. 9. Se vencemos, tudo estará seguro para nós; as vias em grande número, os municípios e as colônias se abrirão. 10. Se cedermos ao medo, essas mesmas coisas nos serão adversas, nem lugar ou amigo algum protegerá a quem as armas não protegerem. 11. De resto, soldados, não pesa a mesma

140. Cf. V, 3.

SALÚSTIO

necessidade sobre nós e eles: nós lutamos pela pátria, pela liberdade, pela vida; para eles, é inútil lutar pelo poder de uma minoria. 12. Por isso, avançai com bastante audácia, lembrados de vosso antigo valor. 13. Era-vos possível passar a vida com extrema torpeza no exílio; alguns de vós podíeis, em Roma, livrando-se dos bons cidadãos, esperar os recursos alheios. 14. Por tais ações parecerem terríveis e intoleráveis a homens de verdade, decidistes seguir este caminho. 15. Se quereis deixá-lo para trás, é preciso audácia; ninguém, senão o vencedor, troca a guerra pela paz. 16. De fato, ter esperança de salvação na fuga, depois de se afastarem dos inimigos as armas com que se protege o corpo — isso é realmente demência¹⁴¹. 17. Sempre, em combate, enfrentam maior perigo os que mais temem; a audácia é considerada uma muralha. 18. Quando vos observo, soldados, e quando considero vossos feitos, toma-me uma grande esperança de vitória. 19. Vosso ânimo, vossa idade, vosso valor me encorajam, para não falar da necessidade, que mesmo os covardes torna corajosos. 20. De fato, a estreiteza deste lugar impede que um grande número de inimigos nos possa cercar. 21. Por isso, se a Fortuna invejar vosso valor, cuidai para não perderdes a vida sem vingança, e para que não sejais trucidados como gado, depois de capturados, antes que, combatendo à maneira de homens de verdade, deixeis aos inimigos uma vitória sangrenta e dolorosa. LIX. 1. Assim que disse tais palavras, depois de aguardar por um breve

141. Como se depreende de LXI, 3, Catilina conseguiu persuadir os soldados a não fugirem.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

momento, ordena que se deem os sinais e conduz as fileiras ordenadas a um terreno plano. Então, afastando todos os cavalos, a fim de que os soldados, pelo perigo igualado, tivessem maior coragem, ele próprio, a pé, ordena o exército de acordo com o terreno e as tropas. 2. De fato, como havia uma planície entre os montes à esquerda e um rochedo escarpado à direita, posta oito coortes na linha de frente, dispõe em formação mais cerrada os estandartes das demais como reserva. Leva os seus centuriões, todos eles seletos e veteranos, além dos mais bem armados soldados rasos, à primeira fileira. Ordena a Caio Mânlio que se encarregue do flanco direito, a um fesulano, do esquerdo: ele mesmo, junto com os libertos e colonos, posiciona-se diante do estandarte que, segundo se dizia, Caio Mário mantinha em seu exército na guerra contra os cimbro. 4. Do outro lado, no entanto, Caio Antônio, sofrendo de gota, impossibilitado de participar do combate, confia seu exército ao lugar-tenente Marco Petreio¹⁴². 5. Este posiciona na linha de frente as coortes veteranas que recrutara em virtude da insurreição; depois delas, o restante do exército, como reserva. Ele em pessoa, flanqueando-os a cavalo, chama cada um pelo nome, encoraja-os, roga que se lembrem de que lutam pela pátria, pelos filhos, pelos altares e Lares contra bandidos desarmados. 6. Homem com experiência militar, porque estivera, com grande

142. Como bem observam os comentadores, segundo o relato do historiador Dião Cássio (37, 39, 4), a gota teria sido usada como pretexto para que Antônio não tivesse de enfrentar Catilina, seu antigo aliado, que poderia recriminá-lo e revelar sua participação na conjuração. Cf. XXI, 3.

SALÚSTIO

glória, por mais de trinta anos no exército, como tribuno, comandante, lugar-tenente ou pretor, conhecia pessoalmente a maioria de seus homens e seus bravos feitos; rememorando-os, inflamava os ânimos dos soldados. LX 1. Ora, quando Petreio, depois de passar tudo em revista, dá o sinal com a trombeta, ordena às coortes que avancem lentamente; o mesmo faz o exército dos inimigos. 2. Assim que se chegou ao ponto de onde a batalha poderia ser iniciada pelos soldados de armadura ligeira, com enorme clamor, travam combate com as insígnias voltadas contra o inimigo; renunciavam aos pilos, luta-se com gládios¹⁴³. 3. Os veteranos, lembrados de seu antigo valor, atacam brutalmente corpo-a-corpo; aqueles opõem resistência sem temor — combate-se com força máxima. 4. Enquanto isso, Catilina encontra-se na primeira fileira com as forças ligeiras, socorre os que estão em perigo, busca substitutos para os feridos, tudo provê, muito combate ele próprio, não raro fere o inimigo; executava a um só tempo os deveres de um soldado valeroso e de um bom comandante¹⁴⁴. 5. Petreio, ao perceber que Catilina, ao contrário do que imaginara, combatia com grande força, conduz a coorte pretoriana¹⁴⁵ para o meio dos inimigos e mata-os em sua desordem e resistência isolada; em seguida, ataca os demais por ambos os flancos. 6. Mânlio

143. Ou seja, deixam-se de lado as armas de arremesso, para o enfrentamento corpo-a-corpo.

144. Catilina parece dotado de todos os aspectos da *virtus* (bravura, coragem, valentia, valor), exceto o aspecto moral. Cf. V, 1.

145. A coorte pretoriana, no final da República, era a guarda pessoal dos comandantes.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

e o fesulano, lutando nas primeiras linhas, tombam. 7. Catilina, tão logo percebe suas tropas dispersadas e que sobrevive com poucos, lembrado de sua estirpe e de sua antiga dignidade, lança-se contra o ponto mais cerrado de inimigos e ali, combatendo, é traspassado.

LXI. 1. Ora, só depois de encerrado o combate era possível perceber quanta audácia e quanta bravura havia no exército de Catilina. 2. De fato, quase todas as posições que cada um tomara lutando, quando vivo, estavam cobertas por seus corpos depois de perderem a vida. 3. Uns poucos, que a coorte pretoriana, em seu meio, dispersara, estavam um pouco mais distantes, mas todos haviam tombado com ferimentos sofridos face a face. 4. Catilina, porém, foi encontrado longe dos seus, em meio aos cadáveres dos inimigos, respirando ainda um pouco e retendo em seu semblante a ferocidade que tivera em vida. 5. Por fim, de todo o contingente, nenhum cidadão de nascimento livre foi capturado, fosse em combate ou em fuga: 6. dessa forma, todos haviam igualmente poupado suas vidas e as dos inimigos. 7. E, no entanto, o exército do povo romano não conquistara uma vitória alegre ou sem sangue: os mais bravos haviam tombado em combate ou o haviam deixado gravemente feridos. 8. Muitos homens, por sua vez, que haviam deixado o acampamento para ver ou pilhar, encontravam, ao revolver os cadáveres dos inimigos, alguns, um amigo, parte, um hóspede ou parente; houve também quem reconhecesse seus inimigos. 9. Assim, diversamente, por todo o exército era-se tomado de alegria, tristeza, de dor e felicidade.

Posfácio: Salústio e a conjuração

SALÚSTIO NA HISTÓRIA

O discurso brilhante e inusitado que caracteriza as obras de Salústio, bem como a narrativa vívida e intensa por meio da qual discorre sobre política e moral, teriam contribuído para justificar a fama duradoura que o historiador alcançaria ao longo dos séculos. Marcial, não sem razão, profetizaria: *Hic erit, ut perhibent doctorum corda uirorum, / primus Romana Crispus in historia* (“Este Crispo será o primeiro na história romana, como afirmam os juízos dos homens doutos”)¹.

Tal modo de escrita único convidou à imitação historiadores como Veleio Patérculo, Valério Máximo, Quinto Cúrcio e, sobretudo, Tácito². Veleio Patérculo vê em Salústio o “êmulos de Tucídides” (2, 36). Também Quintiliano o considera um digno correspondente romano para Tucídides, como Tito Lívio o seria para Heródoto (10, 1, 101). Ao comparar os dois historiadores latinos, Quintiliano, embora julgue a obra de Tito Lívio mais apropriada para a educação dos jovens, por ser mais acessível aos iniciantes, considera Salústio um historiador maior (2, 5, 19). Tácito, demonstrando sua admiração por Sa-

1. Marcial, 14, 191. Tradução de AMBRÓSIO (2005: 105).

2. OSMOND & ULERY (2003: 188).

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

lústio, refere-se a ele como *rerum Romanarum florentissimus auctor* (*Ann.* 3, 30) (“ilustríssimo autor de história romana”); em suas obras, sobretudo nas *Histórias*, os retratos de personagens, os discursos inseridos nas narrativas e o modo como faz uso da linguagem são exemplos inequívocos de imitação de Salústio³. Escrevendo no final da Antiguidade, Agostinho demonstra ser leitor e admirador de Salústio, ao apontá-lo como um “historiador de notável veracidade” (*nobilitatae veritatis historicus*, *C. D.* 1, 5) e homem extremamente eloquente (*vir disertissimus Sallustius* (*id.* 7, 3)).

No período imperial, sobretudo na dinastia dos Antoninos (96–193 d. C), os textos de Salústio foram frequentemente estudados, discutidos e comentados, conforme atestam abundantes registros do período⁴. Quanto à Idade Média, a grande quantidade de manuscritos supérstites revela o lugar privilegiado que as obras de Salústio ocupavam nas escolas da época⁵. A Renascença, período em que Salústio alcançou enorme popularidade⁶, iria incluí-lo no cânone dos historiadores antigos, ao lado de César, Tito Lívio e Tácito. Uma razão para explicar tal grau de aceitação seria a versatilidade e a adaptabilidade de seu pensamento às variadas épocas e interesses; outro aspecto relevante seria a particularidade de sua linguagem⁷.

Contudo, como ocorre em geral com os inovadores,

3. SYME (1964: 293–94).

4. SYME (1964: 300).

5. OSMOND & ULERY (2003: 192).

6. OSMOND & ULERY (2003: 197).

7. OSMOND & ULERY (2003: 186).

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

Salústio não recebeu só elogios, mas também críticas. Dois aspectos, na Antiguidade, eram os alvos mais frequentes de censura: sua vida particular — considerada incoerente com a moral que advogava em suas obras, sobretudo nos prefácios — e seu modo de escrita arcaizante. O ataque mais duro que Salústio recebe é o de um liberto de Pompeu Magno, de nome Leneu, que, para retaliar uma referência desabonadora do historiador acerca de seu mestre, dirige-lhe duras ofensas, dentre elas, a de ladrão das palavras de Catão⁸. Tal acusação pode ter dado origem a um epigrama que Quintiliano refere como sendo então bem conhecido:

*et verba antiqui multum furate Catonis,
Crispe, Iugurthinae conditor historiae.*

(“Tu, Crispo, autor da história de Jugurta, que roubaste as palavras do antigo Catão.”)⁹.

8. Cf. Suetônio, Gram. 15.2: Ac tanto amore erga patroni memoriam extitit ut Sallustium historicum, quod eum oris probi animo inverecundo scripsisset, acerbissima satura laceravit, lastaurum et lurconem et nebulonem popinonemque appellans, et vita scriptisque monstruosum, praeterea priscorum Catonisque verborum ineredutissimum furem (“E [sc. Leneu] mostrou tamanha devoção pela memória de seu patrono [sc. Pompeu], que difamou o historiador Salústio, porque este teria dito que Pompeu escondia uma alma despudorada sob sua aparência de honestidade, numa sátira duríssima, chamando-o de pederasta, glutão, imprestável, frequentador de tavernas, uma pessoa de vida e obras monstruosas, um ladrão extremamente grosseiro das palavras dos antigos e de Catão”). Cf. OS-MOND & ULERY (2003: 186).

9. Quintiliano, *Inst.* 8, 3, 29. *Fr. Incert.* 16, Morel. Courtney (1963: 145), *apud* RUSSELL (2009: 357, n. 32).

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

O historiador Asínio Polião¹⁰, segundo indica Suetônio, teria escrito um tratado em que condenava os arcaísmos de Salústio¹¹. Ainda de acordo com Suetônio, Polião teria acusado Salústio de empregar um estudioso para colecionar palavras antigas, já em desuso, para utilizar em suas obras¹². O historiador Pompeu Trogo critica Salústio — e também Tito Lívio — por intercalar discursos nas narrativas. Contudo, seu próprio modo de escrita trairia marcas salustianas¹³. Tito Lívio, conforme testemunha Sêneca, o Rétor, manifesta sua desaprovação a oradores que recorrem a *verba antiqua et sordida* (“palavras antigas e vulgares”)¹⁴. Para criticar Salústio, Lívio teria chegado a depreciar a adaptação que este fizera de uma frase grega, atribuída a Tucídides¹⁵. Sêneca, o Rétor, que reporta o caso, considera que Lívio, na oportunidade, teria sido injusto com Salústio, e acrescenta que, na adaptação de tal frase, este teria abastido Tucídides em seu próprio acampamento, ou seja, o

10. Asínio Polião (76 a. C.–4 d. C.), côsul em 40, orador e historiador.

11. Suetônio, *Gram.*, 10. Mas, de acordo com Aulo Gélíio, *elegantia orationis Sallustii verborumque fingendi et novandi studium cum multa prorsus invidia fuit* (“a elegância do discurso de Salústio e seu gosto por forjar e renovar palavras foi motivo de enorme indignação [...]”) (4, 15, 1).

12. Referência a Ateio Pretextato, Suetônio, *Gram.*, 10, (cf. Woodman (1988: 149).)

13. SYME (1964: 289).

14. Cf. Sêneca, o Rétor, *Con.* 9, 2, 26.

15. A frase criticada é: *secundae res mire sunt vitiis obtentui* (“A prosperidade serve maravilhosamente para encobrir os defeitos”, 1, 55, 24. A frase, na verdade, era de Demóstenes (XI, 13), não de Tucídides, como supõem Lívio e Sêneca, cf. SYME (1964: 289, n. 62).

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

teria superado naquela que era sua principal virtude, a brevidade¹⁶. Mas, apesar das críticas, Tito Lívio não se teria furtado à imitação de Salústio¹⁷. As obras de Salústio continuaram sendo amplamente lidas, debatidas e mesmo imitadas na modernidade¹⁸. Alguns historiadores do século XIX, porém, baseados em teorias positivistas e desconsiderando o contexto retórico-literário em que as obras de Salústio foram escritas, questionariam o valor histórico de seus relatos, por não corresponderem aos paradigmas factuais e objetivos então estimados¹⁹. Por volta da segunda metade do século XX, contudo, restabelece-se o valor de Salústio como historiador²⁰; suas obras continuam a ser estudadas hoje sob variados pontos de vista.

VIDA DE SALÚSTIO

Caio Salústio Crispo foi político e historiador do século I a. C., no período final da República romana. Contemporâneo de Cícero, era, porém, vinte anos mais jovem. Teria nascido na cidade de Amiterno, na alta região da Sabina, em 86, e morrido em Roma em 35²¹. Amiterno, cidade situada a aproximadamente 80 quilômetros de Roma, já desfrutava de pleno direito à cida-

16. Sêneca, o Rétor, *Con.* 9, 1, 14.

17. SYME (1964: 289); WOODMAN (1988: 130; 140).

18. OSMOND & ULERY (2003: 213).

19. Cf. FUNARI & GARRAFONI (2007: 65–66, e n. 1 e 2).

20. Cf. LEEMAN (1967: 57–61).

21. Cf. Jerônimo, 151, H: *Sallustius Crispus scriptor historicus in Sabinis Amiterni nascitur*; p. 159 H: *Sallustius diem obiit quadriennio ante Actiacum bellum*. Apud SYME (1964: 13, n. 30).

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

dania romana por ocasião do nascimento de Salústio²². Considera-se que sua família era provavelmente constituída de aristocratas locais (*domi nobiles*), o que não queria dizer muito, pois, naquele tempo, uma aristocracia municipal pouco contava diante da aristocracia romana²³.

Salústio, assim como Cícero, era um *homo nouus*, isto é, o primeiro da família a adentrar a carreira política. Tal passo, para um homem de origem municipal e sem ancestrais ilustres, não se dava sem a superação de barreiras impostas pela tradição romana, que considerava o poder e o prestígio prerrogativas hereditárias²⁴. Salústio, no prefácio da *Conjuração de Catilina*, afirma que, ainda muito jovem, teria se sentido atraído pela política. Contudo, quaisquer que tenham sido suas ocupações anteriores, o primeiro registro que temos de sua carreira política é como tribuno da plebe, em 52, conforme o testemunho de Ascônio Pediano, comentador de alguns discursos de Cícero²⁵. Antes disso, é razoável supor que tenha sido questor, uma vez que esse era o primeiro cargo da carreira política (*cursus honorum*), o qual, normalmente, habilitava seu detentor à admissão no senado. Infelizmente, a única evidência de sua su-

22. RAMSEY (2007: 2)

23. RAMSEY (2007: 2).

24. RAMSEY (2007: 2).

25. Quinto Ascônio Pediano (9 a.C– 76 d.C) escreveu comentários a vários discursos de Cícero, dos quais restam-nos fragmentos de *In Pisonem*, *Pro Scauro*, *Pro Cornelio*, *In toga Candida* e *Pro Milone*. Além dos registros históricos, Ascônio consultava os *acta diurna* e os *acta senatus*.

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

posta questura se encontra na *Invectiva contra Salústio*, obra atribuída a Cícero que hoje se considera um texto forjado nas escolas de retórica do período imperial²⁶.

Durante seu tribunate, Salústio evidencia-se no cenário político em meio à crise precipitada pelo assassinato de Públio Clódio Pulcro por Tito Ânio Milão. Ascônio nos fornece ampla documentação desse período, no texto de comentário que escreveu sobre o discurso de Cícero, *Defesa de Milão*. Em seu relato, Ascônio revela em várias oportunidades as atividades políticas de Salústio, não só no senado, mas também nas assembleias populares (*contiones*), o que nos permite conhecer seu posicionamento político na época, como também suas ligações²⁷. De acordo com Ascônio, o ano de 52 começara sem cônsules, uma vez que as eleições não haviam podido ser realizadas em virtude dos violentos tumultos que se alastravam pela cidade. Havia três candidatos a disputar o consulado: Tito Ânio Milão, apoiado pela ala mais conservadora dos *optimates*²⁸, e dois candidatos que tinham o apoio de Pompeu: Quinto Metelo

26. Atribuída por Diomedes a Dídio (1.387. 4K); *Apud* RAMSEY (2007: 2, n. 2).

27. Ascônio refere-se às atividades de Salústio nos parágrafos 38, 45, 49, 50 e 51 da Edição de CLARK do *Pro Milone*, Oxford, 1895. Todas as referências a Ascônio são tomadas a essa edição.

28. *Optimates*: termo raramente encontrado no latim antes de Cícero, que o usa para designar os conservadores que apoiavam a dominância senatorial na vida política romana; frequentemente equivalente a *boni*. O termo não tem correspondência alguma com o sentido moderno de partido político, apenas designa uma categoria de pessoas com certas convicções e atitudes. Cf. LEWIS (2006: 310-11).

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

Cipião e Públio Pláucio Hipseu. Públio Clódio, ligado à facção dos *populares*²⁹, candidato a pretor e acerbo inimigo de Cícero e Milão, apoiava ativamente os candidatos de Pompeu contra este, segundo testemunha Ascônio³⁰. Milão e Clódio eram líderes rivais de bandos armados, utilizados por eles como instrumento de intimidação política. O primeiro, com o apoio tácito de Pompeu e dos *optimates*, o segundo, de César e dos *populares*. No dia 18 de janeiro de 52, os dois líderes e seus séquitos se encontraram na Via Ápia e, no embate que se seguiu, Clódio foi morto pelos escravos de Milão³¹. Seu cadáver foi levado a Roma e exposto no Fórum, enquanto tribunos discursavam incitando o povo contra o assassino. Na agitação que se formou, a Cúria foi incendiada³². No início do relato introdutório de Ascônio, dois tribunos são mencionados como os agitadores: Quinto Pompeu Rufo e Tito Munácio Planco Bursa. No entanto, na parte em que comenta o parágrafo 45 da *Defesa de Milão*, Ascônio menciona Salústio ao lado de Pompeu Rufo³³.

A desordem continuava sem que pudesse ser con-

29. O termo não tem conotação partidária, apenas refere-se comumente a um grupo, indefinido formalmente, que buscava no povo, e não na nobreza, os alicerces de seu poder.

30. Asc. 31.

31. Asc. 33.

32. Asc. 34.

33. Asc. 49: *sunt autem contionati eo die, ut ex Actis apparet, Sallustius et Q. Pompeius, utrique et inimici Milonis et satis inquieti* ("Discursaram perante o povo, naquele dia, como consta das *Atas* do senado, Salústio e Quinto Pompeu, ambos inimigos de Milão e bastante agitados").

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

tida. O senado aprova um decreto nomeando Pompeu cônsul único em 25 de fevereiro de 52. Pompeu então toma medidas enérgicas para conter a crise e põe em marcha o processo de julgamento de Milão e também dos responsáveis pelos tumultos que castigaram a cidade. Os três tribunos, Rufo, Bursa e Salústio, passam então a utilizar as assembleias populares para atacar violentamente Milão e também Cícero, por ter assumido sua defesa³⁴. Na *Defesa de Milão*, parágrafo 47, vemos Cícero queixar-se com indignação dos ataques a ele dirigidos³⁵. Ele não menciona os nomes dos responsáveis, mas Ascônio o faz: Quinto Pompeu Rufo e Caio Salústio Crispo³⁶. Cícero não obteve a absolvição de Milão, mas, no ano seguinte, conseguiu condenar Planco Bursa, embora este recebesse apoio explícito de Pompeu Magno.

34. Asc. 38: *Inter primos et Q. Pompeius et C. Sallustius et T. Munatius Plancus tribuni plebis inimicissimas contiones de Milone habebant, invidiosas etiam de Cicerone, quod Milonem tanto studio defenderet* ("Quinto Pompeu, Caio Salústio e Tito Munácio, tribunos da plebe, foram os principais organizadores de assembleias inimicíssimas a Milão, e mesmo hostis contra Cícero, que o defendia com todo o empenho").

35. *Pro Milone*, 47: *me videlicet latronem et sicarium abiecti homines et perditii describebant* ("É evidente que esses indivíduos vis e perversos me representavam como bandido e assassino.")

36. Asc. 50: *Q. Pompeius Rufus et C. Sallustus tribuni fuerunt quos significat. Hi enim primi de ea lege ferenda populum hortati sunt et dixerunt a manu Milonis occisum esse Clodium, consilio vero maioris alicuius*. ("É aos tribunos Quinto Pompeu Rufo e Caio Salústio Crispo que ele [sc. Cícero] se refere. De fato, eles foram os primeiros a incitar o povo a aprovar aquela proposta de lei e a dizer que Clódio havia sido morto pelo bando de Milão, embora por instigação de alguém maior").

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

O tribuno Pompeu Rufo também foi condenado, tendo como acusador Marco Célio, amigo de Cícero. Sobre Salústio, Ascônio nada menciona. Não há evidências de que tenha ido a julgamento. Mas, se escapou incólume desse episódio, não logrou o mesmo em 50, quando foi expulso do senado pelo censor Ápio Cláudio³⁷.

Expulsões desse gênero costumavam ocorrer por improbidade, quer na vida privada, quer na política³⁸. Contudo, o historiador Dião Cássio (c. 155–229 d. C.), ao relatar o fato, não menciona o motivo, apenas observa que, juntamente com Salústio, outros foram expulsos do senado naquela ocasião, inclusive homens pertencentes à nobreza. Pelo modo como o episódio é narrado, subentende-se que motivações políticas tenham guiado a decisão do censor.

Os detratores antigos de Salústio, contudo, iriam comprazer-se em contrastar o tom moralizante de suas obras com sua própria conduta. Uma anedota que se tornou famosa reporta que Salústio, flagrado em adultério com a esposa de Milão, Fausta, filha do ditador Sula, fora açoitado pelo marido ultrajado e só teria conseguido sair com vida do incidente trocando sua liberdade por certa soma de dinheiro³⁹. Mas a credibilidade de tais registros é questionável. O tema do adultério, bem como outras referências ao comportamento sexual do historiador que aparecem na mencionada *Invectiva contra Salústio*, são temas recorrentes nos discursos do

37. Cf. Dião Cássio, 40, 63, 4.

38. SYME (1964: 34).

39. AULO GÉLIO, 17, 18, *Apud*. SYME (1964: 278, n. 15).

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

gênero retórico demonstrativo ou epidítico⁴⁰, do qual a invectiva é uma espécie, assim como o é seu oposto, o elogio. De resto, deve-se ainda lembrar que nem Cícero, na *Defesa de Milão*, nem Ascônio, em seus comentários, fazem qualquer alusão ao suposto caso de Salústio com a esposa de Milão. Depois de sua expulsão do senado, Salústio pode ter buscado refúgio no acampamento de César⁴¹. Com efeito, pode-se encontrá-lo algum tempo depois no comando de uma das legiões de César na Ilíria, ao final de 49, nos princípios da guerra civil. Na ocasião, duas legiões, uma comandada por Minúcio Bássilo, outra comandada por Salústio, são enviadas para auxiliar Caio Antônio, cujo exército estava cercado na ilha de Curita. Mas a missão fracassa. Como os pompeianos detinham o comando do mar Adriático, a rendição foi inevitável e César teve que amargar sérias perdas⁴².

O nome de Salústio reaparece no ano de 47, desta vez como enviado de César para apaziguar uma rebelião das tropas reunidas na Campânia, em preparação para a invasão da África. Salústio não teve sucesso na operação, mas teve sorte: escapou com vida, sendo que dois outros enviados posteriores, senadores com o cargo de pretores, não o conseguiram; foi necessário que o próprio César interviesse para subjugar os amotinados⁴³.

Na campanha de César na África, Salústio não teria tido outro comando em frente de batalha. Contudo, Cé-

40. ERNOUT (1996: 9).

41. RAMSEY (2007: 4).

42. Orósio, VI, 15, 8, *apud* SYME (1964: 36, n. 34).

43. Apiano, *BC* II, 92, 387; Dião Cássio, 42, 52, 1. Cf. SYME (1964: 36-37).

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

sar se serviria dele para reunir e transportar suprimentos para as tropas, o que ele realizou, ao que parece, com sucesso⁴⁴. Depois da vitória de Tapso, na África, em 46, César anexou a maior parte da Numídia, tornando-a província romana com o nome de África Nova. Para governá-la, escolheu Salústio⁴⁵. De acordo com Dião Cássio (43, 9, 20), Salústio, durante seu governo, teria saqueado a província em proveito próprio. Ao voltar a Roma, em 45, foi acusado de extorsão e só não teria sofrido outra expulsão do senado por intervenção do próprio César, que, segundo refere Dião Cássio, ficou com a suspeita de ter protegido Salústio em troca da divisão do lucro (43, 47, 4). O escândalo, de qualquer modo, mais uma vez deve ter afetado a reputação de Salústio.

Se ele decidiu afastar-se da vida pública nesse momento, ou depois do assassinato de César, em março de 44, como parece mais provável, não se pode saber ao certo. O fato é que Salústio decide renunciar à política, atribuindo o motivo a várias adversidades sofridas, e declara sua intenção de dedicar-se a escrever história, conforme testemunha o prefácio da *Conjuração de Catilina* (IV, 1–3). A vila que ele ou seu herdeiro por adoção construíra, cercada pelos seus famosos jardins (os *horti Sallustiani*), situada entre os montes Píncio e Quirinal, que mais tarde seria propriedade da família imperial, era uma indicação de que seus recursos eram capazes de garantir seu ócio⁴⁶.

44. SYME (1964: 37).

45. *Id. ibid.*

46. RAMSEY (2007: 5).

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

A OBRA DE SALÚSTIO

De Salústio chegaram até nós duas monografias completas, a *Conjuração de Catilina*, que ora se apresenta, e a *Guerra de Jugurta*, bem como uma obra de estrutura analística pertencente ao subgênero da história universal que cobria os anos de 78 a 67, as *Histórias*, que o autor, com sua morte, deixou incompleta, chegando ela até nós de maneira apenas fragmentária. A *Conjuração* foi publicada depois da morte de César (44), como se deduz do capítulo LIII, em que Salústio usa o verbo “ser” no passado para se referir a este e a Catão, e é tradicionalmente considerada anterior à *Guerra de Jugurta*, embora o único dado de que podemos ter alguma certeza seja que as monografias precederam as *Histórias*.

Outras obras a ele atribuídas são duas *Epístolas a César* e uma *Invectiva contra Cícero*, sobre as quais pesa a dúvida da autenticidade. Desde a Renascença se tem debatido sobre a legitimidade de tais obras, embora, até hoje, não se tenha conseguido provar definitivamente seu caráter autêntico ou espúrio. Os argumentos em favor da legitimidade, porém, têm pouco apoio entre os estudiosos. Como afirmam OSMOND e ULERY (2003: 187), estas duas obras, caso autênticas, forçosamente precederiam as monografias e as *Histórias*.

SALÚSTIO E A HISTORIOGRAFIA ROMANA

Ponderando acerca da escrita da história entre gregos e romanos, Salústio deplora que em Roma nunca tivesse havido homens de engenho que se dedicassem a eternizar os feitos de seus cidadãos ilustres. Observa

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

que, diferentemente dos gregos, os romanos mais sagazes preferiam notabilizar-se por suas próprias realizações a escrever sobre as realizações alheias (*Cat.* VIII, 5). Assim, Salústio reconhece que Roma não produzira até então um escritor de história à altura dos historiadores gregos. Tal julgamento coincide com a opinião de Cícero em *Leg.*, I, 5⁴⁷. Nesse diálogo, escrito entre 50–46, em que as personagens em cena são o próprio Cícero, Quinto, seu irmão, e o amigo Ático, há uma passagem em que este tenta convencer Cícero a dedicar-se ao gênero histórico, uma vez que suas qualidades como orador o credenciariam a tal tarefa. Ático então argumenta que a história, do modo como ele próprio e Cícero a concebiam, ainda estava ausente das letras romanas (“[...] a história está ausente de nossas letras, segundo eu próprio entendo e inúmeras vezes ouvi de ti [...]”; *Leg.*, I, 5).

Tal afirmação, contudo, não queria dizer que os romanos não tinham interesse por sua própria história. Desde provavelmente o século IV ou V, o pontífice máximo consignava os eventos importantes da cidade em um quadro branco (*tabula dealbata*), que era afixado no átrio de sua casa. Esses quadros foram afixados durante séculos, até 130, quando o pontífice máximo Múcio Cévola mandou publicar os documentos anteriores em oitenta volumes, que passaram a constituir os *Anais Máximos* (*Annales Maximi*)⁴⁸.

Efetivamente, havia em Roma condições favoráveis

47. Também em *Brut.*, 228, e *de Orat.* 2, 52–55.

48. FRIER (2002: XV; 163; 171).

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

para o desenvolvimento da historiografia: a tradição firmemente estabelecida do registro oficial dos eventos importantes; o interesse pessoal dos homens ilustres na divulgação escrita dos feitos de seus ancestrais, requisitos fundamentais para propugnar suas próprias carreiras políticas; e, ao final do século III, o estímulo e a influência dos modelos helenísticos⁴⁹. A primeira forma de historiografia em prosa parece ter surgido durante a Segunda Guerra Púnica (218–201) com a escrita de tipo analístico, modo de narrar característico dos anais, que apenas forneciam um relato cronológico dos eventos, sem qualquer tipo de análise. Fábio Píctor (final do século III) é tradicionalmente considerado o primeiro romano a dedicar-se à escrita da história, embora o tivesse feito em grego, como alguns de seus sucessores. Membro de uma notável família patricia, Píctor teria sido também o primeiro de uma longa lista de senadores que devotaram seu tempo livre (*otium*) a compor a própria versão de eventos que apresentavam algum tipo de interesse⁵⁰.

No diálogo *Do Orador* (55), obra retórica em que se discute acerca do orador ideal, Cícero relaciona Píctor, Catão e Pisão como escritores que compuseram história à maneira dos anais, pois não dominavam ainda “os meios com que se orna o discurso” (2, 52–53). Apenas Célio Antípatro⁵¹, afirma Cícero, teria se elevado um

49. USHER (1969: 130).

50. USHER (1969: 131).

51. Célio Antípatro, que escreveu a história da segunda Guerra Púnica em sete livros, parece ter sido o primeiro romano a ter abandonado a escrita analística em favor da monografia histórica, para

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

pouco acima destes, tendo acrescentado “maior grandiloquência à história”, mas, mesmo assim, careceria de polimento de elocução e de variedade (2, 54). A combinação de serviços à República com historiografia tornou-se uma tradição fortemente estabelecida em Roma⁵². Tal foi o caso, além de Fábio Píctor, de Marco Pórcio Catão (234–149). Cônsul em 195, censor em 184, Catão é o homem que, entre as gerações posteriores, é tido como a personificação de toda espécie de excelência particularmente romana⁵³. Ao retirar-se da vida pública, passou a escrever história. Sua obra, *Origens*, em sete livros, talvez a primeira do gênero em latim, foi composta entre 168 e 149. Cobre o mesmo período dos analistas — que geralmente remontavam seu relato à época de fundação da Cidade —, embora introduza uma nova maneira de escrever história: não só Roma é alvo de sua atenção, mas também as comunidades que lhe são vizinhas; não se limita a reproduzir analisticamente os eventos, mas discute questões de ordem geográfica, etnográfica e ainda econômica⁵⁴; e, apesar do notório patriotismo de seu autor, a obra não deixa de mostrar sinais de influência grega, como, por exemplo, de Xenofonte⁵⁵.

Em Roma, no século I, embora a oratória tivesse atingido elevado grau de excelência com Cícero, que se notabilizou não só por praticá-la como por teorizá-la, a história ainda não havia tido a mesma sorte. Em

tratar de um tema único. Cf. RAMSEY (2007: 8, n. 10).

52. RAMSEY (2007: 132).

53. RAMSEY (2007: 132).

54. CHASSIGNET (1999: 10).

55. USHER (1969: 135).

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

contexto romano, as primeiras reflexões teóricas sobre a escrita da história a chegarem até nós encontram-se no próprio Cícero, que, embora não tenha praticado o gênero, elaborou uma concepção de história, a de história ornada, que teve larga fortuna entre os escritores posteriores. Tal conceito envolve, segundo suas próprias palavras, “a variedade de tópicos”; “o arranjo das palavras”; “a cadência regular e uniforme do discurso” (*de Orat.*, 2, 54). Segundo Cícero, a escrita da história devia ser sobretudo obra de oradores (*opus oratorium maxime*, *Leg.* I, 5), ou seja, de quem detivesse o domínio da arte retórica e estivesse, portanto, credenciado para escrever bem. No *Do orador*, Cícero apresenta, em certo momento, a personagem Antônio refletindo sobre a causa de os romanos não possuírem até então (91, data dramática do diálogo) um representante no gênero historiográfico à altura dos gregos. Antônio conclui que, ao contrário destes, os romanos eloquentes preferiam brilhar defendendo causas no fórum (2, 55), enquanto, na Grécia, historiadores ilustres, como Heródoto, Tucídides, Xenofonte e outros haviam sido eloquentes sem nunca ter praticado o gênero judiciário. A razão oferecida por Antônio é próxima à que Salústio oferece na passagem que citamos acima (*Cat.* VIII, 5); tal argumento reflete o ideal de praticidade romano, segundo o qual haveria mais virtude na ação do que no trabalho intelectual, reservado para as horas de ócio.

A crítica de Cícero e de Salústio de que Roma não tinha ainda um escritor que pudesse ser comparado aos historiadores gregos repousa principalmente no fator da elocução. A elocução da história é uma, a do gênero

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

judiciário é outra bem distinta, afirma Cícero por meio de Antônio. Aquela deve “buscar uma conformação das palavras e um gênero de discurso amplo e contínuo, que flua uniformemente e com alguma placidez, sem a aspreza própria dos tribunais e sem os aguilhões forenses dos pensamentos [...]” (*de Orat.*, 2, 64).

O que Cícero preconiza para a história é uma elocução capaz não só de ensinar, mas também de deleitar o leitor. Em 56, ele envia uma carta ao amigo Luceio, historiador seu contemporâneo⁵⁶, pedindo-lhe que narre o evento que, a seu ver, era o mais notável de seu consulado: sua atuação ao suprimir a conspiração de Catilina, bem como os eventos que se seguiram até seu retorno do exílio, em 57. Desejando ter seus feitos celebrados ainda em vida, Cícero manifesta sua preferência de que isto ocorra por meio de um gênero de escrita que hoje chamamos monografia, que lhe propiciaria maior destaque, por tratar-se de obra que gira em torno de tema único, centrado em um protagonista principal. Essa carta nos é valiosa do ponto de vista das concepções historiográficas nela expostas. Permite-nos entrever mais claramente a concepção de Cícero de história ornada e, além disso, que tipo de escritor ele considerava habilitado para escrever história.

No parágrafo 7 da carta, Cícero justifica seu desejo de ver seus feitos narrados particularmente por Luceio, que seria dotado da “autoridade de um homem muitíssimo ilustre e distinto, reconhecido e mais que todos aprovado nas causas mais importantes e sérias da Re-

56. *Fam.*, 5, 12.

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

pública” (*Fam.*, 5, 12, 7). Cícero considera que, para a escrita de história, a política é fonte de *auctoritas* (autoridade). Nesse contexto, tal *auctoritas* significa a capacidade analítica de apreensão do fato, bem como os conhecimentos adquiridos que permitam ao escritor traduzir em palavras a experiência vivida⁵⁷. Ter vivenciado o período que narra era considerado fundamental já na historiografia grega clássica. Assim, Luceio é o homem ideal para escrever sobre Cícero porque, além de dotado de autoridade, vivenciou o período sobre o qual devia escrever⁵⁸.

Não sabemos se Luceio chegou a realizar o desejo de Cícero, mas, caso o tenha feito, tal escrito não chegou até nós. Contudo, ironicamente, 10 anos mais tarde, um homem dotado de experiência nos assuntos políticos e militares, bem como de habilidade retórica, decide empreender a tarefa de narrar o mesmo evento antes sugerido por Cícero a Luceio, e no mesmo formato: a monografia. Trata-se de Salústio, que leva a cabo a tarefa, porém, de modo próprio: em primeiro lugar, centra sua narrativa na *persona* de Catilina, cabendo a Cícero um papel incidental; em segundo, afasta-se diametralmente da elocução proposta por Cícero para a historiografia, escolhendo uma escrita breve e pontilhada de reminiscências da antiga prosa dos historiadores antigos.

57. SEBASTIANI (2007: 79).

58. SEBASTIANI (2007: 77-78).

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

OS PREFÁCIOS

Os prefácios dos escritos históricos eram, tradicionalmente, a parte em que os historiadores expunham o programa que pretendiam seguir em suas obras. Assim, a começar por Heródoto, os prefácios desenvolviam, com o passar dos séculos, lugares-comuns que funcionavam como indicadores do projeto historiográfico de cada autor⁵⁹ — ou, pelo menos, daquilo que o autor nos queria fazer crer como tal. Os principais lugares-comuns diziam respeito: à enunciação do tema e do subgênero adotados; à justificativa da escrita da história e da escolha do tema; ao desejo de alcançar a glória; e à declaração de imparcialidade por parte do historiador e de sua consequente busca da verdade.

No prefácio da *Conjuração de Catilina*, Salústio procura justificar sua retirada da vida pública e dedicação à escrita do gênero histórico. Por escrever uma obra de caráter moralizante, encontrava-se diante de um dilema: o historiador, como se disse, fora expulso do senado em 50, possivelmente por improbidade, e enfrentara um processo de extorsão após sua administração da província da África Nova, em 45. Sendo assim, tinha, de antemão, de enfrentar o problema da falta de *auctoritas* ao compor seu *ethos* (“caráter”) de historiador moralista, com consequente falta de *fides* (“credibilidade”). A solução encontrada foi extremamente engenhosa: imitando a Carta 7 de Platão⁶⁰, em que o filósofo explica

59. Leia-se, particularmente, o artigo de EARL (1972) para uma síntese da questão.

60. O conceito antigo de imitação nada tem que ver com nos-

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

seu entusiasmo inicial pela vida pública e posterior desilusão, a que se seguiu a dedicação à filosofia, Salústio coloca-se na posição de Platão romano da historiografia, apresentando-se como vítima da corrupção vigente na época de sua juventude, quando se lançara, quer nos fazer crer, com ardor à vida pública e à política.

O prefácio da *Conjuração de Catilina* apresenta todos os elementos que constituem os tópicos protocolares do gênero. Contudo, é absolutamente singular na maneira como está arranjado: Salústio não aborda de imediato esses tópicos tradicionais, mas começa seu exórdio por meio de reflexões de caráter filosófico sobre o *corpus* (“corpo”) e o *animus* (“espírito”) humanos, que remetem, em última instância, a Platão.

No primeiro parágrafo, Salústio começa pela comparação entre seres humanos e animais, e pela enunciação do que é preciso fazer para que aqueles superem a estes:

1. A todos os homens que anseiam superar os restantes animais, cumpre empenhar-se com o máximo afínco para que não atravessem a vida no silêncio, tal como o gado, que a natureza moldou curvado e obediente ao ventre. 2. Ora, nosso poder, como um todo, reside na mente e no corpo: da mente, exercemos antes o mando, do corpo, a escravidão; compartilhamos uma com os deuses, o outro, com as feras. 3. Daí parecer-me mais correto buscar a glória pelos recursos da in-

sas ideias de originalidade, que remetem, em última instância, a uma concepção romântica de escrita. Para os antigos, a imitação de um antecessor era uma estratégia de escrita perfeitamente legítima, contanto, bem entendido, que apresentasse um elemento de novidade em relação ao texto imitado (leia-se, por exemplo, Quint. *Inst.* 10, 2).

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

teligência do que pelos da força e, uma vez que a própria vida que gozamos é breve, tornar o mais duradoura possível a recordação de nós mesmos. 4. De fato, a glória do dinheiro e da beleza é fugaz e frágil, a virtude é uma posse brilhante e eterna.

A tópica da comparação do homem com os animais já comparece no *Panegírico* de Isócrates, que observa que, se nos diferenciamos dos animais pela fala, pela eloquência superamos as pessoas naquilo mesmo em que superamos os animais⁶¹. Entre os latinos, a ideia fora retomada por Cícero em seu *Da invenção*, também no contexto da eloquência. No §I do prefácio, porém, Salústio efetua uma imitação com variação, introduzindo, em lugar desta, a historiografia, ainda que de maneira oblíqua: apenas mais adiante, no §III, ficará claro que a referência é à historiografia e à sua prática por parte de Salústio.

Os homens que pretendem superar os outros animais, então, devem, para Salústio, empregar seus esforços para não atravessar a vida *silentio*. Esta palavra, no original latino, pode ter dois sentidos, ativo e passivo⁶². Pelo primeiro, poderíamos parafrasear a palavra por “sem que se fale a seu respeito”, ou, como mais concisamente propõem comentadores e tradutores, “na obscuridade”. Pelo segundo, teríamos a ideia de “em silêncio”, “sem falar”. Ora, como aponta Woodman, a concisão salustiana parece estar em ação na passagem, uma vez que as duas leituras possíveis não são alterna-

61. Isócrates, 4, 48.

62. Cf., acerca do termo e da passagem, o breve e excelente artigo de WOODMAN (1973).

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

tivas que tenhamos de escolher, mas complementam-se uma à outra: de um lado, o termo diz respeito à fama que os homens devem lutar por adquirir, de outro, à maneira pela qual Salústio decidiu granjear tal fama: por meio de uma atividade que diz respeito não ao corpo, mas ao espírito — a escrita da história.

Ainda no primeiro parágrafo, Salústio introduz a bipartição corpo/espírito, ligando, ao primeiro, o mando e a atribuição ao domínio divino, ao segundo, a escravidão e a atribuição ao domínio animal. A partir disso, enunciará o objetivo que concerne, em geral, a todo homem que deseje superar os restantes animais, em particular, a ele, Salústio, na qualidade de historiador: a busca da glória e da recordação da posteridade. Salústio apropria-se dessa tópica tradicional e a insere num contexto de reflexão filosófica acerca da condição humana, onde reside a novidade de seu tratamento. Para se colocar no domínio do espírito, do comando e dos deuses, o historiador aponta como mais correto o uso da inteligência ou engenho (*ingenium*) do que o da força (*vires*), e é por isso que se dedicará, não à busca da glória proveniente das riquezas e da beleza corporal, que é efêmera, mas à da virtude, brilhante, eterna e imortal.

O segundo parágrafo introduz um elemento que só será explicitado na primeira digressão da obra, concernente ao passado glorioso de Roma e a sua decadência a partir da destruição de Cartago (no ano de 146): a ideia de que as grandes conquistas dizem respeito não ao domínio da força, mas ao da inteligência, e de que um domínio se mantém apenas quando atuam as mesmas qualidades que estavam em ação quando de sua

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

conquista. Quando estas mudam, mudam com ela a Fortuna e os costumes, e o poder passa, então, a alguém melhor. É com essa alusão à decadência dos costumes, com a substituição do trabalho, da temperança e da equidade pela indolência, pelo desejo e pela soberba, que Salústio passa a separar os que se dedicam aos prazeres do corpo daqueles que buscam a glória pelos feitos da inteligência: “Parece-me viver e desfrutar da vida apenas quem, ocupado com alguma atividade, busca a glória de feito ilustre ou de bom dote” (II, 9). Neste passo é desenvolvido e explicitado o sentido passivo do termo *si-lentio*: igualam-se aos animais aqueles que se entregam aos prazeres do corpo, apresentados concretamente em “entregues ao ventre e ao sono” (II, 8) — lembremos da imagem inicial do §I, que caracteriza o gado como curvado e obediente ao ventre —, e, por não buscarem a glória, não terão fama ou renome e acerca deles a posteridade calará (II, 8). Com essa discussão, Salústio pode então retomar, no §III, o tema da escrita da história e de sua justificativa ao escrevê-la. Argumenta que é digno de louvor não só aquele que realiza boas ações pela República, mas também aqueles que narram tais feitos. As duas ocupações podem tornar um homem ilustre, mas a tarefa do escritor parece-lhe “sobremaneira árdua [...]: primeiro, porque se devem igualar feitos e ditos; em seguida, porque a maioria considera os delitos que se censuram fruto de malevolência e inveja” (III, 2).

Para o público contemporâneo de Salústio, uma comparação entre aquele que realiza e aquele que escreve seria, muito provavelmente, favorável ao primeiro, e o historiador tenta, neste passo, equilibrar os dois lados

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

ou mesmo inverter essa relação de valores. Para tal, faz referência às dificuldades inerentes à escrita da história, que dizem respeito tanto a sua produção como a sua recepção: de um lado, é preciso que se igualem as palavras aos feitos; de outro, a obra pode provocar no leitor a suspeita de parcialidade e fabricação⁶³.

Nos parágrafos III-IV, ocorre a imitação da Carta 7 de Platão. Comparemos as duas passagens:

1) (*Cat.* III, 3-4, 2) Mas eu, ainda bem jovem, de início, tal como a maioria, lancei-me com ardor à vida pública, e enfrentaram-me aí muitas adversidades. Pois imperavam, em lugar do pudor, da integridade, da virtude, a audácia, a largueza, a avidez. Embora meu ânimo, desfeito das más condutas, as desprezasse, em meio a tamanhos vícios minha idade vacilante mantinha-se corrompida pela ambição; e a mim, divergindo embora dos maus costumes dos demais, atormentava-me, pela fama e pela inveja, o mesmo desejo de honra que aos restantes. Então, quando meu ânimo teve descanso das muitas misérias e perigos e decidi manter o restante de minha vida longe da vida pública, não quis exaurir meu bom ócio na apatia e na indolência, ou mesmo passar a vida voltado ao cultivo do campo ou à caça, tarefas de escravos; mas, tornando àquele mesmo projeto e estudo de que me apartara a má ambição, decidi minuciar os feitos do povo romano por partes, conforme cada um parecesse digno de recordação [...].

2) Platão (*Ep.* 7, 325d-326a) [...] a legislação e a moralidade estavam corrompidas a tal ponto, que eu, inicialmente pleno de ardor para trabalhar a favor do bem público, considerando esta situação e vendo como tudo caminhava à deriva, acabei por ficar confuso. Não deixei, entretanto, de procurar nos acontecimentos e especialmente no regime político os pos-

63. Cf. GRETHLEIN (2006: 136).

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

síveis indícios de melhoras, mas esperei sempre o bom momento para agir. Acabei por compreender que todos os Estados atuais são mal governados, pois a sua legislação é praticamente incurável sem enérgicos preparativos coincidindo com felizes circunstâncias. Fui então irresistivelmente conduzido a louvar a verdadeira filosofia e a proclamar que somente à sua luz se pode reconhecer onde está a justiça na vida pública e privada⁶⁴.

Parece-nos que, na passagem em questão, Salústio está a se colocar, conforme dissemos, como o Platão romano da historiografia: assim como este estaria plenamente justificado em abandonar a vida pública e dedicar-se à filosofia, o mesmo se daria com aquele em relação à história. O cotejo entre os dois contextos, no entanto, mostra que há uma imperfeição nessa relação de proporção: trata-se justamente do fato de Salústio se haver deixado tomar pela corrupção reinante⁶⁵, elemento que, como se nota, não se encontra no relato de Platão.

Somente após suas reflexões sobre o corpo e o espírito e sobre a escrita da história é que Salústio faz uso dos tópicos protocolares dos prefácios do gênero historiográfico — enunciar o subgênero da obra, o seu tema e a justificativa deste, a intenção de imparcialidade do autor, a busca da fidedignidade (IV, 3–5).

Ao dizer que minuciará os feitos do povo romano (a expressão em latim, *res populi Romani*, também pode ser traduzida por “a história do povo romano”), Salústio

64. Tradução de DA SILVA e MELO (2002: 50).

65. Embora pretenda nos fazer crer que isso foi motivado pela inocência da idade, Salústio contava cerca de 36 anos quando foi expulso do senado e 41 quando sofreu o processo por extorsão.

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

insere-se no gênero histórico; ao qualificar essa atividade com a expressão “por partes” (*carptim*), promove a escolha do subgênero da monografia histórica, que não tinha uma denominação própria na Antiguidade. Repare-se que uma nova qualificação, nessa mesma linha, é feita logo em seguida, quando diz “concisamente”, termo que parece carregado de dupla significação: de um lado, remete, tal como *carptim*, ao subgênero da monografia; de outro, à maneira como Salústio a escreverá, concisa e breve, como demonstraremos adiante. Por outro lado, quando acresce “conforme cada um parecesse digno de recordação”, está a atualizar um tópico dos prefácios historiográficos assim preceituado por Luciano:

Sempre que [sc. o historiador] fizer uso de um prefácio, começará por apenas dois elementos, não três, como fazem os oradores: deixando de lado a captação da benevolência, fornecerá a seus ouvintes o que é digno de atenção e aprendido⁶⁶.

O mesmo pode-se dizer da afirmação de que a conjuração é “sobremaneira memorável pela novidade do crime e do perigo”, conforme a sequência do preceito de Luciano mostra:

Estes [sc. os ouvintes] atentarão a ele se der mostras de que irá tratar de temas grandiosos, necessários, familiares ou úteis⁶⁷.

Por “novidade do crime”, pode-se supor que Salústio esteja se referindo a dois aspectos inusitados da conjuração: o fato de cidadãos da nobreza estarem lutando

66. LUCIANO, *Hist. Conscr.* 53.

67. *Idem, ibidem.*

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

contra a República, e esta contra aqueles⁶⁸; e o fato de Catilina ter se colocado à frente de um exército particular, uma vez que não estava investido de nenhuma magistratura pública⁶⁹.

OS RETRATOS

A biografia, que, entre os antigos, recebia o nome de “vida” (*bíos* entre os gregos, *uita* entre os latinos), era um dos subgêneros da historiografia antiga em que o louvor e o vitupério dos biografados tinham prioridade sobre a imparcialidade e a verdade, conforme afirma explicitamente Políbio, historiador grego do período helenístico⁷⁰. Esse subgênero é empregado em miniatura, de maneira ancilar, por assim dizer, nos retratos das figuras históricas, que constituem uma das partes tradicionais da narrativa histórica antiga.

Na *Conjuração de Catilina*, tais retratos, em que as personagens são apresentadas à luz da dicotomia *corpus/ animus* introduzida no prefácio, mostram-se perfeitamente adequados à ideia de Salústio de colocar a *virtus* [“virtude”] como o fulcro de toda a sua obra. Na formulação de Kraus e Woodman:

A principal preocupação de Salústio, ao longo de suas obras, é com a *uirtus*, ou seja, “o funcionamento do *ingenium* [o talento inato de uma pessoa e suas habilidades intelectuais] para realizar *egregia facinora* [“feitos egrégios”], obtendo, assim, *gloria*, pelo exercício das *bonae artes* — incluindo-se energia (*industria*), trabalho árduo (*labor*), integridade (*fides*), mo-

68. CHIAPPETTA (1996: 28, n. 32).

69. MACKAY (1962: 184).

70. Cf. Políbio, 10, 21. *Apud* AMBRÓSIO (2005: 76).

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

déstia (*pudor*) e autocontrole (*continentia*). Sua concepção de *uirtus* é aparentada à tradicional noção aristocrática romana — com a exceção de que a de Salústio é uma qualidade produzida pela própria pessoa, não dependendo de seu nascimento, atividade escolhida ou classe, nem sendo garantida por eles. Ele explora tal preocupação de diversas maneiras: por meio da discussão filosófica nos prefácios; da apresentação da *uirtus* corrompida ou pervertida (como no caso de Catilina e Jugurta) ou da *uirtus* misturada a elementos baixos, por vezes desviando completamente um homem de seu curso adequado (como no caso de Mário, Sula e Pompeu); e de uma comparação entre duas grandes figuras, cada uma das quais encarnando um aspecto da *uirtus* (César e Catão)⁷¹.

Há três retratos na *Conjuração de Catilina*: o de seu próprio protagonista, imediatamente após o prefácio (§v), o de Semprônia, personagem que participa da trama de maneira apenas indireta (xxv), e o de César em contraposição ao de Catão, um duplo retrato, comparativo, que recebe o nome técnico de síncrise (LIV). Catilina e Semprônia são exemplos de personagens viciosas (o primeiro era “dotado de índole má e depravada”, a segunda colocava tudo acima da honra e do pudor); César e Catão, de personagens virtuosas, embora cada um de uma maneira diferente (eram homens “de grande virtude, de caráter diverso”), como Salústio aponta em LIV e a síncrise procurará demonstrar verossimilmente.

AS DIGRESSÕES

A digressão é um dos mecanismos da historiografia antiga usados para evitar a monotonia da narrativa,

71. KRAUS & WOODMAN (1997: 11).

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

conferindo-lhe variedade e propiciando deleite a sua leitura. Apesar de sua denominação, cumpre notar que a digressão pretende-se, e efetivamente o é, intrínseca ao assunto tratado, não podendo ser retirada da obra sem prejuízo de sua unidade. Por sinal, o próprio Salústio sinaliza que assim seja no parágrafo final do capítulo v, que antecede e prenuncia a digressão:

Já que a ocasião nos lembrou os costumes da cidade, o próprio tema parece exigir que remontemos ao passado [...].

Na *Conjuração de Catilina*, a principal digressão, que trata do passado grandioso de Roma e da decadência dos costumes, encontra-se nos capítulos VI–XIII; a segunda digressão, em XVIII–XIX, trata da suposta primeira conjuração de Catilina; por fim, de XXXVI, 4 a XXXIX, 5, Salústio discorre, na terceira digressão, sobre os fatores que tornaram a conjuração possível.

OS DISCURSOS

Os discursos das personagens históricas presentes na *Conjuração de Catilina* podem parecer, a nossos ouvidos modernos, fora de lugar numa obra de caráter histórico: acostumados, desde o começo do século xx, a ver e ouvir, em gravações ou ao vivo, as declarações mesmas dos agentes da história, e afeitos a um conceito de verdade que sem dúvida era estranho aos antigos, poderíamos desqualificar a própria presença dos discursos na monografia como mera ficção. Contudo, cabe observar que a escrita da história, entre os antigos, inseria-se no domínio das letras, não no das ciências, e a criação do verossímil, que consideraríamos vício,

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

por aproximá-lo do falso, seria por eles julgada virtude, como marca de um escritor engenhoso. É exatamente por isso que Salústio, quando reconstrói o que suas personagens teriam verossimilmente dito em determinada situação, marca tal verossimilhança antes de começar cada discurso com o emprego do termo *huiuscemodi*, que traduzimos, ao longo de todo o livro, por “do seguinte teor”. Observemos alguns exemplos: No capítulo 20, Salústio apresenta o discurso de Catilina aos conjurados em sua casa, introduzindo-o pela seguinte observação:

Catilina, quando vê reunidos os que há pouco mencionei (*sc. os conjurados*), embora houvesse não raro tratado de diversos pormenores com cada um deles, julgando que seria útil falar e exortar a todos juntamente, retira-se para uma parte oculta de sua casa e ali, distante de qualquer testemunha, proferiu um discurso do seguinte teor (*orationem huiuscemodi habuit*).

Ora, mais do que nunca é necessário ao historiador observar de antemão que as palavras que se seguirão são uma reconstrução verossímil do que deve ter acontecido, uma vez que o leitor facilmente perceberia a impossibilidade de Salústio saber exatamente o que fora dito naquela circunstância, dado o caráter secreto do encontro e a ausência de qualquer testemunha que tivesse participado da conjuração — trata-se de uma maneira de conferir credibilidade ao discurso e ao próprio historiador. Idêntica é a razão para o uso da mesma expressão, com pequena variação na ordem dos termos (*huiuscemodi orationem habuit*), em LVII, que precede o discurso derradeiro de Catilina ao exército de conjura-

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

dos, antes da batalha final.

No caso dos discursos proferidos por César (capítulo LI) e Catão (capítulo LII) durante a deliberação dos senadores para decidir o destino dos conjurados que haviam sido capturados, a mesma estratégia e a mesma expressão, ou quase idêntica, são empregadas:

Ora, César, quando chegou sua vez e o cônsul solicitou seu parecer, falou palavras do seguinte teor (*huiuscemodi verba locutus est*);

e

Depois que César terminou seu discurso, os demais concordavam verbalmente com um ou outro, de maneira diversa. Porém, Marco Catão, consultado acerca de sua proposta, proferiu um discurso do seguinte teor (*huiuscemodi orationem habuit*).

Nestes dois casos, porém, podemos postular uma explicação um pouco diversa daquela que propusemos para os discursos de Catilina: como o próprio Salústio informa, o senado em peso estava presente à mencionada deliberação, e, pode-se supor, parte do público leitor da *Conjuração de Catilina*, apesar de passados cerca de 20 anos do evento, teria ainda alguma lembrança do que fora dito na ocasião. Salústio necessitaria, então, apontar a tais leitores que o que está prestes a referir não é exatamente o que foi dito na ocasião, mas uma reconstrução verossímil do mesmo, baseado no caráter de César e Catão, cuja síncrise apresentará logo após o discurso deste.

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

OS “DOCUMENTOS”

Também no caso daquilo que denominaríamos “documentos”, como as cartas citadas na *Conjuração*, Salústio faz uso da mesma estratégia empregada para os discursos, à exceção de dois casos em que pretende estar a transcrever sua cópia exata (xxxiv, 3; xl, 4). Assim, no final do capítulo 32, faz menção à carta enviada por Mânlio, um dos cabeças da conjuração, com as seguintes palavras:

Enquanto isso ocorre em Roma, Caio Mânlio manda a Márcio Rex enviados de seu contingente com ordens do seguinte teor (*cum mandatis huiuscemodi*).

Já quando se trata das cartas do próprio Catilina aos senadores, Salústio, construindo o seu *ethos* de imparcialidade, apresenta duas versões diferentes (xxxiv, 2–3):

2. Porém, de seu trajeto, Catilina envia cartas à maioria dos consulares, sobretudo a todos os bons cidadãos, em que afirma estar cercado de falsas acusações e que, por não ter conseguido resistir à facção dos inimigos, cedia à fortuna, partia para o exílio em Massília, não por ser cúmplice de crime tamanho, mas para que a República tivesse paz e que de sua resistência não nascesse uma sedição. 3. Quinto Cátulo leu no senado uma carta bastante diferente desta, que afirmava haver recebido da parte de Catilina. Uma cópia dela é transcrita abaixo (*Earum exemplum infra scriptum est*).

AS VERSÕES ALTERNATIVAS DOS FATOS E A IMPARCIALIDADE DO HISTORIADOR

A imparcialidade do historiador é construída também em algumas passagens em que Salústio apresenta mais de uma versão do mesmo fato, por vezes suspen-

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

dendo seu julgamento a respeito. É o que acontece, por exemplo, no capítulo 14, em que o historiador, logo após sua digressão acerca da decadência dos costumes de Roma, exemplifica-a precisamente pela enunciação dos tipos de homens que se haviam associado a Catilina. Em XIV, 7, aludindo com toda probabilidade a Cícero, faz menção a um rumor que, quer nos fazer notar, considerou e descartou em sua pesquisa:

Sei que houve quem julgasse que a juventude frequentadora da casa de Catilina tinha o pudor em pouca conta; mas tal rumor tinha força antes por motivos outros que por alguém o ter descoberto.

Conforme aponta Ramsey, “Cícero alude às relações sexuais entre Catilina e seus associados em diversas ocasiões [...]. Tais acusações são uma característica padrão da invectiva, e Salústio, muito corretamente, tem reservas quanto a um julgamento”⁷². O que está em jogo aqui é o reforço da afirmação de imparcialidade por parte do historiador, de um lado, e de busca da maior veracidade possível, de outro, ambas programaticamente apresentadas no prefácio da *Conjuração*, como vimos: quando Salústio aponta que havia outras motivações por trás de tais acusações, indiretamente quer dizer que, na qualidade de historiador, não as levará em conta em seu relato, porque constituiriam parcialidade, que, se na invectiva é virtude, na historiografia é vício. Dessa forma, mina a autoridade de Cícero, cuja alusão o leitor contemporâneo facilmente identificaria, e amplifica a sua; já quando diz que as alegações são infundadas e não

72. RAMSEY (2007: 99).

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

foram efetivamente descobertas, pretende mostrar que promoveu uma investigação factual independente, não se fiando cegamente nas fontes de que dispunha. A mesma tática pode ser observada em XXII, 3, passagem em que Salústio comenta o rumor de que Catilina teria feito os conjurados beberem sangue humano depois de lhe jurarem lealdade:

Alguns julgavam que essa e, de resto, muitas outras alegações haviam sido forjadas por aqueles que acreditavam abrandar o ódio que nascera posteriormente contra Cícero por meio da atrocidade do crime dos que foram executados. A nós, tal fato, em virtude de sua magnitude, não tem comprovação suficiente.

Mesmo não tendo comprovação suficiente, Salústio não deixa de apresentar o rumor. A nosso ver, isso tem uma dupla motivação: o relato, por sua natureza escabrosa, confere vivacidade e variedade à narrativa, cumprindo a função do deleite; por outro lado, oferece a Salústio nova oportunidade de reforçar seu *ethos* de historiador imparcial e pesquisador da verdade. Esta segunda observação, por sinal, também explica a enumeração das diversas versões do suposto envolvimento de Marco Licínio Crasso⁷³ na conjuração, no capítulo XLVIII, bem como a observação de que o próprio Salústio ouvira, em pessoa, uma explicação da boca de Crasso, o que coloca o historiador no centro dos acontecimentos e, consequentemente, confere-lhe maior credibilidade:

73. Marco Licínio Crasso (115–53), o senador que formara, a partir de 60, uma aliança de poder e influência com Pompeu e César, a que os historiadores tradicionalmente dão o nome de “primeiro triunvirato”.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

Houve, naquela época, quem julgasse que aquilo fora maquinado por Públio Autrônio para que, no caso de se acusar Crasso, ficasse mais fácil, com sua influência, proteger os demais com sua cumplicidade. Outros afirmavam que Tarquínio fora instigado por Cícero, a fim de que Crasso não perturbasse a ordem pública ao assumir, como era seu costume, a defesa de homens desonestos. Eu ouvi o próprio Crasso afirmar em público, posteriormente, que aquela terrível injúria fora-lhe imputada por Cícero.

Idêntica estratégia de construção do *ethos* de historiador, por fim, parece motivar, no capítulo 53, as observações acerca das muitas leituras, pesquisas e reflexões empreendidas por Salústio, numa passagem em que está a examinar as causas das grandes façanhas do povo romano no passado:

Ora, quanto a mim, que muito li, muito ouvi sobre as façanhas que o povo romano realizou na paz como na guerra, em mar e em terra, calhei de achar por bem observar que fatores sobretudo contribuíram para que se sustentassem tantas empresas. [...] E para mim, que muito refletia, era evidente que o egrégio valor de uns poucos cidadãos levara tudo a cabo, e por isso acontecera que a pobreza superasse as riquezas, que um pequeno número vencesse uma multidão.

A ELOCUÇÃO DA CONJURAÇÃO DE CATILINA

Passando ao domínio da elocução, a característica mais marcante da escrita de Salústio, a nosso ver, é sua tentativa de conferir um tom arcaizante a suas obras, que se observa em diversos níveis: ortográfico, morfológico, lexical, sintático. Comentando o aspecto lexical, Ernout assim explica a sua função:

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

esse recurso aos termos antigos parecia-lhe também necessário numa obra que exaltava as virtudes da Roma de outrora, opondo-as à corrupção contemporânea; enfim, ela conferia a sua obra aquela *grauitas* [“gravidade”] em que via o equivalente da *seminotes* [“solenidade”] tucididiana. Assim, Catão e o historiador grego foram os dois modelos que ele se propôs: foi a eles que emprestou esse colorido antigo, esforçando-se, geralmente com sucesso, para evitar a imperícia do primeiro ou a obscuridade do segundo⁷⁴.

Goodyear, por outro lado, pensa em três possíveis motivações para esse tom:

Sua motivação não pode ser explicada de maneira simples. Sem dúvida ele busca ampliar sua expressão, conferir-lhe uma dignidade particular: os romanos acreditavam (e não temos razão para duvidar) que o arcaísmo podia ter esse efeito. Ademais, quer mostrar que ele, pelo menos, fará uso das abundantes riquezas do latim mais antigo, que outros estavam cada vez mais renegando. Mas, acima de tudo, ao empregar a parataxe e evitar os padrões rítmicos caros aos oradores, ele de bom grado pareceria direto e honesto, como os menos artísticos dos antigos analistas. As armadilhas da retórica não cabem a um homem que professa dizer a verdade de maneira direta e breve⁷⁵.

No nível ortográfico, Salústio emprega as formas antigas em u em lugar das mais recentes, em i, como em *maxume* em lugar de *maxime* [“sobretudo”], *lubido* em lugar de *libido* [“desejo”], *lubet* em lugar de *libet* [“apraz”], entre muitos outros termos; no nível morfológico, em-

74. ERNOUT (1996: 27). Tradução nossa.

75. GOODYEAR (1996: 104). Tradução nossa. O autor parece empregar anacronicamente a palavra “retórica”, aqui, em sentido pejorativo.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

prega a desinência arcaica de terceira pessoa do plural do pretérito perfeito, *-ere*, em lugar de *-erunt*, como *inuasere* em lugar de *inuaserunt* [“tomaram de assalto”]; no nível lexical, temos o emprego de um vocabulário arcaizante e poético em diversas ocasiões, como no caso de *algor* [“frio”] em lugar de *frigus* [“frio”], por exemplo, ou o uso de um termo em seu sentido mais antigo, como no caso de *uenenum*, usado em sentido neutro, “droga”, apesar de, na época de Salústio, ter já adquirido o sentido negativo de “droga maléfica”, “veneno”; por fim, no nível sintático, sobretudo a parataxe⁷⁶. A *inconcinnitas* (“assimetria”) é uma das características da elocução das obras de Salústio que mais se afasta da preceituação ciceroniana para o gênero historiográfico, que demandava uma cadência regular e uniforme para o discurso historiográfico. Assim, por exemplo, em lugar de *alii...alii* (“uns...outros”), Salústio emprega, ainda que de maneira não sistemática (o que tornaria o efeito previsível), *pars...alii* (“parte...outros”), *alii...pars* (“uns...parte”) e mesmo *alii...pars...plerique* (“uns...parte...a maioria”):

Então de início os reis — pois tal foi, sobre as terras, o primeiro nome do poder —, opostos, parte [*pars*] exercitava a inteligência, outros [*alii*], o corpo (II,1).

De fato, para dizer a verdade em poucas, quantos, a partir dali, perturbaram a República sob pretextos honrosos, uns [*alii*], como a defender os direitos do povo, parte [*pars*], para que a autoridade do senado fosse a maior possível, lutavam, cada um, por seu próprio poder, simulando o bem público (XXXVIII, 3).

76. Cf. texto de GOODYEAR citado acima.

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

Porém, quando Tarquínio mencionou Crasso [...], alguns [*alii*] consideraram o caso indigno de crédito, parte [*pars*], embora o julgasse verdadeiro, por lhe parecer que em tais circunstâncias cumpria antes abrandar que provocar o enorme poder daquele homem, a maioria [*plerique*], devedora a Crasso por negócios particulares, conclamam que a denúncia é falsa [...] (XLVIII, 5).

Outras vezes, um advérbio é contraposto a uma locução adverbial com preposição, como em XLII, 2, *inconsulte ac ueluti per dementia* (“irrefletidamente e como que por demência”), ou um substantivo é contraposto a uma oração, como em IX, 3, *duabus his artibus, audacia in bello, ubi pax euenerat aequitate, seque remque publicam curabant* (“Com estas duas qualidades, a audácia na guerra, quando a paz chegara, a equidade, cuidavam de si e da república”).

A concisão salustiana, característica que parece tomar a Tucídides, é um dos traços da escrita da obra do historiador que mais chamou a atenção dos leitores antigos, se podemos julgar pela quantidade de comentários críticos a esse respeito que chegaram até nós. Quintiliano, por exemplo, faz menção à *breuitas Sallustiana* (“concisão salustiana”; 4, 2, 45 e 10, 1, 32), a seu *abruptum sermonis genus* (“estilo abrupto de linguagem”; 4, 2, 45) e, expressão que se tornaria célebre, à *immortalis Sallustiana uelocitas* (“velocidade imortal de Salústio”; 10, 1, 102); Aulo Gélcio denomina nosso autor *subtilissimus breuitatis artifex* (“um artífice da concisão extremamente preciso”: 3, 1, 6); Sêneca, o Rétor, como já apontado, compara a concisão de Salústio com a de Tucídides, pronunciando-se pela superioridade do pri-

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

meiro (*Con.* 9, 1, 13); e Sêneca, o filósofo, enfim, numa passagem de sua Epístola 114 em que está a tratar dos erros cometidos por Lúcio Arrúncio, imitador de Salústio, assim caracteriza a concisão salustiana:

quando Salústio estava na moda considerava-se o supprassumo do estilo: as sentenças abruptas, as frases inesperadamente sincopadas, a concisão obscura⁷⁷

Quatro são os fatores que contribuem para a concisão de Salústio⁷⁸: 1) elipse; 2) assíndeto; 3) uso frequente de infinitivos históricos; e 4) parataxe.

1) Uma célebre passagem em que ocorre a elipse do verbo *esse* (“ser”) é a do retrato de Catilina, em v, 3-4:

Corpus patiens inediae, alboris, vigiliae [sc. erat], supra quam cuiquam credibile est. Animus audax, subdolus, varius, cuius rei lubet simulator ac dissimulator [sc. erat]; alieni adpetens, sui profusus [sc. erat]; ardens in cupiditatibus [sc. erat]; satis eloquentiae, sapientiae parum [sc. erat].

Seu corpo suportava, mais do que se pode crer, a fome, o frio, o sono. Seu ânimo era ousado, astuto, versátil, simulador e dissimulador do que quer que fosse; desejoso do alheio, dissipador do que era seu, ardente nas paixões; grande era sua eloquência, sua sabedoria, parca.

2) Dos muitos exemplos de assíndeto na Conjuração de Catilina, o mais extenso e ousado parece ser o que se encontra em x, 1:

Sed ubi labore atque iustitia res publica creuit, reges magni

77. SÊNECA, *Ep.*, 114, 17 (tradução de J. A. SEGURADO E CAMPOS).

78. Cf. RAMSEY (2007: 12), de cuja lista se toma boa parte dos exemplos dados a seguir. O autor pensa, na verdade, em cinco fatores, mas o quarto, o uso de pares diametralmente opostos para evitar enumerações fastidiosas, não nos parece convincente.

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

bello domiti, nationes ferae et populi ingentes ui subacti, Carthago, aemula imperi Romani, ab stirpe interiit, cuncta maria terraeque patebant, saeuire fortuna ac miscere omnia coepit.

Porém, quando a república cresceu com o labor e a justiça, grandes reis foram domados pela guerra, gentes feras e povos poderosos foram submetidos à força, Cartago, rival do poderio romano, foi aniquilada pela raiz, todos os mares e terras estavam abertos, a fortuna passou a se enfiurecer e a pôr tudo em desordem.

3) O uso dos infinitivos históricos, ou seja, verbos no infinitivo assumindo o papel de verbos flexionados, traduzidos sistematicamente, aqui, pelo nosso presente histórico, confere vivacidade a diversas passagens da Conjuração de Catilina, como ocorre em VI, 4-5:

Igitur reges populique finitumi bello temptare, pauci ex amicis auxilio esse; nam ceteri, metu perculsi, a periculis aberant. At Romani, domi militiaeque intenti festinare, parare, alius alium hortari, hostibus obuiam ire, libertatem, patriam parentesque armis tegere.

Então os reis e os povos vizinhos os põem à prova com a guerra, poucos, dentre os aliados, vêm-lhes em auxílio, pois os demais, abatidos pelo medo, mantinham-se apartados dos perigos. Porém, os romanos, atentos na paz como na guerra, de pronto agem, preparam-se, encorajam-se uns aos outros, avançam contra os inimigos, defendem a liberdade, a pátria e os pais com suas armas.

Por vezes ocorre a alternância entre infinitivo histórico e verbo flexionado dentro de um mesmo período, acrescentando-se, à vivacidade, um efeito de estranheza e assimetria, como em XXI, 4:

Ad hoc maledictis increpabat omnis bonos; suorum unumquemque nominans laudare; admonebat alium egestatis, alium cu-

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

piditatis suae, complures periculi aut ignominiae, multos uictoriae Sullanae, quibus ea praedae fuerat.

Além disso, atacava a todos os bons cidadãos com improperios, elogia cada um dos seus chamando-os pelo nome; lembrava, a um, sua falta de recursos, a outro, sua cobiça, a diversos, o perigo ou a ignomínia, a muitos, a vitória de Sila, que lhes propiciara espólios.

4) O uso da parataxe, ou seja, a tendência a usar preferencialmente a justaposição de orações coordenadas em lugar da subordinação, além de conferir maior concisão à escrita da *Conjuração*, é também traço arcaizante, como já dissemos. Um exemplo dessa estratégia sintática ocorre logo no início da obra, quando encontramos uma oração introduzida por *nam* (“pois”) em lugar de uma subordinada relativa:

Igitur initio reges – nam in terris nomen imperi id primum fuit – diuorsi, pars ingenium, alii corpus exercebant.

Então de início os reis – pois tal foi, sobre as terras, o primeiro nome do poder –, opostos, parte exercitava a inteligência, outros, o corpo (II,1).

A TRADUÇÃO

A presente tradução, baseada na edição crítica de Alfred Ernout para a coleção Les Belles Lettres (1996), procura manter o tom arcaizante do original sobretudo pela escolha do léxico. Daí o uso de termos como “viajantes” em lugar de “viajantes”, “súplices” em lugar de “suplicantes”, “urbe” em lugar de “cidade”, “gentes” em lugar de “povos”, “labor” em lugar de “trabalho”, “gestas” em lugar de “feitos”, “sofrer” em lugar de “suportar”, entre outros que deixamos ao leitor atento desco-

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

brir. Das demais características da elocução salustiana, algumas são vertidas literalmente, dada a possibilidade oferecida pela língua portuguesa de se manter o mesmo efeito, como ocorre no caso do uso dos assíndetos, por exemplo, ou da assimetria, conforme ilustram os exemplos citados acima. Outras, porém, como os quiasmos e as figuras etimológicas, nem sempre são mantidas na tradução. Optamos, em lugar de uma literalidade que seria servil, pois que não funcional, adotar a chamada compensação tradutória, procurando resgatar o mesmo efeito em outras passagens. Em algumas passagens procuramos imitar, no sentido técnico e antigo do termo, a tradução de Barreto Feio, tradutor do século XVIII recentemente redescoberto entre nós com a publicação de sua versão da *Eneida*, de Vergílio, organizada e anotada por Paulo Sérgio de Vasconcellos. O leitor curioso fará a comparação entre os contextos das passagens que imitam e as imitadas, podendo daí tirar suas conclusões acerca das escolhas feitas.

AGRADECIMENTOS DO TRADUTOR

Agradeço a Marlene Lessa Vergílio Borges pelo apoio, incentivo e, particularmente, pelas incontáveis sugestões de melhorias na tradução; aos meus professores de latim da USP, que me apresentaram Salústio e a *Conjuração de Catilina*; aos meus alunos, que em vários cursos de língua latina criticaram e melhoraram os primeiros esboços da tradução; a Adriano Aprigliano, Marcelo Vieira Fernandes e Breno Battistin Sebastiani pela leitura cuidadosa de uma primeira versão da tradução, há

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

mais de dez anos; a minha família, pelo apoio, suporte e carinho incondicionais; a meus colegas-amigos/amigos-colegas e, particularmente, a Santo Edi, Saint Lévy, Sainte Hélène e Saint Pierre, salvadores.

E à Adriana, sempre, por tudo.

Adriano Scatolin

BIBLIOGRAFIA

PRIMÁRIA

AGOSTINHO. *A Cidade de Deus. (Contra os pagãos)*. Parte I (Livros I a X). 6ª Ed. Trad. Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 2001.

APIANN. *Roman History*. Vol. III. English translation by Horace White. London, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2002.

CLARK, A. C.M. *Tulli Ciceronis Pro T. Annio Milone: Ad Iudices Oratio*. Oxford, Clarendoon Press, 1895. Oxford, 1895.

CICERO. *As Catilinárias, Defesa de Murena, Defesa de Árquias, Defesa de Milão*. 1974. Intr. Trad. notas Sebastião Tavares de Pinho. Lisboa: Verbo, 1974.

CÍCERO. “*Ad. fam. 12*, tradução de Adriano Scatolin”, in *Lingua e Literatura*, 27 (2002/2003), São Paulo: Humanitas, 2010.

CICERO. *Letters to Friends*, Vol. II (edited and translated by D. R. SHACKLETON BAILEY). Cambridge/London, Harvard University Press, 2001.

CICERO. *Select Letters* (edited by D. R. SHACKLETON-BAILEY). Cambridge, Cambridge University Press, 2000.

CICERONE. *Dell'oratore* (con un saggio de Emanuele Narducci). Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, 2006.

DIO CASSIUS. *Dio's Roman History*. Vol. III. With an English Translation by Earnest Cary. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd, 1984.

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

- DIO CASSIUS. *Dio's Roman History*. Vol. IV. With an English Translation by Earnest Cary. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd, 1987.
- DYCK, A. R. *A Commentary on Cicero, De Legibus*. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 2004.
- ERNOUT, A. *Salluste — Catilina, Jugurtha, Fragments des Histoires*. Les Belles Lettres, 1996.
- LEWIS, R. G. *Asconius Commentaries on Speeches by Cicero*. Oxford University Press, New York, 2006.
- LUCIAN. "How to write History". In: Lucian, Vol. VI (with an English translation by K. KILBURN). Cambridge/London, Harvard University Press, 1990, pp. 1-73.
- OROSE. *Histoires (Contre les Païens)*. Livres I-III. Texte établi et traduit par Marie-Pierre Arnaud-Lindet. Paris: Les Belles Lettres, 1990.
- RAMSEY, J. T. *Sallust's Bellum Catilinae*. 2ª ed., Oxford University Press, Oxford, New York, 2007, p. 2.
- VELLEIUS PATERCULUS E FLORUS. *Histoire Romaine*. Texte revu et traduit par P. Hainsselin et H. Watelet. Paris: Librairie Garnier Frères, 1932.
- PINHO, S. T. de. (introdução, tradução e notas das *Catilinárias*). Cicero. Vol. 1. Lisboa/São Paulo, Verbo, 1974.
- PLINIUS. *Epistularum Libri Decem* (recognovit breuique adnotatione critica instruxit R. A. B. MYNORS). Oxonii, e typographeo Clarendoniano, 1968.
- PLINY THE YOUNGER. *The Letters of Pliny the Younger* (translated with an introduction by Betty Radice). London, Penguin Books, s/d.
- SALLUST. *Bellum Catilinae* (edited, with introduction and commentary, by J. T. RAMSEY, 2nd edition). Oxford University Press, 2007.
- SALLUSTE. *La Conjuration de Catilina*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout; introduction et notes par Martine Chassignet. Paris, Les Belles Lettres, 1999.
- SALLUSTE. *La Conjuration de Catilina, La Guerre de Jugurtha, Frag-*

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

ment des Histoires. Texte établi et traduit par Alfred Ernout, revu et corrigé para J. Hellegouarc'h. Paris, Les Belles Lettres, 1996.

SALLUSTIO. *Sallustio em Português* (por J. V. BARRETO FEIO). Paris, Livraria Nacional e Etrangiera, 1825.

SALLUSTIUS. *De Catilinae coniuratione* (a cura di E. MALCOVATI). Torino, Paravia, 1956.

SALUSTIO. *Conjuración de Catilina, Guerra de Jugurta, Fragmentos de las "Historias"*. Madrid, Gredos, 1997.

SALÚSTIO. *A Conjuração de Catilina, A Guerra de Jugurta* (tradução de Antônio da Silveira Mendonça). Petrópolis, Vozes, 1990.

SÊNECA. *Cartas a Lucílio* (tradução, prefácio e notas de J. A. SEGURADO E CAMPOS). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

SÊNECA, EL VIEJO. *Controversias* (libros VI-X) - *Suasorias*. Trad. y notas de Ignacio Javier A. Lajara, Esther Artigas Alvarez y Alejandra de Riquer Permanyer. Madrid: Editorial Gredos, 2005.

SUETONIUS. *The lives of the Caesars (continued), The lives of illustrious men*. Vol. II, English translation by J. C. Rolfe. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; London: William Heinemann, Ltd, 1979.

QUINTILIAN. *Institutio Oratoria of Quintilian*. Vol. I (Books I, II, III). Translation H. E. Butler. Cambridge, Massachusetts, London, 1989.

———. *The Orator's Education*. Books 3-5. Edited and translated by Donald A. Russell. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University press, 2001.

———. *The Orator's Education*. Books 6-8. Edited and Translated by Donald A. Russel. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University press, 2001.

———. *The Orator's Education*. Books 9-10. Edited and Translated by Donald A. Russel. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University press, 2001.

QUINTILIANO. *La Formazione dell'Oratore*, Volume Terzo, libri IX-XII (traduzione e note di C. M. CALCANTE. Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, 1997.

POSFÁCIO: SALÚSTIO E A CONJURAÇÃO

TACITE. *Annales* Livres 1-III. Texte établi et traduit par Henri Goelzer. Paris: Les Belles Lettres, 1953.

WOODMAN, A. J. "A Note on Sallust, Catilina 1.1". In: *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 23, No. 2, 1973, p. 310.

SECUNDÁRIA

AMBRÓSIO, R. *De rationibus exordiendi: os princípios da história em Roma*. São Paulo, Humanitas, 2005.

BAKER, R. J. "Sallustian Silence". *Latomus*, T. 41, Fasc. 42, 1982, pp. 801-802.

CHASSIGNET, M. "Introduction" in *Salluste, La Conjuration de Catilina*. Paris: Les Belles Lettres, 1999.

CHIAPPETTA, A. "Não Diferem o Historiador e o Poeta ... Texto Histórico como Instrumento e Objeto de Trabalho". *Língua e Literatura*, 22, 1996, pp. 15-34.

EARL, D. "Prologue-Form in Ancient Historiography". In: *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt – Von den Anfängen Roms bis zum Ausgang der Republik*, v. 2. Berlin / New York, Walter de Gruyter, 1972, pp. 842-856.

FRIER, B. *Libri Annales Pontificum Maximorum – The Origins of the Annalistic Tradition*. The University of Michigan Press, 1999-2002.

KRAUS, C. S. & WOODMAN, A. J. "Sallust". In: *Greece & Rome*, New Surveys in the Classics No. 27, Latin Historians. Oxford, Oxford University Press, 1997.

KRISTELLER, P. O. & BROWN, V. (ORG.) *Catalogus Translationum et Commentariorum: Mediaeval and Renaissance Latin Translations and Commentaries: Annotated Lists and Guides*. Washington: CUA Press, 2003, 188.

GOODYEAR, F. D. R. "Sallust". In: *The Cambridge History of Classical Literature*, Vol. II, Part 2 – The Late Republic (edited by E. J. KENNEY). Cambridge, Cambridge University Press, pp. 94-106.

GRETHLEIN, J. "Nam quid ea memorem: The Dialectical Relation of Res Gestae and memoria rerum gestarum in Sallust's Bellum Iugurthinum". In: *Classical Quarterly*, 56, 2006, pp. 135-148.

A CONJURAÇÃO DE CATILINA

HARTOG, F.(org.). *A História de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001.

LEEMAN, A. D., "Review of *Sallust* by Ronald Syme", *Gnomon*, 39. Bd., H. (mar. 1967), pp. 57-61.

MARINCOLA, J. *Authority and Tradition in Ancient Historiography*. Cambridge, Cambridge University Press, 1999.

OSMOND, P. J. & ULERY, R. W. "Sallustius Fortuna", in, *Catalogus Translationum et Commentariorum: Mediaeval and Renaissance Latin Translations and Commentaries: Annotated Lists and Guides*. Washington: CUA Press, 2003.

RENEHAN, R. "A Traditional Pattern of Imitation in Sallust and His Sources". In: *Classical Philology*, Vol. 71, 1976, pp. 97-105.

SEBASTIANI, B. B. "A política como objeto de estudo: Tito Lívio e o pensamento historiográfico romano do século I. a. C." in *História e retórica: ensaios sobre historiografia antiga*. JOLY, Fabio D. (org.). São Paulo: Alameda, 2007, p. 79.

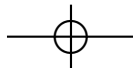
SYME, R. *Sallust*. London: University Of California Press, 1964.

VASCONCELLOS, P. S. DE. *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo, Humanitas, 2001.

USHER, S. *The historians of Greece and Rome*. University of Oklahoma Press, Norman/ Bristol Classical Press (1969) 1985.

WOODMAN, A. J. "A Note on Sallust, Catilina 1.1". In: *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 23, No. 2, 1973, p. 310.

----- *Rhetoric in Classical Historiography*. Routledge, London/New York: 1988.



COLEÇÃO HEDRA

1. *Iracema*, Alencar
2. *Don Juan*, Molière
3. *Contos indianos*, Mallarmé
4. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
5. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Pessoa
6. *Triunfos*, Petrarca
7. *A cidade e as serras*, Eça
8. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
9. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
10. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
11. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
12. *Mensagem*, Pessoa
13. *Metamorfoses*, Ovídio
14. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
15. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
16. *Carta sobre a tolerância*, Locke
17. *Discursos ímpios*, Sade
18. *O príncipe*, Maquiavel
19. *Dao De Jing*, Lao Zi
20. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
21. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
22. *Fé e saber*, Hegel
23. *Joana d'Arc*, Michelet
24. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
25. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
26. *Eu acuso!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
27. *Apologia de Galileu*, Campanella
28. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
29. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
30. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
31. *Poemas*, Byron
32. *Sonetos*, Shakespeare
33. *A vida é sonho*, Calderón
34. *Escritos revolucionários*, Malatesta
35. *Sagas*, Strindberg
36. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
37. *O Ateneu*, Raul Pompeia
38. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
39. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
40. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
41. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
42. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
43. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
44. *O gato preto e outros contos*, Poe
45. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
46. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
47. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci

48. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
49. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
50. *História da anarquia* (vol. 1), Max Nettlau
51. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
52. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
53. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
54. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
55. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
56. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
57. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
58. *No coração das trevas*, Conrad
59. *Viagem sentimental*, Sterne
60. *Arcana Cælestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
61. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
62. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
63. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
64. *Cultura estética e liberdade*, Schiller
65. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
66. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
67. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
68. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
69. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
70. *O chamado de Cthulhu e outros contos*, H.P. Lovecraft
71. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
72. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
73. *Entre camponeses*, Malatesta
74. *O Rabi de Bacherach*, Heine
75. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
76. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
77. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
78. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
79. *A metamorfose*, Kafka
80. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
81. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
82. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
83. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
84. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
85. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
86. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
87. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
88. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
89. *Gente de Hemsö*, Strindberg
90. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
91. *Correspondência*, Goethe | Schiller
92. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
93. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
94. *Poemas da cabana montanhesa*, Saigyô
95. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
96. *A volta do parafuso*, Henry James
97. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats

98. *Teatro de êxtase*, Pessoa
99. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
100. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
101. *Inferno*, Strindberg
102. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
103. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
104. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
105. *A carteira de meu tio*, Macedo
106. *O deserto*, Silva Alvarenga
107. *Jerusalém*, Blake
108. *As bacantes*, Eurípides
109. *Emília Galotti*, Lessing
110. *Contos húngaros*, Kosztolányi, Karinthy, Csáth e Krúdy
111. *A sombra de Innsmouth*, H.P. Lovecraft
112. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
113. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
114. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
115. *A fábrica de robôs*, Karel Tchépek
116. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. I)*, Schopenhauer
117. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
118. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
119. *Sobre a liberdade*, Mill
120. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
121. *Pequeno-burgueses*, Górkí
122. *Um sussurro nas trevas*, H.P. Lovecraft
123. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
124. *Educação e sociologia*, Durkheim
125. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
126. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamántis
127. *Lisístrata*, Aristófanes
128. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
129. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
130. *A última folha e outros contos*, O. Henry
131. *Romanceiro cigano*, Lorca
132. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
133. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
134. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
135. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal
136. *A cor que caiu do espaço*, H.P. Lovecraft
137. *Odisseia*, Homero
138. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
139. *História da anarquia (vol. 2)*, Max Nettlau
140. *Eu*, Augusto dos Anjos
141. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
142. *Sobre a ética — Parerga e paralipomena (v. II, t. II)*, Schopenhauer
143. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
144. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski

145. *A arte da guerra*, Maquiavel
146. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
147. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
148. *Oliver Twist*, Dickens
149. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
150. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont

«SÉRIE LARGEPOST»

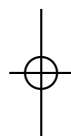
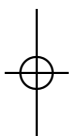
1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Cadernos: Esperança do mundo*, Albert Camus
3. *Cadernos: A desmedida na medida*, Albert Camus
4. *Cadernos: A guerra começou...*, Albert Camus
5. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
6. *O destino do erudito*, Fichte
7. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
8. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski

«SÉRIE SEXO»

1. *Tudo que eu pensei mas não falei na noite passada*, Anna P.
2. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
3. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
4. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
5. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Stoller
6. *A vênus de quinze anos*, [Swinburne]

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrimo o Islã no Brasil*, Karla Lima



Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro em nossas oficinas, em 19 de março de 2018, em tipografia Libertine, com diversos softwares livres, entre eles, Lua[®]TeX, git & ruby.
(v. coe36f7)

